



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE



JENNIFER LORENA AVENDAÑO ZAMBRANO

SOBERANIA ALIMENTAR:
TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA A CAFEICULTURA NA
REGIÃO DO VALLE DE TENZA, BOYACÁ, COLÔMBIA

JOÃO PESSOA, PB

2020

JENNIFER LORENA AVENDAÑO ZAMBRANO

**SOBERANIA ALIMENTAR:
TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA A CAFEICULTURA NA
REGIÃO DO VALLE DE TENZA, BOYACÁ, COLÔMBIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flavia de Oliveira Paulino

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Dias da Cruz

JOÃO PESSOA, PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

Z24t Zambrano, Jennifer Lorena Avendaño.

Transição da agricultura familiar para a cafeicultura
na região do Valle de Tenza, Boyacá, Colômbia /
Jennifer Lorena Avendaño Zambrano. - João Pessoa, 2020.
140 f. : il.

Orientação: Flavia de Oliveira Paulino.

Coorientação: Denise Dias da Cruz.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Agricultura familiar - Economia agrícola. 2. Cultura
alimentar. 3. Desenvolvimento rural. 4. Produção de
alimentos. I. Paulino, Flavia de Oliveira. II. Cruz,
Denise Dias da. III. Título.

UFPB/BC

CDU 338.43(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

JENNIFER LORENA AVENDAÑO ZAMBRANO

**SOBERANIA ALIMENTAR:
TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA A CAFEICULTURA NA
REGIÃO DO VALLE DE TENZA, BOYACÁ, COLÔMBIA**

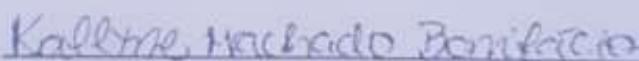
Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA - da Universidade Federal da Paraíba, como cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, na área de concentração Gerenciamento Ambiental.

Aprovada em: 27/02/2020

Banca examinadora:



Profa. Dra. Denise Dias da Cruz - PRODEMA/UFPB
Coorientador



Profa. Dra. Kallyne Machado Bonifácio - PRODEMA/UFPB
Membro Interno



Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros - UFPA
Membro externo

Dedico este trabajo a los campesinos y campesinas, afrodescendientes, indígenas, y a todos los que resisten mientras siembran y cultivan para alimentar a la población mundial. A todos los que luchan colectivamente para dignificar las labores campesinas, a quienes protegen el saber y la vida de quienes habitan el campo.

AGRADECIMENTOS

Obrigada ao Universo, que me levou por este caminho, ao ser supremo; quem sabe tudo, quem faz tudo, quem guia tudo.

Obrigada ao camponês que me deixou entrar na casa dele, ao camponês que tirou minha fome física e espiritual, ao camponês que também me alimentou o desejo de continuar trabalhando no campo.

Agradeço à minha família, por seu apoio seguro e incondicional, por ser o motivo da minha coragem. Graças aos meus pais; César e Myriam, por me educarem com sensibilidade, agradeço pelas caminhadas quando eu era criança, essas caminhadas nas quais aprendi a valorizar o ar, a água, a pureza dos animais, a natureza ... a vida. Agradeço por ter me contado as histórias das suas famílias de origem camponês, o que me levou a querer contribuir de alguma forma com aqueles que habitam o campo da minha região e da Colômbia. Aos meus irmãos; Carolina e César Ed., por ser meu exemplo, cada um à sua maneira. Obrigada à minha família por serem a minha inspiração para crescer, por estender as mãos para me impedir de cair, obrigada por estar sempre e não desistir de mim.

Agradeço a José Gabriel Pinzón Ch. que foi um apoio à distância desde o início desse projeto. Obrigada por cada palavra de incentivo, elas foram um estímulo para continuar. Gratidão, por ter permanecido junto a mim, mesmo distante, durante esses dois anos de aprendizado que foi além do acadêmico, mais um aprendizado para vida. A tua companhia tornou a jornada mais leve.

Obrigada aos amigos e amigas da Colômbia que mesmo com as tarefas do dia a dia, mantiveram o contato comigo e me deram o apoio nos momentos que precisei.

Aos meus amigos brasileiros; Virna, meu maior apoio e um ser humano incrível. Obrigada pela companhia e pela motivação, tanto para estudar quanto para criar lembranças que levarei sempre. Obrigada por abrir as portas da tua casa para mim e permitir-me ser parte da tua vida. Agradeço pelas noites que passamos escrevendo juntas e por cada dia que me deu a sua mão para não renunciar, incentivando-me com a tua fortaleza, coragem e exemplo.

Larissa Regis, Natália Costa, Flávia, Andressa Câmara, Filipe Magalhães, Manoel V. Vidal, Felipe Gómes ... amo vocês e vou levar cada um para sempre no meu coração. Que nossa

amizade seja para sempre. Deixo uma parte de mim neste país e levo uma parte de vocês comigo.

À todos os meus colegas da turma 2018, por todos os momentos compartilhados e vividos.

À professora Cristina Crispim, por ter sido a primeira pessoa em abrir as portas para que eu pudesse começar o caminho do mestrado.

À professora Flávia de Oliveira, por me acolher no seu grupo de orientandos, pela companhia durante este processo, pelo conhecimento, e os momentos compartilhados.

À professora Denise por ter me “salvado” no meio das incertezas, pela paciência, pelos conselhos, pela guia que fez com que eu saísse avante nessa última etapa do mestrado.

Aos meus professores de todas as disciplinas, por compartilharem seus conhecimentos e pelo maravilhoso trabalho que realizam. Admiro a sua profissão (a mesma do meu pai), porque conheço de perto o esforço, o compromisso e o amor de quem realiza a importante tarefa de ensinar e formar pessoas.

OBRIGADA a todos que fizeram parte desse momento da minha vida, essa conquista é o resultado daquilo que cada um de vocês fez por e para mim. ETERNA GRATIDÃO.

Testimonio de los campesinos de Guateque y Guayatá:

“Esu ya no se cultiva comu antes. A la juventú ya no le interesa quedarse puaquí.”

“Sumercé viera como eran los cultivos, era mucha belleza”.

“Antes la comida era buena, uno salía y cogía diretico del huerto pal caldo”.

“Uno siembra una papita y toca echale veneno porque sino eso se daña”.

“Aquí tenemos el maíz gaunzano, que es de aquí de la región”

*Si el montecito es el agua, si el monte es la vida entera
por qué de tan cruel manera lo ponemos a sufrir
Que pasó y en qué momento se nos quebró el sentimiento,
para matarlo a poquito y también con el morir.
¿Qué será de mi? (Qué será de mi)
¿Qué será de él? (Qué será de él)
Qué será de todos (Qué será)
Qué vamos a hacer (Qué vamos hacer)
El monte se muere (El monte se muere) Qué será de él (Qué será de él)
Qué será de todos (Qué será)
Qué vamos a hacer (Qué vamos hacer)*

Jorge Velosa Ruíz

RESUMO

A região do Valle de Tenza, Colômbia, apresenta uma situação de transição da agricultura familiar de alimentos diversos para a cafeicultura, com vista a um modelo de agronegócio. Para entender o panorama atual da soberania alimentar em Guateque e Guayatá, cidades do Valle de Tenza, foram avaliados aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais a partir de questionários e entrevistas semiestruturadas que foram aplicados a 40 famílias camponesas que praticam a agricultura familiar e/ou cafeicultura. Além disso, esses mesmos aspectos foram avaliados em 80 famílias de consumidores urbanos. Nas duas categorias, pretendeu-se conhecer a percepção dos entrevistados sobre a disponibilidade de alimentos da agricultura e as práticas alimentares atuais em relação às práticas alimentares que existiam há mais de 10 anos, além de investigar seus conhecimentos sobre a culinária tradicional da região. Os resultados desta pesquisa mostram que os camponeses possuem baixa escolaridade, pouco apoio do governo, não possuem renda fixa e são mal organizados (participam pouco de associações). Houve uma diminuição no cultivo de alimentos regionais que fazem parte dos pratos típicos da região e do nível local; o *poteco* ou *piquete* (adaptação do *cocido boyacense*), o *sancocho*, os *plátanos de fondo*, os *amasijos* a base de sagú e milho, entre outros, foram os que sofreram maior redução. Devido ao fenômeno de transformação que está atravessando a agricultura familiar na região do Valle de Tenza, os alimentos regionais mais representativos da região estão sendo substituídos por culturas mais rentáveis financeiramente, incluindo o café e algumas frutas que não eram tradicionalmente cultivadas no Valle de Tenza que estão tendo maior aceitação no mercado local e regional. Sendo importante considerar que o interesse em certos cultivos regionais tradicionais também diminuiu porque a população local não consome alguns alimentos ancestrais que eram cultivados antigamente. Portanto, ao ser reduzido o cenário comercial desses alimentos, seu cultivo deixa de ser financeiramente lucrativo, apesar de ter um solo adequado para sua produção. Essa redução pode gerar riscos relacionados à autonomia na produção dos alimentos, na garantia dos direitos na produção e comercialização, além de afetar a disponibilidade de alimentos e a transformação da identidade gastronômica dos valletenzanos, entre outros aspectos relacionados à soberania alimentar.

Palavras-chaves: Cultura alimentar, desenvolvimento rural, produção de alimentos, campesinato.

ABSTRACT

The region of Valle de Tenza, Colombia, presents a situation of transition from family farming of diverse foods to a coffee farming, with a view to an agribusiness model. To understand the current panorama of food sovereignty in Guateque and Guayatá, cities of Valle de Tenza, socio-economic and cultural aspects were evaluated from questionnaires and semi-structured interviews that were applied to 40 rural families that practice family farming and/or coffee farming. In addition, these same aspects were evaluated in 80 families of urban consumers. In both categories, it was intended to know the perception of the interviewees about the availability of food from agriculture and current food practices in relation to the food practices that existed more than ten years ago, in addition to investigating their knowledge about the traditional culinary of the region. The results of this research show that the peasants have low schooling, little government support, do not have a fixed salary and are poorly organized (few associations participate). There was a decrease in the cultivation of regional foods that are part of the typical dishes of the region and of the local level; the poteco or piquete (adaptation of the cocido boyacense), sancocho, plátanos de fondo, the sagu and corn-based amasijos, among others, were the ones that suffered the greatest reduction. Due to the transformation phenomenon that family farming is going through in the Valle de Tenza region, the most representative regional foods are being replaced by financially more profitable crops, including coffee and some exotic fruits that are having greater acceptance in the local and regional market. It is important to consider that interest in certain crops also declined because the local population does not consume some ancestral foods that were formerly grown. Therefore, as the commercial scenario of these foods is reduced, their cultivation ceases to be financially lucrative, despite having adequate soil for their production. This reduction can generate risks related to the autonomy and guarantee of rights in the production and marketing of food, as well as affecting the availability of food and generating the transformation of the gastronomic identity of Valletenzanos, among other aspects related to food sovereignty.

Keywords: Food culture, rural development, food production, peasantry.

RESUMEN

La región de Valle de Tenza, Colombia, presenta una situación de transición de la agricultura familiar de alimentos diversos para la caficultura, con miras a un modelo de agronegocio. Para entender el panorama actual de la soberanía alimentar en Guateque y Guayatá, ciudades del Valle de Tenza, fueron evaluados aspectos socioeconómicos, ambientales y culturales, a partir de cuestionarios y entrevistas semiestructuradas que fueron aplicadas a 40 familias campesinas que practican agricultura familiar y/o caficultura. Además, esos mismos aspectos fueron evaluados en 80 familias de consumidores urbanos. En las dos categorías, se pretendió conocer la percepción de los entrevistados sobre la disponibilidad de alimentos de la agricultura y las prácticas alimentarias actuales en relación a las prácticas alimentarias que existían hace más de diez años, además de investigar sus conocimientos sobre la culinaria tradicional de la región. Los resultados de esta investigación muestran que los campesinos tienen una escolaridad baja, poco apoyo del gobierno, no tienen un salario fijo y están mal organizados (participan poco de asociaciones). Hubo una disminución en el cultivo de alimentos regionales que hacen parte de los platos típicos de la región y del nivel local; el *poteco* o *piquete* (adaptación del *cocido boyacense*), el *sancocho*, los *plátanos de fondo*, los *amasijos* a base de sagú y maíz, entre otros, fueron los que sufrieron mayor reducción. Debido al fenómeno de transformación que está atravesando la agricultura familiar en la región del Valle de Tenza, los alimentos regionales más representativos están siendo sustituidos por cultivos financieramente más rentables, incluyendo el café y algunas frutas que no eran tradicionalmente cultivadas en el Valle de Tenza y que están teniendo mayor aceptación en el mercado local y regional. Siendo importante considerar que el interés en ciertos cultivos también disminuyó porque la población local no consume algunos alimentos ancestrales que eran cultivados antiguamente. Por lo tanto, al ser reducido el escenario comercial de esos alimentos, su cultivo deja de ser financieramente lucrativo, a pesar de tener un suelo adecuado para su producción. Esa reducción puede generar riesgos relacionados en la autonomía al producir los alimentos, en la garantía de los derechos en la producción y comercialización de alimentos, además de afectar la disponibilidad de alimentos y generar la transformación de la identidad gastronómica de los valletenzanos, entre otros aspectos relacionados a la soberanía alimentaria.

Palabras clave: Cultura alimentaria, desarrollo rural, producción de alimentos, campesinado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Feira Agroecológica. Bogotá – Colômbia.....	32
Figura 2. Localização das Províncias de Oriente e Neira em Boyacá – Colômbia	35
Figura 3. A. Localização do departamento de Boyacá no mapa Político administrativo da Colômbia. B. Localização das Províncias de Oriente e Neira.....	46
Figura 4. Pesquisa no campo – Área rural de Guateque e Guayatá.....	50
Figura 5. Coleta de dados na área rural e a área urbana em Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia	52
Figura 6. Atividade económica principal e atividades económicas complementares dos camponeses agricultores familiares de Guateque e Guayatá, Valle de Tenza, Colômbia....	57
Figura 7. Renda aproximada por entrevistados pela venda dos produtos.	59
Figura 8. Local de compra dos consumidores de alimentos de Guateque (A e B) e Guayatá (C e D) e motivação principal para essa escolha.	73
Figura 9. Mercado municipal de Guateque, Boyacá - Colômbia	76
Figura 10. Mercado municipal de Guayatá, Boyacá - Colômbia	77
Figura 11. A) Alimentos que os camponeses entrevistados deixaram de cultivar e B) percepção dos camponeses sobre alimentos com cultivo reduzido e/ou nulo nos últimos dez anos.....	80
Figura 12. Percepção dos consumidores sobre alimentos com cultivo reduzido e/ou nulo em toda a região do Valle de Tenza.	84
Figura 13. Pratos e/ou comidas típicas reconhecidas pelos A) produtores e B) consumidores de alimentos. As palavras localizadas no centro da imagem são aquelas respostas que coincidiram nas duas cidades.	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Frutas cultivadas em Boyacá. Plano Nacional de Frutas 2004.....	44
Quadro 2. Dados socioeconômicos dos camponeses de Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia. (Amostra de 40 agricultores).	55
Quadro 3. Dados socioeconômicos dos consumidores de alimentos de Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia. (N = 80 entrevistados).	72
Quadro 4. Principais alimentos que são cultivados pelos camponeses entrevistados em Guateque e Guayatá, Boyacá - Colômbia.....	79
Quadro 5. Percepção da população sobre a cafeicultura na região.	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Área total cultivada na Colômbia em 2017	37
--	----

LISTA DE ABREVIACÕES

AF - Agricultura Familiar

CISAN - Comissão Intersetorial da Segurança Alimentar e Nutricional

AIAF - Comitê Nacional de Promoção do Ano Internacional da Agricultura Familiar

DANCOOP - Departamento Administrativo Nacional de Cooperativas

FNC - Federación Nacional de Caficultores de Colombia

ICANH - Instituto Colombiano de Antropología e Historia

ICBF - Instituto Colombiano de Bienestar Familiar

IGAC - Instituto Geográfico Agustín Codazzi

IICA - Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura

VIA CAMPESINA - Movimiento Campesino Internacional

OBSAN - Observatório Nacional de Soberania Alimentar e Nutricional

ONU - Organização das Nações Unidas

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

PNA - Paro Nacional Agrário

PLANFES - Plano Nacional de Promoção da Solidariedade Rural e da Economia Cooperativa

Plano SAN - Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

SAN - Segurança Alimentar e Nutricional

PIB - Produto Interno Bruto

FIBL - Research Institute of Organic Agriculture

RDS - Red de Desarrollo Sostenible

TLC - Tratado de Livre Comércio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
1.1. OBJETIVOS	22
1.1.1. <i>Geral</i>	22
1.1.2. <i>Específicos</i>	22
2. REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1. SOBERANIA, SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA COLÔMBIA	25
2.2. REALIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR COLOMBIANA	27
2.2.1. <i>Estratégias de produção e comercialização de alimentos na Agricultura Familiar</i>	29
2.2.1.1. <i>Economia solidária</i>	29
2.3. AGRICULTURA EM BOYACÁ	33
2.4. CAFÉ, TESOURO COLOMBIANO	36
2.4.1. <i>Cafés Especiais no Valle de Tenza</i>	39
2.4.2. <i>Migração de camponeses que praticam a agricultura familiar para a cafeicultura</i>	39
2.5. IMPACTOS DO AGRONEGÓCIO SOBRE A ALIMENTAÇÃO DE UM POVO	41
2.6. ALIMENTOS REGIONAIS NO VALLE DE TENZA	43
3. METODOLOGIA	46
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	46
3.2. DEFINIÇÃO DA AMOSTRA	47
3.3. MÉTODOS E TÉCNICAS	49
3.3.1. <i>Observação participante</i>	50
3.3.2. <i>Questionários e entrevistas semi-estruturadas</i>	51
3.3.3. <i>Análise de dados</i>	52
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1. DIALÉTICA ENTRE AGRICULTURA FAMILIAR E CAFEICULTURA NA REGIÃO DO VALLE DE TENZA, COLÔMBIA: ASPECTOS PRODUTIVOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS	54

4.2.	IMPACTOS DA TRANSIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA O MODELO DE AGRONEGÓCIO, SOBRE A ALIMENTAÇÃO DE UM POVO: TRANSFORMAÇÃO DAS TRADIÇÕES ALIMENTARES NA REGIÃO DO VALLE DE TENZA, COLÔMBIA	71
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6.	REFERENCIAS	96
7.	APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO PARA PRODUTORES DE ALIMENTOS (CAMPONESES) E QUESTIONARIO PARA CONSUMIDORES DE ALIMENTOS	

1. INTRODUÇÃO

Em 2018, 820 milhões de pessoas encontravam-se em situação de fome no mundo (FAO, 2018). Esse cálculo é medido em relação ao índice de subalimentação, que atualmente se apresenta em maior porcentagem nos países africanos e asiáticos e em um aumento progressivo e lento na América Latina e no Caribe. Embora de 2006 a 2018 a Colômbia tenha reduzido sua população em situação de fome de 4,2 para 2,4 milhões (FAO, 2019), o país está em risco constante devido ao problema da pobreza, que é permanente.

De acordo com a classificação definida no último relatório das Nações Unidas, para reduzir a insegurança alimentar é importante estabelecer políticas públicas mais inclusivas em termos sociais e econômicos, especialmente em países mais dependentes da exportação de produtos básicos, como a Colômbia (FAO, 2019).

Na Colômbia, a produção agrícola ainda é abundante e Boyacá é um dos departamentos com a maior área rural e produção de alimentos, com 928.487 hectares para esse fim, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrícola do departamento¹ (BOYACÁ 7 DIAS, 2018). Tal entidade também destaca a contribuição ao setor financeiro por parte do campesinato boyacense, uma vez que esse departamento produz aproximadamente 741.988 toneladas de alimentos anualmente, refletindo o Produto Interno Bruto (PIB) de 13,5% no departamento, superior a 5,5% no resto do país o que tem um impacto importante na economia colombiana.

Considerado o departamento mais rural da Colômbia (FALS, 1957), Boyacá corresponde a uma região fornecedora de alimentos para a Colômbia. Isso, porque além de ser uma região com planícies e montanhas, apresenta diferentes condições de solos e tem uma agrobiodiversidade, o que faz com que exista uma produção de alimentos diversificada (SANTANDER, 2006).

No entanto, apesar do seu grande potencial de produção agrícola, ao longo dos anos, a crise do setor tem levado os camponeses a mudar constantemente suas práticas tradicionais. Então, os camponeses boyacenses, que na maior parte são pequenos agricultores familiares, tentam se adaptar não só às condições ambientais geradas, por exemplo, pelas mudanças no clima, mas às condições sociais que fazem pressão sobre a sua atividade econômica.

¹ Segundo a divisão político – administrativa, a Colômbia está conformada por 32 departamentos. Departamento é o equivalente a Estado no Brasil.

Os deslocamentos da população rural por causa da violência, os impactos dos Tratados de Livre Comércio (TLC) na agricultura, e os conflitos pela terra são problemas que fazem com que a produção agrícola seja afetada.

Na maioria dos casos, esses problemas são gerados por causa do conflito armado e a falta de uma reforma agrária que resolva os problemas legais da propriedade sobre as terras, o que provoca que os grandes empresários sejam beneficiados e os pequenos agricultores fiquem mais vulneráveis (PINILLA, 2013).

Por outro lado, a migração da população jovem que procura oportunidades de emprego e estudo nos centros urbanos, faz com que a mão de obra no campo seja escassa, além de ser uma das razões pelas que não existe uma transferência de conhecimentos ancestrais e tradicionais (ALSTON, 2016).

Além disso, os camponeses podem ser afetados com as mudanças que o mercado global impõe em relação aos hábitos alimentares da população, que acabam definindo de alguma forma, quais alimentos e em qual quantidade devem ser cultivados os alimentos, obrigando em muitos casos aos camponeses a mudar, nem sempre a forma de produção, mas os alimentos que são cultivados, para garantir a venda dos mesmos e ter assim uma melhor renda (SAATH, 2018).

Desta forma, tem sido observada uma aparente substituição de culturas regionais tradicionais por culturas exóticas e/ou culturas com melhor recompensa financeira, especialmente no mercado internacional, como ocorre com o café, que além de ser um cultivo de tipo agroindustrial, é o produto alimentar mais importante da Colômbia (DANE, 2019).

Nesse cenário do agronegócio, a região do Valle de Tenza na Colômbia tem começado um processo de cultivo que merece destaque. A região é constituída pela Província de Oriente e a Província de Neira, é uma depressão formada pelos rios Súnuba e Garagoa, possui microclimas e condições agroecológicas que permitem o cultivo de diferentes produtos que fazem parte da alimentação dos colombianos. Ali são cultivados frutas, legumes e cereais. Além disso, essa região faz limite geográfico com os departamentos de Cundinamarca e Casanare, que representam uma importante área de comercialização de alimentos. O Valle de Tenza fornece alimentos que satisfazem as necessidades da população de vários dos municípios da região em termos de qualidade e quantidade de alimentos.

Porém, durante a última década, tem se observado mudanças na produção de alimentos na área rural nos municípios pertencentes ao Valle de Tenza: a cafeicultura tem sido promovida com base no cultivo de cafés especiais como uma alternativa financeira promissora para a região. Assim, obteve-se nos últimos anos um importante reconhecimento

nacional e internacional pela qualidade do grão cultivado, tornando-se um dos principais alimentos cultivados nessa região de Boyacá ao ser classificado como "café especial, de alta qualidade" (CORPOCHIVOR, 2018).

As monoculturas causam uma série de modificações em torno dos solos, da água, da biodiversidade, da produção dos alimentos e em geral de todo o ambiente onde são implementados este tipo de modelos agrícolas. Especificamente no caso do café, quando cultivado como monocultura sem sombra, o uso de pesticidas empobrece o solo. Por outro lado, a lavagem do café com técnicas artesanais que não contemplam um sistema de tratamento de água contamina os solos e as fontes hídricas (ZAMBRANO, 1992). Além disso, monoculturas como o café exigem mais recurso hídrico para manter a produção em tempos de seca (PINHEIRO, 2008) e geram mais impactos que sistemas agroflorestais e/ou cultivos diversificados na composição química do solo e da água (OLIOSI, 2016). Em relação às condições sociais, monoculturas que fazem grande uso de mecanização e tecnologia, reduzem a necessidade de mão de obra rural, o que desencadeia processos de desemprego no campo e consequente migração para os centros urbanos do país.

Diferentes tipos de monoculturas podem causar a perda da agrobiodiversidade e a transformação da paisagem. Em relação a esses aspectos, na região do Valle de Tenza merece atenção especial, considerando-se que é uma região com tradição na produção diversa de alimentos, como é o caso do milho (*Zea mays*), que é um insumo básico de algumas preparações de pratos e bebidas típicas da região, as habas (*Vicia faba*), rubas (*Ullucus tuberosus*), nabos (*Brassica rapa subsp. rapa*) e cubios (*Tropaeolum tuberosum*), dentre outros. Esses alimentos são considerados ancestrais e também fazem parte representativa da cultura alimentar da região valletenzana e boyacense (VEGA; LÓPEZ, 2012) e é necessário se avaliar como está o cenário de disponibilidade desses alimentos, assim como sua produção. Um decréscimo na produção desses alimentos tradicionais não afeta apenas a cesta básica familiar, mas a cultura é empobrecida, gerando um quadro de risco para a soberania alimentar da região.

Assim, apesar dos evidentes impactos positivos econômicos e do reconhecimento da região em função da qualidade de exportação que o café possui, essa mudança no sistema de produção pode gerar uma alteração na quantidade e variedade de alimentos cultivados na região, considerando-se então uma possível transição da agricultura familiar para a instalação de um sistema de agronegócio do café, que faz com que seja afetada a autonomia das famílias camponesas e a soberania alimentar da região. O que já tem sido identificado em lugares como El Salvador e outros territórios ao longo da América Central onde tem sido

impulsionada a produção do café no modelo comercial de grande escala sem considerar os fracassos que isso pode trazer para os camponeses (COHN, et al., 2006). Por isso, torna-se relevante avaliar as condições atuais da agricultura familiar na região e os impactos ambientais, culturais e sociais, especialmente relacionados às questões de Segurança e soberania alimentar.

Em 2016, foi acordado entre a Mesa Campesina del Cauca e o Governo Nacional da Colômbia, que seria construído um conceito técnico para se referir ao “campesinato” com o objetivo de facilitar o trabalho relacionado com a inclusão da população rural na elaboração do Censo Nacional. Segundo o documento, nem todo aquele que habita o campo pode ser chamado de camponês, pois o camponês não lidera processos de produção agroindustriais e tampouco é latifundiário. Sendo essencial dizer que, quando for o caso, produz alimentos para autoconsumo e alguns excedentes para comercializar (ICANH, 2017). Por outro lado, o camponês realiza atividades diversas, mas sempre mantém o vínculo com o campo. Entre as atividades que são praticadas estão: agricultura, pecuária, atividades mineiras, pesqueiras e artesanais.

Nesse sentido, para esta pesquisa, ao longo do texto será usado o termo camponês para referir-se ao morador do campo que pratica a agricultura familiar e para o morador do campo que pratica a cafeicultura de pequena escala. Também, será diferenciado o agricultor dedicado ao agronegócio e o cafeicultor que produz esse alimento em grande escala.

1.1.OBJETIVOS

1.1.1. Geral

Analisar as condições da agricultura familiar e a transição para a cafeicultura em duas cidades do Valle de Tenza, uma das principais regiões produtoras de café especial da Colômbia.

1.1.2. Específicos

- Investigar aspectos ambientais, produtivos, econômicos e sociais dos camponeses que praticam a agricultura familiar de diversos alimentos e daqueles que estão envolvidos no processo de transição agrícola de policultura de alimentos regionais para a cafeicultura.

- Pesquisar o acesso aos alimentos regionais que tem sido cultivados tradicionalmente na região e avaliar se houve transformação nas práticas de alimentação pelos camponeses e os moradores das cidades investigadas.
- Investigar os riscos à soberania alimentar das populações produtoras de café.

Considerando esses objetivos, as hipóteses são que: a) Existem impactos nos aspectos socio-econômicos e ambientais devido ao processo de transição da agricultura familiar de alimentos regionais para a cafeicultura que está acontecendo há mais ou menos uma década na região do Valle de Tenza, Boyacá – Colômbia, por exemplo um acréscimo na renda dos camponeses que cultivam café em contraposição à conservação da agrobiodiversidade presente na região, e b) O deslocamento das policulturas de alimentos regionais e tradicionais podem causar riscos na soberania alimentar, além de ter um impacto na cultura alimentar da região, a qual estava baseada na maior parte no consumo de alimentos da terra que também contava com alimentos ancestrais e preparações de pratos típicos da região.

A presente dissertação está organizada no formato da ABNT. Esperando desenvolver dois artigos para publicação, desse modo, se optou por mostrar os resultados em dois tópicos independentes, procurando responder questões mais específicas dentro do objetivo geral proposto. A primeira parte dos resultados foca na transição da agricultura familiar para a cafeicultura, explorando as questões socio-econômicas e ambientais desse processo. A segunda parte explora as questões voltadas para a Segurança Alimentar e o processo de ameaça que a agricultura familiar dos camponeses agricultores pode sofrer em detrimento do sistema de produção comercial de café em grande escala na região do Valle de Tenza.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A prática da agricultura em grande parte do mundo encontra-se ainda baseada no modelo industrial, promovido desde a década de 1940, quando o conceito de "Revolução Verde" foi gerado como uma estratégia para superar a pobreza no mundo. Essa forma de produção foi proposta a partir da reunião realizada por Henry Wallace e Raymond Fosdick e a sua aplicação foi dirigida para os países menos desenvolvidos, especificamente os países da América Latina e México (CHILÓN, 2017). Com essa alternativa, buscou-se elevar o nível de produção de alimentos a partir de um método intensivo, ao mesmo tempo em que ofereceu uma entrada ampla e direta à indústria de insumos farmacêuticos e agroquímicos para controle de pragas e fertilização do solo para acelerar os processos de obtenção de

alimentos em menor tempo, desconsiderando os riscos que isso traria ao meio ambiente e à saúde (DEVINE et al., 2008).

Entre as consequências da implementação desse modelo está a desvalorização do conhecimento tradicional em relação à transformação de processos naturais por meio da manipulação das condições ambientais no setor agrícola e a supervalorização do conhecimento científico. Esse conhecimento objetiva garantir a produção acelerada de alimentos (LÓPEZ, 2012) e deixa de lado aspectos sociais e ambientais.

O modelo industrial de alimentos prioriza o capital e desconsidera que a agricultura é um sistema complexo. A agricultura de pequena escala, mais do que produzir alimentos para suprir necessidades biológicas é, dentre outras coisas, a base da relação entre camponeses-consumidores e, muito além disso, é a melhor alternativa de produção de alimentos que pode contribuir com o desenvolvimento económico de forma sustentável (VAN DER PLOEG, 2014).

Com a produção de tipo industrial, os camponeses passam a depender de insumos e, por lidarem com a pobreza, são impedidos de comprar produtos, diminuindo as possibilidades de gerar renda a partir da agricultura como atividade econômica principal, afetando a sua qualidade de vida (VÍA CAMPESINA, 2002).

Na Colômbia, o agronegócio tem uma ampla representação nas culturas de arroz (*Oryza* sp.), milho (*Zea mays*), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), cacau (*Theobroma cacao*) e óleo de palmeira de dendê (*Elaeis guineenses*), além de florestas, entre outras. Segundo a Red de Desarrollo Sostenible (RDS), algumas das monoculturas foram promovidas no âmbito da implementação do Plan Colombia² em 2001, quando se desenvolveu a estratégia de substituição de culturas ilegais no país (RDS, 2016).

A partir dessas alternativas promovidas pelo Estado Colombiano, emergiram culturas como a palmeira de dendê, uma das monoculturas mais importantes do país que, ao longo dos anos, deslocou culturas como milho, abacaxi e, principalmente, culturas de autoconsumo e produção familiar, comumente conhecido como “pancoger³”. Por exemplo, em departamentos como Sucre, localizado ao norte, no caribe colombiano, as terras que antes eram férteis e produziam alimentos para manter a autonomia alimentar da população, atualmente são ocupadas pela indústria de palmeira de dendê, afetando aos camponeses da região e a população em geral (RADO, 2017).

² Acordo bilateral entre os governos da Colômbia e os Estados Unidos que tinha como uns dos objetivos eliminar o narcotráfico.

³ Termo usado na Colômbia para definir às culturas de subsistência.

2.1. Soberania, Segurança Alimentar e Nutricional na Colômbia

A partir do debate gerado em 1996 na Cúpula Mundial da Alimentação, a soberania alimentar ocupou um lugar importante nas discussões da Organização para Agricultura e Alimentação (FAO), vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), e outros espaços onde foram discutidas questões relacionadas ao valor da baixa produção agrícola. Entre essas discussões estão políticas mais justas, reconhecimento e valorização do trabalho camponês e a contribuição da agricultura para reduzir os níveis de fome no mundo.

Tratando-se de movimentos políticos, é indispensável fazer ênfase no Movimento Campesino Internacional – VIA CAMPESINA, que reúne grupos de camponeses e camponesas e os representa em diferentes cenários políticos no mundo inteiro, na busca constante de acordos entre os governos e o campesinato, que garantam melhores condições para os camponeses. Sendo importante esclarecer aqui, que este grupo também é conformado por comunidades negras e indígenas, que diferente dos camponeses já foram legalmente classificados como minorias.

A origem do conceito de soberania alimentar tem sido bastante discutido devido à existência de diferentes setores que parecem ter se interessado por debater sobre este assunto em diferentes momentos da história (EDELMAN et al., 2014). No entanto, é geralmente reconhecido que esse conceito foi promovido e descrito pelo Movimento Mundial Campesino - Via Campesina, e baseia-se no desenvolvimento rural e agrícola e no direito dos habitantes de organizar e construir de forma autônoma os sistemas que possam beneficiar os povos sem colocar sobre isso, o mercado e o capitalismo (VIA CAMPESINA, 2003). A Via Campesina, também tem como eixo principal às mulheres e homens camponeses, priorizando o impulso da produção local, regional e nacional com base em sistemas ambientais, sociais, econômicos e políticos mais sustentáveis (VIVAS, 2011).

Segundo essa organização, a soberania alimentar não pretende proibir o comércio internacional, mas prioriza os direitos da população de contar com métodos de produção de alimentos que sejam inócuos, realmente nutritivos e ecologicamente sustentáveis (VIA CAMPESINA, 2003).

Por parte da Colômbia, encontram-se vinculados à Via Campesina: A Asociación Nacional de Zonas de Reserva Campesina (ANSORC); Proceso de Comunidades Negras (PCN); Coordinador Nacional Agrario (CNA); Federación Nacional de Cooperativas Agropecuarias (FENACOA); Federación Nacional Sindical Unitaria Agropecuaria (FENSUAGRO); Asociación Campesina del Valle del Río Cimitarra (ACVC); Asociación

Campesina y Popular (ASOCAMPO); e a Asociación de Pequeños y Medianos Cafeteros (APEMECAFE) (VÍA CAMPESINA, 2019).

Através de associações e cooperativas, os camponeses e camponesas, ao longo dos anos, também concentraram seus esforços na criação de alternativas e espaços que permitam o comércio justo. Então, dentro das opções que surgem da soberania alimentar para manter seus princípios no desenvolvimento da agricultura, as redes de economia social e solidária ocupam um lugar importante, já que funcionam a partir da participação coletiva e voluntária, em um cenário em que o conhecimento é compartilhado em torno de um benefício comum, com o apoio e a solidariedade, gerando assim autonomia e justiça que levam à sustentabilidade (LAVILLE, 2009).

Desde o ano 2008, o território colombiano possui uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) aprovada, que visa “Garantir que toda a população colombiana disponha, acesse e consuma alimentos de maneira permanente e oportuna, em quantidade, variedade, qualidade e segurança suficientes”. Este documento propõe como linhas de ação:

A oferta de alimentos e desenvolvimento de mercado, promoção de formas associativas e acesso aos fatores produtivos, garantia de acesso aos alimentos, proteção da saúde e a nutrição, pesquisa científica e tecnológica, e capacitação dos trabalhadores (COLOMBIA, 2008).

A Política SAN da Colômbia parece concentrar esforços na produção de alimentos desconsiderando a integralidade do conceito de soberania alimentar em relação a alguns dos seus aspectos fundamentais: a autonomia da produção agrícola, as condições de sustentabilidade de sua origem, as políticas agrárias baseadas na justiça para com os camponeses e camponesas, e a história e cultura gastronômica das regiões, dentro outros aspectos. Isso pode ter repercussões no setor agrícola colombiano, uma vez que os governos departamentais e os municípios formulam suas próprias políticas, planos e programas relacionados à alimentação baseando-se na Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional de ordem nacional.

A Comissão Intersetorial da Segurança Alimentar e Nutricional (CISAN), que monitora a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional da Colômbia, foi criada pelo documento CONPES 113 de 2008 e regulamentado pelo decreto 2055 de 2009 (CONPES, 2009). Com isso, também foi coordenada a preparação do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Plano SAN) e promovida a criação do Observatório

Nacional de Soberania Alimentar e Nutricional (OBSAN). Nesse sentido, é estabelecido um organograma que visa garantir a correta execução da Política em todo o território nacional.

Sabendo que a soberania alimentar é entendida como um conceito no qual convergem aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, a criação de grupos e comunidades que buscam fortalecer a solidariedade, a justiça e a independência financeira na esfera produtiva, a soberania alimentar pode ser interpretada mais do que como um conceito, como um assunto político que tem gerado grupos e movimentos de camponeses que acabam envolvendo também os consumidores em torno de uma causa só (MENEZES, 2016).

2.2. Realidade da agricultura familiar colombiana

O processo de globalização e industrialização dos mercados, juntamente com o acelerado crescimento populacional, geraram mudanças na economia mundial e, é claro, na dinâmica social (PESQUERA et al., 2009). Atualmente, no caso da Colômbia, o setor agrícola é constantemente afetado pela demanda que deve ser atendida, em contraste com as limitações relativas às condições como: alternativas restritas de tecnificação do campo, falta de planos e programas governamentais que beneficiem aos camponeses, o alto preço dos insumos para a produção de alimentos e as poucas estradas de nível secundário e terciário para o transporte desde a área rural para os centros urbanos dos alimentos produzidos no campo (CLAVIJO, 2018).

Além disso, com a prevalência do modelo agrícola de exploração e produção em larga escala, são observados impactos negativos sobre a biodiversidade, causando alterações no equilíbrio dos ecossistemas, colocando em risco a conservação de espécies animais e vegetais (IAVH, 2014).

Segundo a FAO e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a agricultura familiar é um setor que não tem um reconhecimento suficiente nas políticas públicas da América latina, sendo também relevante o fato da diminuição dos recursos e os riscos gerados pelas mudanças climáticas que tem uma influência iminente sobre a agricultura (FAO; BID, 2007).

Nesse contexto, a Agricultura Familiar (AF) pode ser considerada uma estratégia para enfrentar o atual modelo de produção em grande escala baseada no modelo imposto pela revolução verde, que faz pressão constante sobre as comunidades rurais e o seu sistema produtivo tradicional que na sua maioria é de autoconsumo e/ou venda de produtos cultivados em pequena escala.

A AF refere-se à produção agrícola de pequena ou média escala, que tem impactos menos negativos na relação homem-natureza, contribuindo também na redução da pobreza, melhorando a situação da segurança alimentar e fortalecendo o desenvolvimento rural sustentável, dentre outros (EGUREN, 2013).

Na Colômbia, para o ano 2013, a Agricultura Familiar ainda estava em discussão nas esferas política e acadêmica em relação à definição e a distinção entre "economia camponesa" e "pequeno agricultor". Além disso, estava mais relacionada à economia de subsistência em áreas rurais do que a um conceito mais definido e limitado (MACHADO, 2013). Atualmente, embora tenha se definido melhor o conceito, ainda não tem um suporte político suficiente em relação à legislação que trata este tipo de prática agrícola, pelo qual são constantes os debates acadêmicos questionando a postura do governo frente aos camponeses que praticam a agricultura familiar.

Recentemente, um dos eventos mais representativos para a Colômbia foi o “Paro Nacional Agrário” - PNA⁴. Acontecimento que conseguiu derrubar vários setores do país ao redor das causas sociais relacionadas com o setor agrícola e, assim, marcou um momento importante na luta camponesa, tornando-se mais visível o campesinato como um grupo político mais organizado diante das diferentes entidades estatais envolvidas na crise do país (ARIAS et al., 2015).

A organização de camponeses e camponesas em torno de causas coletivas tem levado ao posicionamento da agricultura familiar com bases mais sólidas, na medida em que estes se mobilizam como um grupo, fortalecendo-se mutuamente. Por exemplo, em 2012 se formou o Comitê Nacional de Promoção do Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF), o que ocorreu devido à necessidade de consolidação como um grupo mais consolidado (RENAF, 2016). Esse grupo contou inicialmente com a participação de organizações como ECONEXOS, MAELA, Instituto Mayor Campesino e Agrosolidária. E em 2016, tornou-se a Red Nacional de Agricultura Familiar RENAF (RENAF, 2016), que atua impulsando a Agricultura Familiar no sentido da autonomia e economia solidária.

Por outro lado, no ano 2017, foram definidos os linhamentos estratégicos de Política Pública para a Agricultura Camponesa, Familiar e Comunitária, onde foram estabelecidos os conceitos relacionados com a AF (COLOMBIA, 2017), onde além de determinar que este tipo de produção de pequena escala tem como característica o desenvolvimento das atividades numa área que de acordo com seu potencial de produção possa garantir a satisfação

⁴Greve Nacional Agrária da Colômbia que se apresentou no ano 2013.

das necessidades da família, denominada como Unidade Agrícola Familiar – UAF, sendo calculada seguindo o estipulado na Guia Operativa da UAF Predial.

2.2.1. Estratégias de produção e comercialização de alimentos na Agricultura Familiar

2.2.1.1. Economia solidária

Globalmente, a academia e as comunidades trabalham conjuntamente na busca do desenvolvimento local e regional diante da realidade do campo frente aos aspectos como a migração da população rural para centros urbanos, pobreza, controle de grandes indústrias sobre pequenos produtores, desigualdade na distribuição de terras, empobrecimento dos solos, limitações no acesso aos serviços públicos, pouco conhecimento sobre alternativas para produção mais sustentável, entre outros, assim como também nas alternativas de comércio mais justo dos produtos agrícolas (UNIANDES, 2019).

A economia solidária é apresentada como uma das estratégias geradas a partir da população para reativar o campo e gerar uma democratização da economia (SARRIA, 2009). Sendo assim uma forma de sistema econômico no qual não existe hierarquia, tal como existe no sistema econômico capitalista, que estabelece uma diferença entre proprietários e trabalhadores. Pelo contrário, a economia solidária, vai contra o capitalismo ao confiar em igualdade de condições e bem-estar naqueles que fazem parte dela (LEMAITRE; RICHER, 2015).

Esse exercício de trabalho conjunto também está baseado no comprometimento dos membros de cada projeto, na responsabilidade e na confiança exigidas pelo trabalho coletivo, na busca de uma melhoria no bem-estar das comunidades rurais, gerando também um impacto sobre a soberania alimentar (KLEIN, 2018).

O modelo de Economia Solidária implementado no Brasil tem sido representativo no mundo inteiro. Segundo estudiosos do assunto, a economia solidária surgiu após as crises dos anos 80 e 90, pois com a execução do Plano Real, as importações de produtos geraram uma situação complexa no setor, que teve, entre outras consequências, o aumento do desemprego. Então, ela surgiria como uma alternativa de sobrevivência (TOLEDO, 2016). De acordo com dados do World Cooperative Monitor – WCM e o Anuário de Cooperativismo Brasileiro 2019, atualmente existem no Brasil 6828 cooperativas, e 1613 pertencem ao setor agropecuário (WCM, 2019).

Por sua vez, na Colômbia, a economia solidária inicia-se na década de 50 e, apesar de não ter tido o destaque necessário nem de ser desenvolvidos projetos recorrentes desse tipo, é uma alternativa econômica que vem apresentando interesse nas políticas públicas e crescimento nos processos coletivos de camponeses nas últimas décadas (MARTÍNEZ, 2017).

Juntamente aos trabalhadores rurais, agregaram-se os grupos indígenas e afrodescendentes, por meio de suas lutas coletivas, nas quais expressam inconformidades perante o Estado e aos grupos ilegais envolvidos no conflito armado, os quais também tem um papel importante nas dificuldades do setor agrícola. Na Colômbia, o conceito de economia solidária, foi descrito na Lei 454 de 1998.

Além dos processos de economia solidária relacionados com a agricultura na Colômbia, são destacados os processos cooperativos dos catadores de lixo. Para essa categoria, também deve-se considerar não só o impacto financeiro, mas o impacto social, pois toda vez que os catadores de lixo decidiram se organizar para evitar os intermediários e melhorar a renda, eles também eram (e ainda são) vítimas da segregação social, sendo colocados em uma posição social relacionada diretamente com o próprio lixo que coletavam (LAVILLE, 2010).

As Políticas Públicas da Colômbia sobre economia solidária estão registradas desde finais dos anos 40, tendo seu maior momento em 1981, quando o Departamento Administrativo Nacional de Cooperativas (DANCOOP) foi instituído por lei. A partir daí foi formulado o Plano Nacional de Desenvolvimento Cooperativo (MARTÍNEZ, 2017).

Atualmente, em relação à legislação e às políticas públicas, uma das questões consideradas no Acordo de Paz é a Economia Solidária. De acordo com o registrado nesse documento, fala-se sobre a formulação do Plano Nacional de Promoção da Solidariedade Rural e da Economia Cooperativa (PLANFES), que define estratégias e modelos de gestão para:

Estimular diferentes formas associativas de trabalho de, ou entre, pequenos e médios produtores e produtoras, baseadas na solidariedade e a cooperação que promovam a autonomia econômica e a capacidade organizativa em especial a de as mulheres e rurais, e que fortaleçam a capacidade de acesso aos bens e serviços, à comercialização dos produtos e em geral a melhorar as condições de vida, de trabalho e de produção (COLÔMBIA, 2018, pg. 4).

Além disso, propõe uma Reforma Rural Integral Agraria que

...reconhece o papel fundamental da economia camponesa, familiar e comunitária no desenvolvimento do campo, a erradicação da fome, a geração de emprego e renda, a dignificação e formalização do trabalho, a produção de alimentos, e de

forma geral, no desenvolvimento da Nação, em coexistência e articulação complementar com outras formas de produção agrária (COLOMBIA, 2017, pg. 2).

Por sua vez, as entidades governamentais departamentais e locais têm aderido às políticas nacionais, implementando estratégias que fortalecem os processos de economia cooperativa e solidária. É esse o caso, por exemplo, dos Mercados Camponeses e das Feiras Agroecológicas. Os mercados camponeses tem sido classificados na Resolução 464 de 2017 – *Lineamientos Estratégicos de Política Pública para la Agricultura Campesina, Familiar y Comunitaria - ACFC*. Uma Política que tem como objetivo:

Planificar e fazer a gestão a ação integral do governo, e orientar a institucionalidade social ou privada visando fortalecer as capacidades sociais, econômicas e políticas das famílias, comunidades e organizações de Agricultura Campesina, Familiar e Comunitária com base no desenvolvimento rural com uma abordagem territorial que melhore a sustentabilidade da produção agrícola e gere bem-estar e bem viver para a população rural (COLOMBIA, 2017, pg. 3).

2.2.1.2. Mercados Campesinos e Feiras Agroecológicas

Desde 2005 foram implementados os “Mercados Campesinos” na Colômbia, como uma estratégia de comercialização que fizesse com que a venda dos alimentos fosse diretamente do produtor para o consumidor, eliminando aos intermediários. Além disso, foram uma alternativa para dar abertura aos camponeses na participação para a construção de Políticas Públicas relacionadas com a Segurança Alimentar (GONZÁLEZ; MONTENEGRO; GARCÍA, 2018).

Também, mantendo os princípios da Economia Solidária, a RENAFA realiza, desde 2017, a campanha “Con la Agricultura Familiar y sus Mercados llevo el Campo Colombiano”, que visa impulsionar os mercados étnicos, camponeses e agroecológicos, gerando um espaço comercial de produtos da agricultura familiar e sustentável, através de uma relação mais direta entre camponeses e consumidores, com preços justos que valorizam o trabalho camponês. No ano de 2018, a campanha contou com a participação de 57 mercados em 50 municípios e 11 departamentos (RENAFA, 2017).

Por outro lado, as Feiras Agroecológicas comercializam produtos que seguem processos de produção mais rigorosos, pois mantêm os princípios de agroecologia. Uma das principais é a Feria Agroalimentaria da Universidade Nacional da Colômbia (Figura 1). Estas

são diferentes dos mercados camponeses, na medida que nos mercados camponeses são vendidos alimentos que não estão necessariamente cumprindo com o estilo de produção que exige a agroecologia, por exemplo, alimentos produzidos sem agrotóxicos e sem uso de sementes transgênicas (CETRA, 2019). Porém, tanto as Feiras Agroecológicas quanto os Mercados Camponeses são caracterizados como um cenário de colaboração no qual são gerados processos de economia solidária.

Segundo a Resolução 464 de 2017, os mercados camponeses são um sistema de comercialização que permite a venda de produtos locais frescos e/ou processados, evitando intermediários e garantindo preços mais justos, aspectos que estão totalmente ligados à soberania alimentar.

Figura 1. Feira Agroecológica. Bogotá – Colômbia.

- A. Publicidade da Feira Agroalimentaria da Universidade Nacional da Colômbia. B. Alimentos orgânicos da região andina da Colômbia. C. Alimentos de empresa de Associação de apicultores. D. Produtos de Associação de agricultores.



Fonte: Registro fotográfico da pesquisadora, 2019.

2.3.Agricultura em Boyacá

A biodiversidade colombiana está em segundo lugar no mundo (RICHARDSON, 2017) e, sabendo que a agricultura está diretamente relacionada à biodiversidade, explica-se de alguma forma que na Colômbia o nível de produção de alimentos é alto e, portanto, o país tem reconhecimento em relação à sua capacidade de produção agrícola.

A agrobiodiversidade inclui culturas comestíveis, variedades tradicionais e melhoradas, variedades selvagens e, por outro lado, também abrange organismos do solo, insetos, bactérias, fungos e, em geral, todos os componentes envolvidos nos agroecossistemas (LOBO, 2008). A agrobiodiversidade tem um papel importante tanto no relacionado com a população rural que a preserva a partir das práticas tradicionais na agricultura quanto com a segurança alimentar na área onde ela se destaca (EMPERAIRE, 2016).

Conforme consta na Política Nacional de Gestão Integral da Biodiversidade e dos Serviços Ecossistêmicos, do Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Colômbia, embora não exista um registro muito claro da agrobiodiversidade e das espécies vegetais com potencial na agricultura, alguns autores avançaram na identificação destes, dentre os quais podemos citar as mais de 200 variedades de yuca/mandioca (*Manihot esculenta*) utilizadas pelas comunidades indígenas da Amazônia e as 22 variedades de arracacha/mandioquinha (*Arracacia xanthorrhiza*) cultivadas pelos indígenas Sibundoyes ou Kamtzá (COLOMBIA, 2002).

Nas últimas décadas, o setor agrícola da Colômbia mostrou um aparente crescimento. Para 2007, o PIB agrícola representava 8,3% do PIB nacional e empregava 19% da população assalariada do país (DANE, 2007), representando um dos setores que mais contribuem para a economia colombiana.

Boyacá, por sua vez, é um dos departamentos colombianos com a maior área rural e possui um alto nível de produção agrícola e pecuária, com 928.487 hectares para esse fim. Atualmente, apenas uma pequena parte do território é usada para a produção de leite, carne e produtos agrícolas. Para o ano de 2018, segundo dados da Secretaria de Promoção do Desenvolvimento Agrícola do Departamento, Boyacá apresentou uma produção agrícola de aproximadamente 741.988 toneladas de alimentos naquele período. Tal dado refletiu um PIB de 13,5% no departamento, sendo superior ao 5,5% do resto do país (BOYACÁ 7 DÍAS, 2018).

A produção agrícola na região cundiboyacense⁵ se destaca pela variedade de alimentos que produz, pois está localizada geograficamente em uma área onde existem latitudes diferentes e, portanto, temperaturas variadas, que variam de 9°C nas áreas mais frias, como no caso de Tunja (capital do departamento), que tem temperatura média de 15°C (TUNJA, 2018), a áreas mais quentes nos municípios de San Luis de Gaceno, com temperatura média de 25°C (SAN LUIS DE GACENO, 2016) e Puerto Boyacá com 28°C de temperatura média (PUERTO BOYACÁ, 2019). Segundo dados do Ministério da Agricultura, Boyacá possui um total de cinco climas: quente, temperado, frio, paramuno⁶ e nevado (MINAGRICULTURA, 2009).

Entre os produtos que são cultivados em Boyacá encontram-se: tubérculos como papa/batata (*Solanum tuberosum*), yuca/mandioca (*Manihot esculenta*), arracacha/mandioquinha (*Arracacia xanthorrhiza*); cereais como maiz/milho (*Zea mays*), trigo (*Triticum*) e cevada e outros alimentos como frijol/feijão (*Phaseolus vulgaris*), arveja/ervilha (*Pisum sativum*) e várias leguminosas. Além disso, diferentes produtos de frutas são cultivados, desde o tamarilho ou tomate arbóreo (*Solanum betaceum*) até culturas exóticas ou não tradicionais da região, como uchuva/physalis (*Physalis peruviana*), gulupa/maracujá roxo (*Passiflora edulis Sims*) e arandano/arando (*Vaccinium Myrtillus*), culturas que estão se expandido no departamento (BOYACÁ 7 DIAS, 2019).

Embora seja possível encontrar uma grande variedade de alimentos no departamento de Boyacá, que sempre foi considerado “a despensa” do país, monoculturas de alimentos como cebola e tomate são representativas na agricultura da região (CARACOL RADIO, 2012), produzidas principalmente nas Províncias⁷ de Sugamuxi e de Oriente, respectivamente.

É importante notar que a implementação de cultivos de tipo industrial, traz situações como a problemática ambiental do plantio de cebola no Lago de Tota, localizado no município de Aquitânia, em cuja margem é cultivado aproximadamente 90% do total de cebola que produz o departamento de Boyacá (Figura 2). Por causa disso, nesse ecossistema existem importantes alterações ambientais, sendo o Lago de Tota o corpo de água o receptor de produtos químicos usados para controle de pragas e fertilização do solo, além de ser

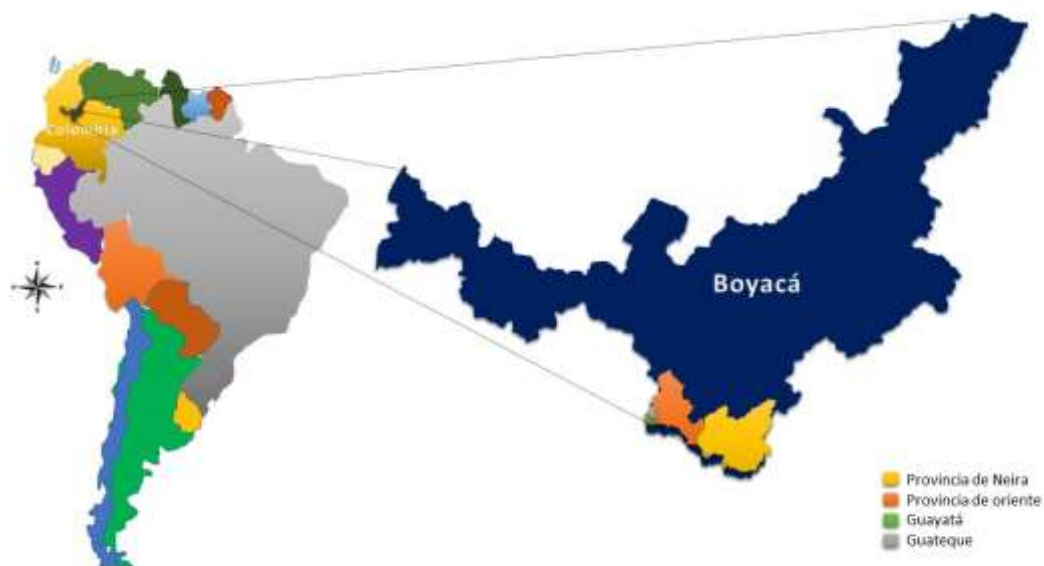
⁵Região composta pelos departamentos de Cundinamarca e Boyacá.

⁶Tipo de clima que corresponde aos Páramos (ecossistema neotropical de montanha que é encontrado em países localizados nos Andes).

⁷Subdivisão interna do departamento que está conformada por vários municípios.

também impactado pelos resíduos da piscicultura industrial e do despejo de águas residuais domésticas (CHAPARRO, 2013).

Figura 2. Localização das Províncias de Oriente e Neira em Boyacá – Colômbia



Fonte: Mapa elaborado pela pesquisadora (2020).

O Governo Nacional da Colômbia, tem planejado e implementado diferentes projetos ao longo da história, que visam aumentar a produção de alimentos. No entanto, alguns deles poderiam estar mal formulados devido à sua orientação para a produção em massa, gerando riscos para as policulturas. É, por exemplo, o caso do aguacate hass/abacate hass (*Persea americana*), um tipo de variedade mais usado na culinária, que tem maior porcentagem de gorduras líquidas benéficas e melhor sabor (SALAZAR; LAZCANO, 1999). Com a intenção de tornar a Colômbia o principal exportador deste alimento, sua produção tem sido impulsionada com visão de agronegócio nos últimos anos (COLÔMBIA, 2019).

Além do exposto, o uso de agrotóxicos na prática agrícola para produção em massa apresenta riscos tanto para os camponeses quanto para a população em geral que consome os alimentos, não apenas em relação à toxicidade desses produtos, mas também em termos da qualidade nutricional dos alimentos. Embora essa seja uma teoria ainda não definida totalmente, devido que existem estudos que destacam o valor nutricional dos alimentos orgânicos e outros que destacam os dos alimentos de produção convencional (ARAUJO et al., 2012). Dessa forma, Segurança Alimentar e Nutricional também estão em risco.

Segundo o Instituto de Pesquisa de Agricultura Orgânica – FIBL, em 2017, um total de 68,9 milhões de hectares estavam destinadas à agricultura orgânica, sendo Austrália, Argentina e China os países com uma maior área cultivada.

No caso específico da Colômbia, ainda não tem uma representação importante, em comparação com outros países da América Latina que se destacam, como é o caso da Argentina e Uruguai que são os que possuem uma área maior dedicada à produção de alimentos orgânicos. E Brasil, que além de ser também um grande produtor, tem o maior mercado do continente (FIBL, 2019).

2.4.Café, tesouro colombiano

O café é um dos produtos mais comercializados no mundo inteiro, sendo importante na economia mundial devido que gera uma renda aproximada de 15 bilhões de dólares por ano (PÉREZ; FIGUEROA; GODÍNEZ, 2015). Mundialmente, nos últimos anos, 75% da produção de café vem apenas de 10 países, entre os quais se destacam Brasil, Vietnã, Indonésia e Colômbia; e para esses países a venda desse produto significa mais de 20% da geração da sua renda total (RENDÓN, 2013).

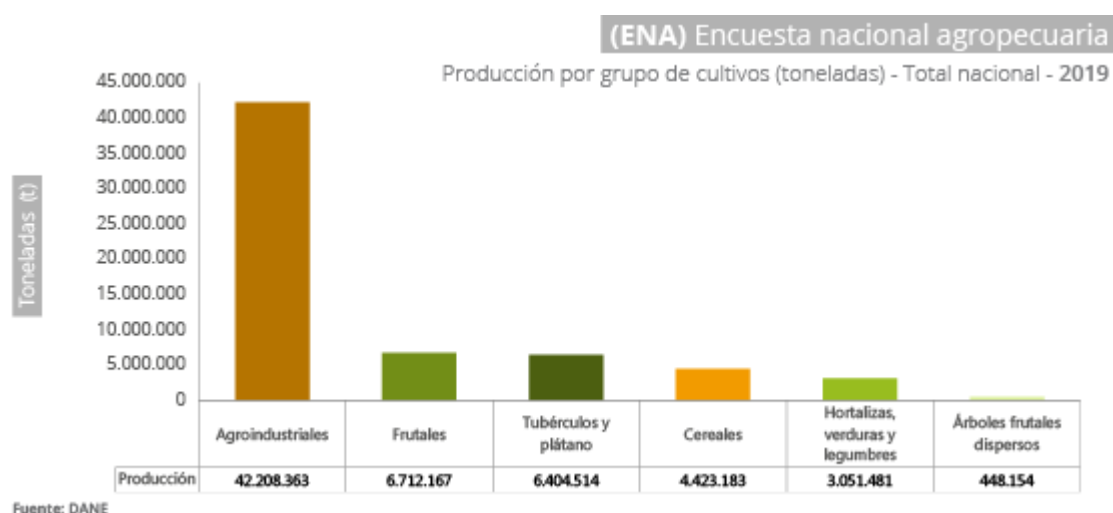
Embora a quantidade e a qualidade da produção do grão sejam incertas devido à sua dependência de fatores como: aumento ou diminuição de áreas cultivadas, acesso aos insumos, a quantidade coletada por safra, o clima e as consequências da forma de colheita no produto final, etc., para o período 2017-2018, a produção do café na Colômbia aumentou 9,3% em relação ao ano anterior, atingindo 170,2 milhões de sacos de café (FNC, 2018). Essa produção foi considerada como uma das melhores nos últimos tempos, e estima-se que, para finais de 2019, será atingido o recorde de 171 milhões de sacos, enfrentando a união dos cafeicultores com uma demanda excessiva do produto, o que traria uma queda no preço de venda (CLAVIJO, 2018).

Na Colômbia, o café é considerado o produto mais importante do país porque, devido à sua localização geográfica, à adequação dos seus solos e as latitudes variadas, o café colombiano possui uma qualidade especial, conferindo características de maciez, xícara limpa, acidez e corpo médio/alto, além de aroma pronunciado e completo (FNC, 2019). Dessa forma, o café é o principal alimento colombiano na produção comercial desde o século XX, quando foi consolidado como produto para exportação, mantendo-se ao longo dos anos e tornando-se a cafeicultura um setor essencial para a economia nacional. Atualmente possui mais de 500.000 famílias beneficiadas com essa cultura e é uma importante geração de renda

para a economia do país (FNC, 2019). Como apresentado na Tabela 1, os cultivos de tipo agroindustrial têm uma representação de mais de 40% do total de alimentos cultivados na Colômbia, e o café está classificado nessa categoria.

Dentro das estratégias de produção e comercialização de café, a Federación Nacional de Caficultores de Colombia (FNC) tem implementado o Programa de Cafés Especiais da Colômbia desde 1996. Com esse programa, a FNC pretende selecionar e comercializar cafés de regiões específicas do país que possuam características superiores e que podem alcançar um valor melhor, por constituir um grão mais apreciado pelos consumidores (FNC, 2014).

Tabela 1. Área total cultivada na Colômbia em 2019



Fonte: DANE, ENA (2019)

Tal programa divide o café em três categorias: De origem, Sustentável e de Preparação. O programa é considerado um dos mais importantes e que tem gerado reconhecimento internacional para o país. Em 2014, os cafés especiais atingiram 23% do total exportado de café colombiano (FNC, 2014), motivo pelo qual permanece em terceiro lugar no nível de produção, mas encontra-se no primeiro lugar em qualidade.

Os benefícios do cultivo do café em questões ambientais são frequentemente destacados, por exemplo, pela sua capacidade de estabilizar solos e conservar a biodiversidade quando são implementados métodos de cultivo agroflorestais (OIC, 2019). Entretanto, é importante considerar que, para que esses benefícios se tornem efetivos, é indispensável que as práticas agrícolas sejam adequadas e sustentáveis. Nesse sentido, os processos nas diferentes etapas devem ser processos mais limpos, uma vez que, para o

controle de pragas e a fertilização do solo, é comum o uso de produtos químicos e, no caso da lavagem, por exemplo, é gerado um impacto sobre o recurso hídrico.

Por outro lado, questões sociais e econômicas que podem impactar as comunidades rurais envolvidas na cafeicultura também não são muito debatidas. Assim, o cultivo de café em larga escala pode causar prejuízos financeiros a médio e longo prazo para os camponeses que decidem priorizar esse tipo de alimento nas suas lavouras. Isso se deve porque já foi observado no comportamento do mercado nos últimos anos que, tendo uma demanda crescente por produto, os preços de compra são visivelmente afetados (FNC, 2018).

Além disso, são os grandes proprietários de terras, os exportadores comerciais em larga escala e os intermediários os que obtêm mais benefícios. Camponeses e camponesas que produzem alimentos em pequena escala e que não fazem comercialização direta, são os grupos que suportam as crises dos preços, os altos custos de produção e, conseqüentemente, as perdas econômicas que isso traz (AFP, 2019).

Segundo o relatório de agosto de 2019 divulgado pela Organização Internacional do Café (OIC), no mundo as exportações de café aumentaram 9,5% em comparação com o mesmo mês de 2018. Durante os meses de outubro de 2018 e julho de 2019, as exportações colombianas de café suave aumentaram 7,6%, representando 12,59 milhões de sacas. Embora a exportação do café traga ganhos econômicos significativos, a sobrecarga do mercado gera uma queda nos preços do grão, como ocorreu nos últimos dois anos (OIC, 2019), causando prejuízos que afetam principalmente aos pequenos e médios produtores.

Por outro lado, no sentido social e das condições justas do trabalho, a crise agrícola é constante e não é diferente na indústria cafeeira. Então, o abuso do trabalho é uma realidade no campo, pois os “jornaleros”⁸, além de não terem os benefícios sociais legais reconhecidos por ser um trabalho esporádico sem contrato, recebem pagamentos que não são suficientes nem justos pela atividade desenvolvida. Vale a pena considerar também que o contrato de trabalho ocorre geralmente na época da colheita e possui longos períodos de inatividade.

Esses pagamentos não podem ser mais elevados porque os preços flutuantes do café fazem com que o que é obtido com a venda do grão não compense o que é investido em sua produção. Assim, os donos das fazendas cafeeiras ou possuidores de pequenas lavouras produtoras do grão não tem capacidade financeira para oferecer melhores salários (GONZALEZ, 2006).

⁸Diaristas. Pessoas que são contratadas informalmente por períodos curtos para executar labores no campo.

No entanto, esses são apenas alguns dos aspectos que fazem com que a indústria cafeeira esteja constantemente em perigo, uma vez que a produção mundial do café enfrenta flutuações de preços, assistência técnica insuficiente, baixo acesso a créditos para pequenos produtores, políticas públicas ineficientes que impactam os cafeicultores, e as pragas que afetam as lavouras com frequência, embora na Colômbia já tenham sido desenvolvidas variedades híbridas que são resistentes as pragas mais comuns nas plantas de café; à broca e ferrugem (CENICAFE, 2016).

2.4.1. Cafés Especiais no Valle de Tenza

O departamento de Boyacá é produtor de diversos alimentos, dentre eles o café. Em 2009, o departamento já possuía uma quantidade significativa de produção de café, o que permitiu aos cafeicultores boyacenses participarem de decisões importantes do setor, como a eleição para gerência da Federação Nacional dos Cafeicultores, por ser um dos 17 departamentos colombianos que produzem este tipo de café. A maior produção dentro do departamento encontra-se nos municípios da Província de Ricaurte e, em maior grau, no município de Moniquirá.

Por sua vez, o Valle de Tenza é uma região por tradição cultivadora de café. No entanto, a produção do grão vem aumentando e, desde meados de 2009, esta região faz parte dos mais destacados produtores de café especial de tipo exportação (EL TIEMPO, 2009).

Em 2016, 37 dos 123 municípios de Boyacá cultivaram café tipo exportação, que na época já era considerado de qualidade e reconhecido em outras regiões tradicionalmente cafeeiras do país. Esse dado posicionou o café de Boyacá como um dos melhores do país em termos de qualidade e em 15º lugar em quantidade de produção. Para o ano de 2016 já havia um incremento na área cultivada, passando da média de 0,9ha para até 3ha em regiões como o Valle de Tenza (BOYACÁ 7 DIAS, 2016).

Na última década, o Valle de Tenza aumentou a sua produção de café, que gradualmente vêm se destacando nos mercados locais e fora da região, gerando assim um reconhecimento que estimula o turismo através da representação deste alimento, sendo impulsionado pelas entidades governamentais de Boyacá (BOYACÁ, 2016).

2.4.2. Migração de camponeses que praticam a agricultura familiar para a cafeicultura

O trabalho da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia está focado em melhorar as condições para a produção de uma quantidade maior de grãos no país, mas também incentiva a produção com qualidade para manter a posição do país no nível internacional. Por esse motivo, os dados sobre o aumento de cafeicultores em programas de produção de cafés especiais refletem o alcance da FNC na agricultura colombiana, passando de 4.051 cafeicultores de café especial em 2005 para mais de 60.000 em 2010 (FNC, 2010).

Conforme registrado no documento de Planejamento Territorial Departamental de Boyacá, preparado pelo Governo de Boyacá, nos últimos anos foram buscadas alternativas para reativar o campo, através da inclusão de novas culturas, por exemplo, de árvores frutíferas tradicionais na região, como amora andina (*Rubus galucus Benth*), morango (*Fragaria vulgaris sp*), maracujá banana (*Passiflora tarminiana*), maracujá doce (*Passiflora ligularis*), goiaba (*Psidium guajava*), banana (*Musa paradisiaca*), bananito (*Musa acuminata*), chirimoia (*Annona cherimola*), feijoa (*Acca sellowiana*), mamão (*Carica papaya*), figo (*Ficus carica*), maçã (*Malus domestica*), mamey (*Pouteria sapota*) e árvores de frutas que podemos chamar de exóticas ou que não foram cultivadas significativamente na região, como: Physalis (*Physalis peruviana*), graviola (*Annona muricata*), maracujá roxo (*Passiflora edulis Sims*), uva (*Vitis niniifera L.*) e agraz (*Vaccinium meridionale*). Por sua vez, as culturas de abacate e café, consideradas promissoras, foram promovidas por essa entidade governamental. Assim, no período 2015 – 2016, os cultivos de café passaram de 11.524Ha para 11719Ha embora a safra diminuiu devido a fatores externos (BOYACÁ, 2018).

Especificamente no Valle de Tenza, desde 2016 o governo departamental, tem desenvolvido propostas e projetos que aumentaram o cultivo de café. Foram elaboradas estratégias para entrada de produtos no mercado de exportação, com foco em cacau, groselha-do-cabo e cafés especiais (CARACOL RADIO, 2016). Esse foi o motivo pelo qual em 2018 foi alcançada a exportação das primeiras 10 toneladas de café da região de Valletenzana para o continente asiático (CORPOCHIVOR, 2018).

Dentre as notícias mais recentes do setor, do dia 25 de outubro de 2019, no âmbito da “Cafés de Colombia Expo 2019”, o governo de Boyacá apresentou uma das suas estratégias para impulsionar a produção de café: A rota do café de Boyacá. Trata-se de um programa que promove a visita de cinco regiões do departamento onde são cultivados cafés especiais da melhor qualidade, entre elas, a “Rota do Valle de Tenza”, composta pelos municípios de Guateque, Guayatá, Somondoco, Garagoa e Almeida (BOYACÁ, 2019). Espera-se com este programa não só maior divulgação e valorização dos cafés especiais da região, mas também

um incremento no turismo rural e, conseqüentemente, maior geração de trabalho e renda para o departamento.

2.5.Impactos do agronegócio sobre a alimentação de um povo

A Cultura Alimentar pode ser entendida como um conjunto de conhecimentos, crenças e práticas que são transmitidas e aprendidas e que estão relacionadas com os alimentos e/ou à comida, sendo compartilhadas socialmente por indivíduos e/ou grupos (CONTRERAS; GRACIA, 2005), sugerindo que os alimentos, além de satisfazer uma necessidade biológica, têm implicações culturais que identificam cada comunidade, envolvendo questões políticas, sociais, econômicas e ecológicas.

Da mesma forma, comer, sendo um ato social, comportamental e político, é determinado por aspectos culturais que nos diferenciam. Por esse motivo, existem hábitos alimentares que variam de acordo com a localização geográfica. Nessa ordem de ideias, explica-se o fato de que cada país se distingue pela própria culinária (CONTRERAS; GRACIA, 2005).

Por sua vez, as condições de vida de cada indivíduo provocam mudanças nas práticas alimentares da população mundial. A disponibilidade e o acesso aos alimentos também determinam a maneira pela qual o ser humano decide o que come, de acordo com sua atividade diária, sua condição financeira e até seu nível educacional (HALKIER; JENSEN, 2011). Por esse motivo, é comum ver em áreas urbanas um ritmo de vida mais rápido. Esse ritmo acelerado faz com que nas grandes cidades a alimentação seja baseada muitas das vezes em alimentos processados ou “Fast Food”, causando assim a perda de práticas como preparação de alimentos e preservação do conhecimento da culinária tradicional (FÁVERO; DIAS, 2009).

Além do exposto, as dificuldades permanentes no setor agrícola e a falta de valor para a produção local fizeram com que as culturas regionais fossem deslocadas por culturas que geram maior rentabilidade, afetando a cultura alimentar das regiões, substituindo os produtos agrícolas por produtos industrializados processados que estão sempre disponíveis (ABREU et al., 2001)

Por esse motivo, o mercado de alimentos processados está ganhando espaço em todo o mundo e, por isso, em países como o México, conhecido por sua diversidade cultural e que ainda mantém vários de seus costumes e tradições (NAVARRETE, 2008), atualmente existe um alto consumo de alimentos importados.

No México, as questões tradicionais são muito valorizadas e, por isso, a pesquisa que é desenvolvida no país sobre hábitos alimentares, culinária e cultura alimentar é maior do que em outros países. Tal fato tem feito com que vários pesquisadores tenham manifestado uma preocupação crescente com relação à questão da alimentação e, por sua vez, com a perda cultural alimentar. Nesse sentido, uma das questões que preocupa é que devido ao alto consumo de comidas de rápido preparo, a disponibilidade de alimentos foi afetada e, conseqüentemente, também a variedade gastronômica, sendo esta considerada como patrimônio cultural do país (LEYVA; PÉREZ, 2015).

Além da inclusão de alimentos processados na dieta da população mexicana, diferentes modelos de agricultura também têm impacto nos costumes e na cultura alimentar, sendo as monoculturas uma das formas de produção que limitam a disponibilidade de alimentos. Sistemas monocultores empobrecem os solos, geram êxodo de camponeses e a redução de mão de obra no campo, o que não favorece a diversificação e, portanto, a variedade e quantidade de alimentos cultivados numa região (REBORATTI, 2010).

No caso colombiano, as monoculturas ainda são comuns e, em relação a elas, é importante falar sobre a substituição de cultivos tradicionais pelos cultivos ilegais, devido que as áreas mais atingidas e vulneráveis que sofreram esses dois males, também tiveram impacto na produção agrícola e pecuária nem só por causa do deslocamento de culturas de alimentos regionais mas pela aspersão de glifosato para erradicar os cultivos (ORTIZ, 2004).

A substituição de cultivos regionais e tradicionais por cultivos ilegais diminui a disponibilidade de alimentos em uma região. É o caso da Comunidade Awá do sudeste da Colômbia, no rio Telembí, próximo ao Equador, onde a população afirmou que a produção ancestral de alimentos desapareceu quase completamente e que sua segurança e soberania alimentar foram afetadas pelos cultivos ilícitos (CÁRDENAS, 2018).

O governo colombiano junto com diferentes organizações sociais, ao longo dos anos, propôs alternativas que permitiram que esses territórios fossem direcionados à substituição desses cultivos por culturas lícitas que possibilitaram a recuperação de áreas vulneráveis. É o caso dos cultivos de cacau (*Theobroma cacao*). Porém, monoculturas como essa embora tenham impactos positivos nos aspectos financeiros, também ocasionam impactos negativos; como a diminuição da biodiversidade, empobrecimento do solo e desmatamento (SÁNCHEZ; GAMBOA, 2013).

Acima de tudo, um dos aspectos mais críticos é a situação dos camponeses que enfrentam esses modelos de substituição devido a exploração agrícola nas monoculturas que, em muitos casos, acaba beneficiando às grandes indústrias e vulnerabilizando aos

trabalhadores rurais de pequena e meia escala (PARRA, 2018). Além da diminuição de culturas regionais e sobrecarga de mão-de-obra em culturas como a palma, as empresas liberam suas chances de perdas gerando alianças com o pequeno produtor e com as associações, que acabam assumindo toda a responsabilidade pelas flutuações na produção e no comportamento do mercado (MOLANO, 2013). É o caso do departamento de Norte de Santander, no qual o cultivo da palma aumentou nos últimos anos, com o plantio de aproximadamente 40 mil hectares e, de acordo com a expectativa de produção, deve chegar a 100 mil hectares. Nesta região do país, três associações se beneficiaram dos investimentos mais recentes por parte do governo colombiano, impulsionando o plantio de palmeiras em busca de criação de emprego e estabilidade financeira das famílias a partir dos cultivos legais (COLÔMBIA, 2018).

Outra cultura que é destacada pelos impactos negativos que traz é a monocultura da cana de açúcar/cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) no Valle del Cauca, pois os danos ambientais são evidentes no ar, no solo, nos recursos hídricos e na biodiversidade. Além de afetar a população em outros aspectos: saúde e até a perda de outros alimentos cultivados, causando possíveis alterações no consumo de alimentos regionais, o que já foi exposto pela comunidade, que reclama sobre a diminuição nos cultivos de “pancoger”, conhecidos também como cultivos de subsistência, além de ter impactos importantes nos ecossistemas da região (AYALA, 2019).

Em Boyacá, uma das monoculturas representativas é da cebola na Província de Sugamuxi. No entanto, o impulso de estratégias agrícolas com vistas à exportação de determinados produtos também pode estar gerando um processo de deslocamento de culturas alimentares da região que provavelmente poderia desencadear a implementação de novas monoculturas, na medida em que, para os camponeses locais resulta uma proposta atrativa que pode gerar maior rentabilidade econômica.

2.6. Alimentos regionais no Valle de Tenza

Segundo o Banco da República (1918), entre os alimentos tradicionalmente plantados no departamento de Boyacá estavam “trigo, cevada, batata, feijão, milho, legumes... pouco de cana de açúcar e um pouco de café”, identificando implicitamente que nem a cana nem o café eram os principais alimentos nas lavouras dos boyacenses. Entre outros alimentos, é importante destacar a produção de frutas.

O Plano Nacional de Frutas registra 36 tipos diferentes de frutas que são cultivadas em Boyacá como pode ser visto no Quadro 1. No entanto, embora uma grande variedade de frutas ainda seja produzida atualmente, a quantidade diminuiu ao longo dos anos. A chirimoia (*Annona cherimola*), por exemplo, que era uma fruta produzida principalmente no Valle de Tenza, na atualidade é uma fruta raramente encontrada no mercado, sendo importante destacar que essa foi uma fruta representativa de Guateque, registrado nas coplas⁹ da região, que fazem parte do folclore boyacense.

Pa' chirimoyas Guateque, pa naranjas Machetá, pa'
muchachas bonitas, Somondoco y Guayatá (ESPEJO,
1999).

Quadro 1. Frutas cultivadas em Boyacá. Plano Nacional de Frutas 2004

Especie	Área ha	Producción t	Rendimiento t/ha
1. Aguacate	102	1.326	13
2. Banano	15	75	5
3. Bananito	35	315	9
4. Borojó	3	24	8
5. Brevo	213	1.065	5
6. Chirimoya	80	880	11
7. Ciruela frío	1.055	9495	9
8. Curuba	1.122	16.830	15
9. Datil	7	60	8.5
10. Durazno	720	7.200	10
11. Feijoa	188	1.128	6
12. Fresa	40	2.080	52
13. Granadilla	84	924	11
14. Guanábana	6	60	10
15. Guayaba	2.047	32.752	16
16. Higo	1	18	18
17. Lima Tahiti	186	2.790	15
18. Lima Pajarito	93	1.209	13
19. Lulo	503	5.030	10
20. Mandarina	431	6.465	15
21. Mango	34	714	21
22. Manzana	443	4.430	10
23. Melón	100	1.200	12
24. Mora	451	2.076	4.6
25. Naranja	1.525	24.400	16
26. Papaya	35	595	17
27. Papayuela	53	371	7
28. Pera	1.303	13.030	10
29. Piña	28	700	25
30. Pitaya	144	1.728	12
31. Toronja	47	864	18
32. Tangelo	47	799	17
33. Tomate de árbol	535	12.305	23
34. Uchuva	114	1.596	14
35. Vid	16	144	9
36. Zapote	27	324	12
Total	11.833	155.002	

Fonte: PNF (2004)

⁹Composição de poesia popular, de combinações breves e que geralmente podre encontrar-se em músicas populares.

Por outro lado, a culinária e os hábitos alimentares, em Boyacá, no passado estavam baseados em alimentos tradicionais como o milho, e tubérculos como batatas, mandioca e mandioquinha. Alguns alimentos também faziam parte da culinária colombiana, como cubios (*Tropaeolum tuberosum*), rubas (*Ullucus tuberosus*), nabos (*Brassica rapa subsp. rapa*) e habas (*Vicia faba*), a partir dos quais foram obtidas comidas típicas herdadas dos nossos ancestrais; os indígenas colombianos. Atualmente, como a produção destes alimentos é mínima, não é mais comum encontrar nos pratos domésticos preparações como o *cocido boyacense*, ou no nível regional o *poteco*, que são comidas típicas que contêm esse tipo de alimentos.

Entre outras coisas, o conhecimento sobre cultura alimentar, alimentos ancestrais, gastronomia e culinária das regiões não é muito estudado ou valorizado na Colômbia. Por exemplo, o Gran Libro de la Cocina Colombiana, do Ministério da Cultura da Colômbia, registra os pratos típicos de todo o país (COLÔMBIA, 2012). No entanto, esses pratos são arbitrariamente atribuídos a algumas regiões sem fornecer uma base teórica clara sobre sua verdadeira origem. Tal fato desperta para a necessidade de reflexão sobre a baixa importância atribuída à antropologia alimentar no país, onde os estudos nesse sentido são limitados. Nesse livro, por exemplo, o Valle de Tenza aparece na classificação de duas preparações: os *jutes* do município de Somondoco e os *plátanos de fondo* do município de Guayatá (ORDÓÑEZ, 2012). No entanto, várias das principais preparações da região são excluídas: a *mogolla guayatuna*, a *arepa guayatuna*, o *almuerzo campesino* ou *poteco*, o *tamal* (que tem uma preparação diferente da que existe em outras regiões do país), a *fritanga*, dentre outras.

Mas essa situação não é uma novidade, uma vez que na região a apropriação e valorização das tradições culinárias é aparentemente baixa. Logo, além do envelhecimento da zona rural Valletenzana, também há uma falta de transferência de conhecimento sobre gastronomia e culinária tradicional em detrimento da cultura alimentar, o que pode ser visto na oferta gastronômica nos locais comerciais da região. Também, é importante dizer que são escassos os estudos científicos que registrem informações sobre a culinária regional do Valle de Tenza.

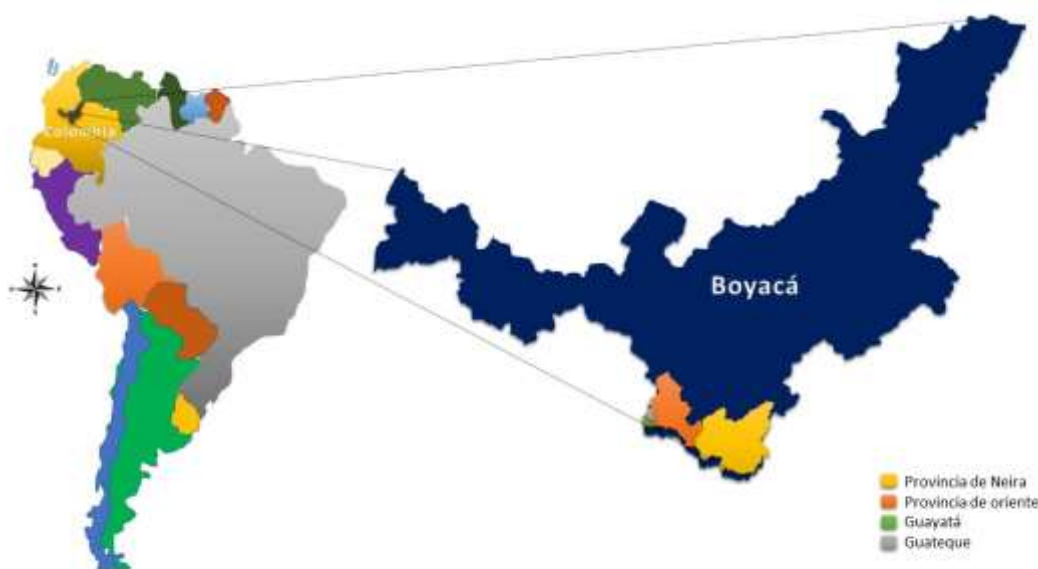
3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da área de estudo

O departamento de Boyacá (Figura 3) é atravessado pela Cordilheira Oriental, de modo que, de acordo com seu relevo, é dividido em quatro regiões: serra, planalto Cundi-Boyacense, piedemonte llanero e planícies do Valle del Magdalena (COLÔMBIA, 2006). O Altiplano é composto por uma série de vales intercalados. Entre os vales laterais encontram-se Tenza e Moniquirá.

O Valle de Tenza em Boyacá (Figura 4A), por sua vez, é constituído pela Província do Oriente (Figura 4B) com os municípios: Guateque, Almeida, Chivor, Guayatá, La Capilla, Somondoco, Sutatenza e Tenza; e pela Província de Neira com os municípios: Garagoa, Chinavita, Macanal, Pachavita, San Luis de Gaceno e Santa María.

Figura 3. A. Localização do departamento de Boyacá no mapa Político administrativo da Colombia. B. Localização das Províncias de Oriente e Neira.



Fonte: Mapa de elaboração própria da pesquisadora

Esta região é caracterizada pela fertilidade dos solos e pela disponibilidade de água, além do clima favorável ao cultivo de vários tipos de alimentos. A principal atividade

econômica em alguns municípios é a agrícola; com produção de milho (*Zea mays*), banana (*Musa paradisíaca*), café (*Coffea* sp.), frutas cítricas, legumes, tomate (*Solanum lycopersicum*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), lulo (*Solanum quitoense*) e outros produtos (ALCALDÍA DE CHINAVITA, 2012), porém, também existem municípios como Garagoa e Guateque onde a principal atividade econômica é a comercial.

Para esta investigação, foram escolhidas duas cidades do Valle de Tenza localizadas na Província de Oriente e que atualmente são identificadas como produtoras de café especial. Guayatá foi escolhida por ser uma cidade com atividade agrícola destacada e de tradição no cultivo de café, mas com uma situação atual de crescimento segundo a percepção da população local e as informações registradas pela mídia e o governo departamental (BOYACÁ, 2019). Guayatá possui 6368 habitantes, sendo a maioria residente em área rural (ALCALDÍA DE GUAYATÁ, 2016).

A outra cidade selecionada foi Guateque, que também possui um histórico de cultivo de café, no entanto, sem organização e sem destaque na atividade, contando com uma produção agrícola diversificada, porém escassa. Nos últimos anos, Guateque apresenta um aparente incremento nos cultivos do café, segundo relatado pelos moradores das cidades da região do Valle de Tenza. Este município possui 10171 habitantes, sendo a maioria residente na área urbana (ALCALDÍA DE GUATEQUE, 2016).

3.2. Definição da amostra

A amostra foi definida por um método não probabilístico, de acordo com a “escolha sem julgamento”; um método sem condições pré-estabelecidas e mais flexíveis (PATTON, 2014); o que permite ajustar até mesmo o tamanho da amostra, dependendo do que acontece à medida que a investigação avança.

Durante esta pesquisa foram entrevistadas quatro categorias de participantes:

- Líderes camponeses que são agricultores familiares de alimentos diversos, que colaboraram com a identificação de outros camponeses e camponesas que cultivam café em Guateque e Guayatá, e cafeicultores que priorizam a produção de café e estão mais voltados para o agronegócio.
- Camponeses que cultivam outros alimentos, além do café (praticantes da agricultura familiar);
- Consumidores de alimentos na área urbana das duas cidades;

- Funcionários do Departamento de Desenvolvimento Agropecuário nas prefeituras de Guateque e Guayatá.

Os camponeses foram entrevistados com o intuito de caracterizar e avaliar os impactos sócio-econômicos. Camponeses e consumidores foram entrevistados com o intuito de definir suas percepções sobre os alimentos consumidos e conhecidos, assim como o efeito da cafeicultura na soberania alimentar e na cultura alimentar da região. Os funcionários da prefeitura foram entrevistados com o intuito de conhecer as funções e as ações que são desenvolvidas no setor rural diante da agricultura familiar e a cafeicultura.

Os critérios de seleção dos consumidores incluíram: ter idade igual ou superior aos 18 anos, um tempo mínimo de dez anos residindo na região e deviam ser pessoas que reconhecessem ter conhecimento sobre a compra de alimentos e hábitos alimentares na família. O tempo de 10 anos de residência foi definido levando em conta que documentos como jornais e notícias online do governo de Boyacá registram acontecimentos relacionados com o incremento da cafeicultura na última década, além do relatado pelos moradores da região nas conversas informais que coincidem com esse lapso de tempo.

Para entrevistar os consumidores, foi realizado um percurso pela área urbana das cidades investigadas e as pessoas foram entrevistadas em suas casas, locais comerciais como lojas, ou locais públicos como praças e mercados. Assim, foram entrevistados 40 consumidores por cidade, totalizando 80 entrevistados.

Ainda com o intuito de entender a visão dos camponeses quanto às mudanças alimentares na região, os critérios de seleção de camponeses seguiram os mesmos critérios adotados para os consumidores: ter idade igual ou superior aos 18 anos e um tempo mínimo de dez anos residindo na região, incluindo aqueles camponeses que cultivam diversos alimentos ou especificamente café.

Para definir a amostra dos produtores/camponeses, foram levantados dados de Associações e dados nas Prefeituras. Em Guayatá, foi consultado o Comitê de Cafeicultores, que reportou a existência de 320 associados. Em Guateque, foi consultada a Associação de cafeicultores de Guateque – CAFEGUATOC que tem 22 associados, além de dados dos camponeses registrados pela prefeitura de Guateque que reportou 506 camponeses segundo censo realizado no ano 2017. Na prefeitura de Guayatá, o funcionário consultado no departamento de Desenvolvimento Rural da cidade informou que não existe um censo nem um registro dos camponeses, mas pode ser considerado um aproximado de 800 pequenos agricultores e que na maior parte dos casos desenvolvem sua atividade de agricultura em

pequenas áreas. Essa divisão de áreas de propriedade rural de pequena extensão é comum em todo o Valle de Tenza, por isso é considerada uma região de minifúndios.

Para complementar o levantamento, também foram considerados os dados de projetos da empresa AES CHIVOR e na Corporação Ambiental CORPOCHIVOR que atualmente se encontram em desenvolvimento nas cidades objeto da pesquisa. Esses projetos permitiram identificar os principais líderes cafeicultores nas Províncias de oriente e Neira, indicando apenas três cafeicultores em Guateque e quinze em Guayatá.

Além disso, foi realizado um percurso pela área rural das duas cidades, convidando aos camponeses que praticavam agricultura familiar para participar da pesquisa. Esses camponeses que praticam à agricultura familiar de alimentos diversos em alguns casos também cultivavam café, mas nem todos pertenciam a nenhuma associação. Diante de tal universo amostral, foram selecionados, inicialmente, os produtores líderes, começando pela identificação dos presidentes e/ou representantes legais das associações de cafeicultores e dos produtores de café reconhecidos pela população local. Foram consultadas mais de 70 famílias para participação na pesquisa, no entanto, foram efetivamente entrevistadas 40 famílias de camponeses (20 em cada cidade), pois as outras não aceitaram participar da pesquisa.

Na Colômbia não há exigência legal para aprovação e autorização para executar projetos com populações tradicionais, no entanto, tal projeto foi apresentado às Associações envolvidas. Por considerar que os dados aqui apresentados configuram um documento a ser depositado em um Programa de Pós-Graduação no Brasil, seguimos as exigências legais brasileiras e o presente projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética de Pesquisa do Hospital Universitário da UFPB, cumprindo as normas éticas estabelecidas pela Resolução 466/12, que trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. O projeto foi aprovado sem restrições, com número de parecer 3.062.631. Desse modo, todos os participantes foram informados previamente sobre o projeto e aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.3.Métodos e técnicas

Os questionários foram utilizados como instrumentos de coleta de dados através de perguntas com respostas específicas e narração de experiências dos camponeses e camponesas, com o apoio de entrevistas semi-estruturadas e observação participativa *in situ*.

3.3.1. Observação participante

Esta é uma técnica de pesquisa que permite aprender e entender a dinâmica das pessoas estudadas no seu entorno a partir da observação e participação nas atividades que elas desenvolvem cotidianamente. Também considera conversas, entrevistas, questionários, e outros métodos que permitem coletar informações (BERNARD, 1994).

A observação participante foi realizada durante 5 meses por meio de visitas com períodos de permanência no território de 2 meses em cada município (Guateque e Guayatá). Estas visitas possibilitaram a convivência com os camponeses, aprendendo sobre a forma como as práticas de produção agrícola são realizadas, observando técnicas e tipos de cultivos que são desenvolvidos no local (Figura 5).

Figura 4. Pesquisa no campo – Área rural de Guateque e Guayatá

A) Acompanhamento na colheita de café em Guayatá – Boyacá; B) Sítio na área rural de Guateque – Boyacá. Setor Rosales; C) Acompanhamento em cultivo de tubérculos. Setor Gaunza Arriba, Guateque – Boyacá.



Fonte: Registro fotográfico da pesquisadora, 2019

É importante destacar que a autora desta pesquisa é nativa de Guateque e morou nessa cidade durante 17 anos e recentemente, durante 4 anos. Então, observou de perto os fenômenos relacionados com a evolução e transformação da agricultura e o campesinato na região do Valle de Tenza, além de contar com a presença de familiares que moram em Guayatá.

Para complementar a pesquisa, foram visitados os locais de mercados municipais da região e a Feira Agroecológica da Universidade Nacional da Colômbia em Bogotá, esta última para identificar a possível participação de camponeses que praticam agricultura familiar no Valle de Tenza em cenários com um reconhecimento importante e que promovem a soberania alimentar.

3.3.2. Questionários e entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas são consideradas um encontro entre o entrevistador (pesquisador) e a pessoa entrevistada (objeto de estudo) no qual o entrevistador faz perguntas orientadas à coleta de informações e dados importantes. Na pesquisa, a entrevista permite obter dados detalhados porque o entrevistado tem a capacidade de narrar com especificidade eventos, situações ou experiências próprias (FONTANA; FREY, 2005).

Para este estudo, foi usada a entrevista semiestruturada (Figura 6), que permitiu um diálogo aberto com o entrevistado. O objetivo da aplicação das entrevistas semi-estruturadas foi capturar as percepções e representações sociais sobre os efeitos positivos e negativos da transição dos cultivos de agricultura familiar para a cafeicultura e definir os impactos sócio-econômicos das atividades. Ainda houve a intenção de conhecer também as percepções e experiências diante das mudanças culturais e as formas de agricultura, impactos sobre a soberania e a segurança alimentar, e o papel da comunidade e das entidades governamentais nas áreas rurais.

Os questionários (Apêndice 1) foram desenhados em blocos, contendo os seguintes pontos centrais:

- **Questionários para camponeses:** Aspectos socioeconômicos, associativismo e cooperativismo, associativismo rural, produção agrícola, escoamento da produção, questões ambientais, aspectos da alimentação e saúde, entrave à produção e comercialização, agricultura do café.
- **Questionários para consumidores de alimentos:** Aspectos socio-demográficos, socioeconômicos, aquisição de alimentos no Valle de Tenza, hábitos alimentares, saúde e aspectos sanitários e ambientais.

No caso das prefeituras de Guateque e Guayatá, não foram aplicados questionários, mas foram realizadas entrevistas semiestruturadas que permitiram conhecer os diferentes

projetos relacionados com a agricultura que tem sido desenvolvidos nas duas cidades, aqueles que atualmente estão sendo desenvolvidos e os que pretendem desenvolver.

Figura 5. Coleta de dados na área rural e a área urbana em Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia

A) Sítio na Vereda Gaunza Arriba – Guateque; B) Visita fazenda cafeicultora na Vereda Ciabita – Guayatá; C) Entrevista no bairro Santa Bárbara – Guateque; D) Entrevista área urbana Guateque, bairro Centro.



Fonte: Registro fotográfico da pesquisadora, 2019.

3.3.3. Análise de dados

Os dados foram tabulados de forma geral e por município e processados através de tabelas dinâmicas no software Excel. Finalmente, foram interpretados a partir dos princípios da estatística descritiva.

Os participantes foram caracterizados na busca de compreender os aspectos produtivos, econômicos, sociais e ambientais dos agricultores familiares, envolvidos ou não na cafeicultura, e para compreender os impactos das mudanças na agricultura nos hábitos alimentares e na cultura alimentar da região.

Para isso, as informações dos consumidores e produtores foram processadas em forma separada e/ou conjunta de acordo com o objetivo das perguntas a responder para cada capítulo proposto.

Para a análise da percepção sobre a diminuição e/ou mudanças nos cultivos de alimentos regionais e a percepção sobre os hábitos alimentares, conhecimento de pratos típicos locais e regionais e a cultura alimentar foram usadas nuvens de palavras como ferramenta de tratamento de campos semânticos. A partir dos dados registrados na base de dados, foram quantificadas as repetições de cada alimento e prato típico identificado pelos entrevistados, permitindo assim uma representação gráfica onde o tamanho de cada palavra relacionada à categoria (prato típico o alimento) mostra a quantidade de repetições, destacando assim às opções mencionadas com mais frequência pelos participantes da pesquisa. A nuvem de palavras foi rodada na ferramenta WordArt.

As ferramentas para análise semântico permitem interpretar dados quanti-qualitativos de uma pesquisa em uma forma mais dinâmica e simplificada, sendo mais simples o processamento dos dados para o pesquisador e a compreensão dos resultados para quem lê o texto (HERNÁNDEZ, 2015).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Dialética entre agricultura familiar e cafeicultura na região do Valle de Tenza, Colômbia: aspectos produtivos, econômicos e sociais

Perfil socioeconômico dos camponeses

A maioria dos camponeses entrevistados era do sexo masculino (57%) e de baixo nível de escolaridade (Quadro 2). Ressalta-se que parte dos camponeses informaram ter formação técnica (7,5%), o que os torna mais capacitados para suas atividades, e foram aqueles que estiveram em famílias com um melhor cenário econômico.

Diferentes razões influenciam o baixo nível de escolaridade nas áreas rurais; a falta de infraestrutura para as escolas, a falta de valorização por parte da família em relação à necessidade de estudar e se educar, as precárias condições econômicas que obrigam os jovens a abandonar as escolas, entre outros (AGUILAR et al., 2019).

Em uma análise por gênero, é importante destacar que o nível de escolaridade das mulheres entrevistadas é bem baixo (63,6% com ensino fundamental), tendo apenas uma mulher em Guateque e nenhuma mulher em Guayatá com ensino superior. Como tem sido visto ao longo da história, a mulher desenvolve diferentes trabalhos sociais e pessoais ao mesmo tempo, e no caso das famílias camponesas, além das responsabilidades individuais e comunitárias, tem responsabilidades produtivas e a educação não tem prioridade (SALLES; TUIRÁN, 2002).

As pessoas com formação acadêmica de ensino superior que foram mencionadas, correspondem ao 7,5% da amostra de camponeses entrevistados e poderiam ser considerados como parte do novo campesinato; população que retorna ao campo para se dedicar à agricultura ou que, em alguns casos, chegam às áreas rurais em busca de um estilo de vida longe do urbano e acabam fazendo da agricultura sua atividade econômica, ou jovens que pretendem fazer da agricultura um sistema de produção de alimentos a partir do conceito da sustentabilidade (PLOEG, 2008).

Um entrevistado do sexo masculino com nível superior não é natural da região, tendo chegado inicialmente à Guateque após sua aposentadoria e passou a cultivar café e milho, sendo agora o líder no mercado de café no município. Em Guayatá, foram encontradas as únicas duas pessoas com pós-graduação, ambos aposentados de outras atividades e que, atualmente, dedicam-se à cafeicultura. Uma das pessoas é um homem que também não é

natural de Guayatá e atualmente dedica-se ao cultivo de café e outros alimentos que contribuem com o sombrio das plantas de café.

Quadro 2. Dados socioeconômicos dos camponeses de Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia. (Amostra de 40 agricultores).

	No. de pessoas Guateque	%	No. de pessoas Guayatá	%
Gênero				
Feminino	11	55	6	30
Masculino	9	45	14	70
Grau de escolaridade do entrevistado				
Alfabetização	1	5	-	-
Ensino Fundamental	11	55	6	30
Ensino meio	5	25	7	35
Ensino técnico	1	5	2	15
Ensino superior	2	10	3	10
Pós-graduação	-	-	2	10
No. De pessoas que moram na residência				
Até 2 pessoas	13	65	8	40
Entre 3 e 4 pessoas	6	30	12	60
Entre 5 e 6 pessoas	1	5	-	-
Mais de 7 pessoas	-	-	-	-
No. de filhos				
Não tem filhos	3	15	1	
1 filho	-	-	2	
2 filhos	8	40	3	
3 filhos	4	20	9	
4 filhos	3	15	3	
5 filhos	1	5	1	
8 filhos	-	-	1	
9 filhos	1	5	-	-
No. de pessoas entre 6 e 18 anos por residência				
Nenhuma	16	80	12	60

1 pessoa	1	5	6	10
2 pessoas	2	10	2	30
3 pessoas	1	5	-	-
No. de pessoas menores de 5 anos por residência				
Nenhuma	17	85	19	95
1 pessoa	3	15	1	5

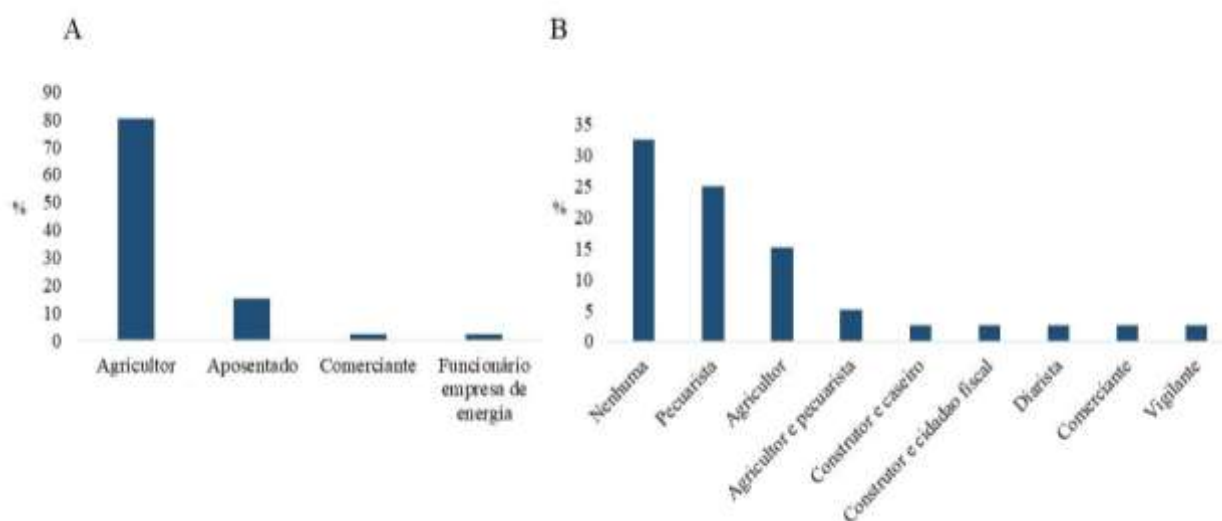
Os camponeses informaram que há poucas crianças e jovens nas cidades (70% dos entrevistados não possuem moradores até 18 anos em suas residências). Apenas 10% das residências possuem crianças menores de 5 anos (Quadro 2). A idade média dos camponeses agricultores em Guayatá foi 58,1 anos, enquanto em Guateque foi de 55,45 anos. Segundo o Censo de 2018, em Boyacá, o índice de envelhecimento tem se incrementado em 23,93% nos últimos 13 anos, passando de 26,99 em 2005 para 50,92 em 2018 (DANE, 2018).

A maioria as famílias entrevistadas (75%) têm a agricultura como sua principal fonte de renda. Porém, nos casos de pessoas que chegaram recentemente na região após a aposentadoria, os entrevistados coincidiram ao manifestar que a sua renda é principalmente pela sua situação de aposentados, sendo a agrícola e/ou pecuária uma renda complementar (Figura 7A).

Dentre as atividades secundárias dos camponeses que tem como renda principal a atividade da agricultura, a pecuária é a mais representativa (Figura 7B). Porém, a maioria dos camponeses entrevistados relatou que não tem uma atividade econômica complementar, nem uma fonte de renda alternativa. As pessoas que relataram ter atividades adicionais, consideram que são atividades temporais. De forma geral, nenhum dos entrevistados disse ter um contrato trabalhista para desenvolver trabalhos no campo quando desenvolvem algum trabalho em outras fazendas.

As famílias camponesas da Colômbia, geralmente não tem garantias sobre seus direitos de trabalho e são submetidas às condições laborais que não oferecem proteção social, permanecem nas atividades do campo por períodos que superam as 8 horas por dia que determina a lei, não tem direito aos períodos de férias, e os salários ou pagamentos não estão de acordo ao determinado pela normativa trabalhista do país (AGUDELO et al., 2011). Os trabalhadores do campo não têm normas políticas claras, sendo este trabalho considerado informal e que não gera uma renda fixa (SANTACOLOMA, 2015).

Figura 6. Atividade económica principal e atividades económicas complementares dos camponeses agricultores familiares de Guateque e Guayatá, Valle de Tenza, Colômbia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O valor aproximado da renda que foi informada pelas famílias de camponeses e camponesas agricultores corresponde especificamente ao tempo da colheita, pois todas as pessoas entrevistadas afirmaram que não consideram ter renda mensal fixa ou mesmo variável que possam relatar. Para eles, sua fonte de renda que provem das atividades agrícolas ocorre apenas em alguns meses do ano, mesmo para quem tem uma produção massiva, como no caso dos cafeicultores que tem colheita nos meses de novembro até fevereiro (dependendo das variações dos eventos climáticos e outros que ocorreram durante o ano nas lavouras). Nessa região há apenas uma safra durante o ano, diferente de outras regiões do país, como o “Eje cafetero”¹⁰, onde há duas lavouras por ano.

Considerando-se que a quantidade de café que é plantado e comercializado em Guateque e Guayatá, e de forma geral na região do Valle de Tenza, é possível dizer que ainda não se tornou uma *commodity*. Porém, o crescimento progressivo da área cultivada nos últimos anos e a aparente intenção de aumento na produção com intenção para torná-lo um produto representativo da região, pode fazer com que isso ocorra num futuro próximo.

Nos departamentos de Caldas, Quindío e Risaralda, por exemplo, o café é considerado uma *commodity*, pois sua representatividade na venda e contribuição na balança financeira da região atinge uma porcentagem maior ao 50% (AGUILAR, 2003). Nessa região e em

¹⁰ Principal região cafeeira da Colômbia. Composta pelos departamentos Quindío, Caldas, Risaralda e Tolima.

outras regiões altamente produtoras de café na Colômbia, a forma de plantio geralmente se faz em forma de monocultura, sem sombrião e diretamente ao sol, método que tem por objetivo uma maior produção numa mesma área (RAMÍREZ, 2019). Isso, tem impactos mais negativos nos recursos naturais, toda vez que a monocultura de café, em comparação com sistemas agroflorestais dessa planta tem mostrado, por exemplo, mudanças importantes nas condições do solo e da água e diminuição na biodiversidade, como tem sido registrado em estudos desenvolvidos na Indonésia (GILLISON, et al., 2004), de fato, as mudanças também são evidentes na paisagem, como é mostrado em pesquisas desenvolvidas na Colômbia (GUHL, 2008). Em Boyacá, a cafeicultura ainda não tem uma representação importante na produção total da Colômbia, pois mesmo sendo um cultivo tradicional com mais de sessenta anos, só tem sido impulsionada a industrialização dos cultivos nos últimos anos (CÁRDENAS, 2016).

Segundo dados do Ministério de Agricultura da Colômbia, em Boyacá, no ano 2018, a área cultivada em café era de 11602,90 ha, com aproximadamente 13200 toneladas de produção, o que mostra que a cafeicultura ainda não é representativa na agricultura boyacense. Entre as cidades mais destacadas na produção de café em Boyacá, Garagoa é a única da região do Valle de Tenza que está listada no Plano Departamental de Extensão Agropecuária (BOYACÁ, 2019), porém, como tem sido dito, vários outros municípios da região estão produzindo café.

Em relação à economia, os entrevistados têm uma renda aproximada entre COP\$100.000 e COP\$500.000¹¹ na época da colheita, e somente aqueles que têm maior capacidade financeira, são aqueles reportados como aposentados, que tem também uma área maior para cultivar, e são os que relatam uma renda acima de COP\$2.000.000 por mês (Figura 8).

Sobre o sustento financeiro durante o resto do ano, embora não fossem reportadas atividades financeiras complementares em todos os casos, quando perguntado durante a entrevista foi possível perceber que a renda para os meses fora da colheita provém de atividades como “caseiro” ou diarista, e da ajuda econômica dos familiares que moram nos centros urbanos, além de outras atividades adicionais.

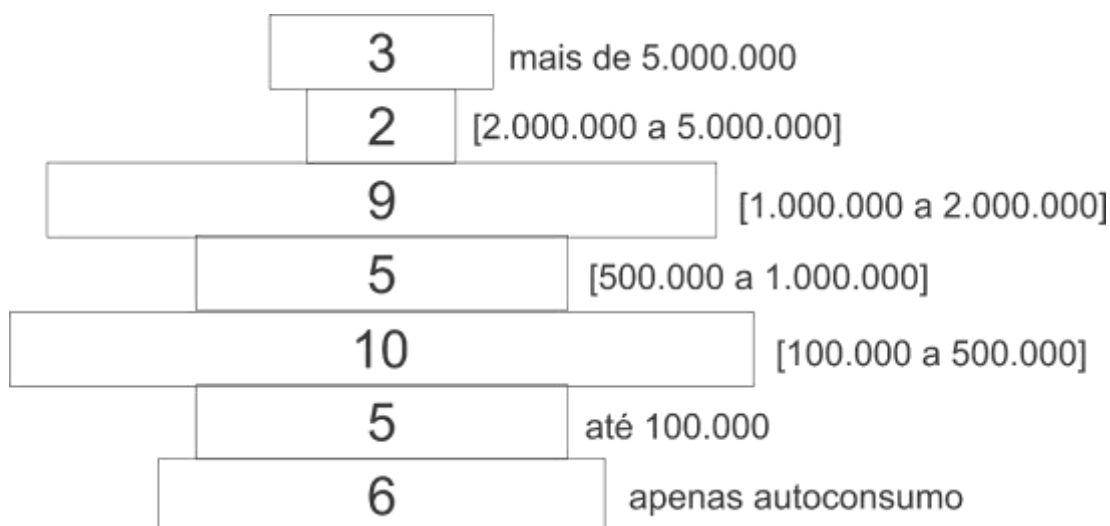
¹¹ COP é a abreviação da moeda da Colômbia, o peso colombiano: 1 Peso colombiano/COP (720) = 0,0002901 Dólar dos Estados Unidos/USD (220). 1 Dólar dos Estados Unidos/USD (220) = 3.447,0872113 Peso colombiano/COP (720). Data da cotação utilizada: 25/11/2019 – Banco Central Brasil.

“Tengo esta finquita que es donde yo siembro frijol, maíz, arveja.
Pero también trabajo en construcción cuando me sale”.
Camponês de Guateque, durante a entrevista para esta pesquisa.

A pluriatividade da economia na população rural é uma característica observada de forma geral na economia camponesa na América Latina. A renda que provém das atividades agrícolas não é suficiente e o sustento para os meses fora do período de colheita deve ser obtido através da pecuária e/ou de outras atividades urbanas, mesmo quando estas também são informais (RAMÍREZ, 2013).

Figura 7. Renda aproximada por entrevistados pela venda dos produtos.

(Valores que não são fixos, por isso são apresentados com faixa de intervalo).



Fonte: Dados da pesquisa. 2019

Avaliando o sentir dos camponeses de Guateque e Guayatá em relação à conveniência da prática da agricultura como atividade econômica principal, 67% dos entrevistados na área rural responderam que a relação custo/benefício em termos financeiros é negativa. Embora, apenas o 33% restante tenha considerado de alguma forma positiva, 100% dos entrevistados concordaram que a produção só pode ser vista como positiva sendo interpretada a partir do cultivo de alimentos para autoconsumo e o benefício que isso traz para suas famílias na alimentação. Essa produção para autoconsumo garante a segurança alimentar, porém, isso não significa que os alimentos cultivados sejam suficientes e possam satisfazer os requerimentos nutricionais.

Essa realidade também pode ser encontrada em outros países em desenvolvimento. No Brasil, como no estado do Rio Grande do Sul, pesam as condições precárias do trabalho camponês e existe uma resistência a partir da prática da agricultura de autoconsumo, que embora não represente uma renda significativa para as famílias camponesas, tem um impacto positivo na soberania e segurança alimentar (GRISA, 2008). Da mesma forma, Cuba representa um exemplo destacado da produção agroecológica que tem se impulsionado nos últimos anos na busca de garantir o autoconsumo das famílias cubanas, fazendo com que a necessidade de importação de alimentos diminua, conseguindo através do movimento Campesino a Campesino uma produção de alimentos acima de 65% em apenas 25% da área total da ilha. De outro lado, análises realizadas sobre a segurança alimentar em Philipinas, mostram os benefícios na alimentação das famílias camponesas que cultivam seus próprios alimentos orgânicos para autoconsumo, melhorando a segurança alimentar (ALTIERI, 2012).

Na Colômbia, a falta de acesso suficiente aos alimentos, geralmente e paradoxalmente, é identificada nas áreas rurais, onde existem as condições e o potencial para produzi-los. Porém, os resultados da “Encuesta de Situación Alimentaria y Nutricional - ENSIN” mostram que a insegurança alimentar é menor nas famílias que cultivam seus próprios alimentos (ICBF, 2011). Essa parece ser a realidade das regiões estudadas: apesar da agricultura não prover renda significativa, as famílias utilizam o básico da sua produção para subsistência.

Nesse sentido, há pesquisas que reforçam as consequências positivas da agricultura de autoconsumo e avaliam a importância da agrobiodiversidade quando se fala nos tipos de agricultura que se pratica. A agricultura de produção de grande escala e a agroecológica em municípios de Antioquia, Colômbia, demonstra uma maior riqueza de espécies nos lugares onde foram implementados sistemas mais sustentáveis do que naqueles onde existia o modelo de agronegócio, mostrando também que o autoconsumo e, por consequência, a segurança alimentar foram maiores nas famílias que tinham uma atividade agrícola familiar do tipo agroecológico (CORRALES; FORERO, 2007). Da mesma forma, tem sido comprovado desde tempos passados que o plantio de café, quando diversificado com outros alimentos, melhora a renda e a segurança alimentar das famílias cafejeiras (GANRY, 1992).

Então, em Guateque e Guayatá, a agricultura familiar permite aos camponeses certo nível de segurança alimentar e, em alguns casos, uma renda com a venda dos alimentos. Isso, segundo eles, faz com que os cultivos tenham um valor imenso no sentido que garantem a sua alimentação diária. Mesmo sendo uma atividade que não tem perfil lucrativo, eles não pretendem abandoná-la totalmente.

Associações produtoras de alimentos em Boyacá

Segundo a lista das Organizações Solidárias de Produção de Alimentos e Confeções da Região de Boyacá¹², do Instituto Colombiano de Bienestar Familiar - ICBF com dados do Ministério do Trabalho da Colômbia, encontram-se registradas duas associações:

- Asociación de Productores de Café de Guateque – CAFEGUATOC
- Asociación de Productores Agrícolas del Municipio de Guayatá

Porém, quatro outras associações foram identificadas em Guayatá: Associação de Mulheres Rurais, ASOCIABITA, Associação de Produtores Agrícolas de Guayatá e Comitê Municipal de Cafeicultores.

A ASOCIABITA é uma organização dos habitantes da Vereda¹³ Ciabita, que tem trabalhado principalmente para obter um distrito de irrigação para esse setor do município.

A Associação de Mulheres Rurais de Guayatá tem atualmente oito membros. No entanto, conforme relatado por uma liderança deste grupo, a associação está em processo de dissolução, devido à falta de interesse e dificuldades do trabalho coletivo das associadas. Cabe destacar que essa associação foi muito importante para a promoção dos cafés especiais no município, pois, em 2002, o primeiro café gourmet do departamento de Boyacá foi lançado por meio dessa organização. Sua marca foi reconhecida, mas algumas diferenças entre os associados interromperam o processo.

No entanto, esse trabalho conjunto é reconhecido pela população do Valle de Tenza como um logro de empoderamento da mulher rural, sendo um assunto mencionado com muita frequência nas entrevistas realizadas, tanto no rural quanto no urbano.

Atualmente, o Comitê Municipal de Produtores de Café é o grupo mais consolidado de associados que se concentram diretamente no café. Todos os associados dessa organização fazem parte da Federação Colombiana de Cafeicultores e todos tem *cédula cafeeira*¹⁴.

Em Guayatá, 65% das pessoas entrevistadas fazem parte de alguma associação. Aqueles que fazem parte do Comitê Municipal de Produtores de Café disseram que, embora este órgão nem sempre realize procedimentos de comercialização do café, eles permanecem associados porque, através dessa organização, conseguiram alguns benefícios, como a gestão de treinamento e renovação de culturas pela FNC.

¹² Organizaciones Solidarias de Producción de Alimentos y Confecciones de la Regional Boyacá.

¹³ Termo utilizado na Colômbia para referir-se a uma subdivisão territorial da área rural de uma cidade.

¹⁴ Documento que identifica os cafeicultores como associados da FNC.

De um modo geral, os produtores preferem vender o café produzido a um intermediário porque evitam custos de transporte e também porque consideram que não tem contatos que permitam fazer negociações de grandes quantidades de grão quando comercializam o café de forma individual. Isso mostra as consequências da falta de associatividade na região, pois a literatura evidencia que os processos de associatividade incrementariam a renda dos camponeses no processo de comercialização dos alimentos (RODRÍGUEZ; RAMÍREZ, 2016).

Em Guateque, do total de pessoas entrevistadas, 15% estão associados. Foram identificadas três associações: CAFEGUATOC, GANAGUATEQUE e Associação de Mulheres Camponesas de Guateque, além da ASOVIGU – Associação de Vítimas de Guateque, grupo de pessoas que se deslocaram do seu lugar de origem por causa do conflito armado.

Entre os associados entrevistados, uma pessoa pertence à Associação de Mulheres Camponesas de Guateque e planta café. No entanto, em uma das reuniões mensais dessa organização foi discutido com as associadas que o interesse prioritário é o impulso da agricultura familiar diversificada e não do café. Embora elas não descartem a possibilidade de promover o cultivo deste alimento, preferem conservar as policulturas porque reconhecem a importância da variedade de alimentos para a nutrição das famílias, porque elas são as responsáveis pelos cuidados da alimentação.

Em relação a isso, o comportamento protetor que já foi cultural e socialmente concedido às mulheres está relacionado em questões ambientais como o *ecofeminismo*, termo que nas últimas décadas se tornou cada vez mais relevante, destacando às mulheres na participação em espaços relacionados com aspectos ecológicos ligados aos aspectos sociais (MEDINA, 2012).

Esse papel de cuidadoras não tem uma relação biológica, mas pode basear-se na necessidade das mulheres protegerem o que pode ser considerado um bem de tipo comunitário ou público como meio de sobrevivência, sendo então uma característica das mulheres preservar e conservar o conhecimento sobre agricultura e medicina alternativa de origem tradicional (VARELA, 2019).

A soberania alimentar pretende reivindicar os direitos da mulher através da equidade e o reconhecimento do trabalho das mulheres no campo e a contribuição para a manutenção do sistema alimentar global, procurando transformar as relações sociais (VIA CAMPESINA, 2006). Essa busca pela equidade tem sido discutida em diferentes países, como Malawi, onde

a agroecologia tem sido uma estratégia para estimular esse reconhecimento da mulher camponesa como fator indispensável na produção de alimentos (BEZNER, et al., 2019).

Em países como México, tem sido demonstrado que as hortas além de fortalecer a soberania alimentar e as relações familiares e comunitárias, constituem um sistema de produção sustentável que está baseado no trabalho conjunto das famílias, onde cada um tem um rol determinado (KRISHNAMURTHY, 2017). Nessa hierarquização, geralmente quem tem o papel de administrar a horta é a mãe da família ou a mulher que tem maior nível de liderança (CABALLERO, 1992).

Essa liderança das mulheres camponesas é fortalecida quando elas estão associadas e conformam redes de colaboração que permitem um trabalho mais organizado, constituindo uma resistência ante diferentes crises que ameaçam a soberania alimentar (DUTTA; THAKER, 2019).

Nos sítios visitados em Guateque e Guayatá, as famílias participam nas diferentes atividades da agricultura, incluindo as mulheres e crianças. Geralmente quem realiza os trabalhos que requerem mais cuidado são as mulheres, porém participam em todas as outras atividades. No caso das associações de mulheres camponesas, foi identificado o interesse nas culturas diversas e especificamente de aromáticas.

A associação CAFEGUATOC reúne os cafeicultores do município de Guateque e entre algumas de suas funções encontra-se a promoção do cultivo de café em massa, com o objetivo de gerar maior visibilidade das marcas locais. Por meio dessa associação, o grão não é comercializado, mas uma das pessoas que lidera a indústria cafeeira do município compra a safra de outros cafeicultores e faz a comercialização através de uma organização no departamento de Cundinamarca, que realiza também processos de exportação.

Também foi informado que os associados de CAFEGUATOC apresentam dificuldades para o trabalho coletivo e, por esse motivo, ainda não conseguiram consolidar uma única marca que os represente, o que não lhes permite ter uma posição no mercado regional ou nacional. Essas dificuldades para a associatividade fazem com que os mesmos camponeses não tenham acesso aos diferentes processos e projetos que poderiam fortalecer o setor rural, devido que as relações de confiança para o trabalho conjunto e o estabelecimento de relações entre associações de agricultores e as diferentes entidades, podem levar ao desenvolvimento econômico do território de uma forma mais organizada e efetiva (NARVÁEZ et al., 2008).

Segundo a FAO (2004), os produtos certificados têm maior facilidade para entrar nos grandes supermercados de alimentos porque os compradores preferem alimentos que possam

garantir uma melhor qualidade, inocuidade e sustentabilidade, mas os processos apresentam dificuldades em relação ao custo e a pouca possibilidade de acesso aos créditos e capacitações por parte de quem produz os alimentos.

Quando perguntado se os cafeicultores têm algum tipo de certificação para seus produtos, nas entrevistas os presidentes das associações responderam que tem tentado processos para obter certificação de produto orgânico e/ou sustentável, mas não tem tido sucesso porque são processos burocráticos que demoram muito tempo e, além disso, tem um custo alto. Por isso, nenhuma das marcas encontradas no mercado local das cidades investigadas tem uma certificação de tipo alimento orgânico, ecológico, sustentável, dentre outros.

Geralmente, as exigências para obter as certificações de produtos são impostas pelas grandes empresas de processamento e comercialização, que definem determinados critérios de qualidade com base em um ambiente industrial, assumindo que todos os envolvidos na produção de café tem acesso e disponibilidade às tecnologias para atender os padrões definidos, aumentando a problemática de desigualdade entre os camponeses que são pequenos agricultores e aqueles que cultivam e processam café a partir de processos mais industrializados, incorporados ao modelo do agronegócio (ABOITES; HERNÁNDEZ, 2007).

Embora o processo de certificação para café sustentável requeira muito tempo e possua alto custo financeiro, ter um selo de certificação traz além de um reconhecimento de qualidade, um compromisso com o cumprimento dos requisitos ambientais, melhorando as condições dos recursos naturais impactados no processo de produção de café.

Em Cusco - Perú, por exemplo, foi avaliado o indicador geral ambiental (segundo o método de análise multicritério para fazendas cafeeiras) para uma amostra de 61 fazendas após o processo de certificação orgânica, demonstrando um aumento significativo da sustentabilidade, passando de 66,6% para 91,10% de fazendas sustentáveis, aumentando também a produtividade e a qualidade do grão (MARQUEZ et al., 2016).

Considerando que Guateque e Guayatá são regiões que já desenvolvem algumas atividades agroecológicas, o governo local poderia investir em mais políticas visando a implementação de sistemas certificados. Seria uma possibilidade de desenvolver o potencial local, melhorando geração de renda, realidade social e ambiental da região.

Também, dentre as vantagens dos alimentos certificados, encontra-se a credibilidade que a existência do selo de certificação pode gerar nos consumidores. Além do valor

agregado que isso pode trazer, que gera uma posterior fidelização ao produto (PONS; SIVARDIERE, 2002).

Em alguns dos sítios e fazendas visitadas, existe uma deficiência de boas práticas não apenas no processo de plantio, manutenção e coleta dos diversos alimentos, mas no dia a dia das famílias rurais. Isso foi observado em relação, por exemplo, à disposição de resíduos sólidos e perigosos.

Em Guayatá (90%) e em Guateque (100%) os entrevistados responderam que realizam a separação de resíduos, no entanto, todos os entrevistados responderam que a prefeitura não faz a coleta dos resíduos nas propriedades rurais. Por isso, geralmente os resíduos sólidos domésticos e os resíduos de embalagens de produtos químicos são queimados ou enterrados. Em Guateque, 40% enterram os resíduos de embalagens de agrotóxicos e em Guayatá, 65% dos entrevistados enterram e 15% dos camponeses queimam essas embalagens.

“A veces los guardamos pero casi siempre los quemamos porque eso uno se cansa de tenerlos porai , y como no hay pa’ donde llevarlos, pues toca”.¹⁵

Camponês de Guayatá, durante a entrevista para esta pesquisa.

Esta é uma situação de risco para a saúde humana e com impactos negativos enormes no meio ambiente e deve ser atendida pelas entidades governamentais garantindo assim seu tratamento adequado para a disposição final (FLORIN; THAERZADEH, 2017).

Por outro lado, nas duas cidades, a maioria dos camponeses faz compostagem (75% em Guateque e 80% em Guayatá) e usa fezes animais de gado ou galinhas para esse processo (20% em Guateque e 40% em Guayatá). A população rural entrevistada mostrou um importante interesse no aproveitamento dos resíduos orgânicos, mas em todos os casos (N= 40) a atividade é tratada como uma prática empírica, de conhecimento transferido por gerações anteriores, sem assistência técnica. Essa prática e a preocupação sobre a elaboração de compostagem devem ser mantidas e incentivadas, podendo, inclusive, se tornar uma estratégia de trabalho e renda para a população rural (FAO, 2007). De fato, a compostagem tem sido muito valorizada em alguns países, onde os camponeses veem nos resíduos orgânicos um insumo aproveitável para a agricultura, chegando inclusive a pagar por eles (EATON, HILHORST, 2003).

¹⁵ “Às vezes os guardamos, mas quase sempre os queimamos porque a gente se cansa de tê-los por aí, e como não tem para onde levá-los, não tem opção”. – A nota original em espanhol contém expressões regionais e linguagem coloquial.

Agricultura familiar x cafeicultura

A configuração geográfica na Colômbia está determinada por quatro regiões, nas quais foram instaladas diferentes unidades de tipo socioeconômico, entre elas encontra-se a “Centro – oriente agrícola e pecuária”, da qual fazem parte os departamentos de Norte de Santander, Santander, Tolima, Cundinamarca y Boyacá (CORPOICA, 1998).

A região do Valle de Tenza tem uma grande área rural, com significativo potencial agrícola. Porém, a conformação a partir dos minifúndios e as dificuldades próprias da ruralidade e da agricultura fazem com que as propriedades tenham uma baixa produção agrícola.

Do total de 40 camponeses entrevistados, 27,5% das famílias da amostra tem aproximadamente $\frac{1}{4}$ da área total das suas propriedades com lavouras de alimentos diversos e/ou especificamente café; 50% dos produtores tem, aproximadamente, 50% das suas propriedades com produção agrícola diversa e 22,5% tem produção de alimentos em $\frac{3}{4}$ da área total. Nos casos de camponeses que cultivam café, mais da metade da área cultivada corresponde às plantas de café, e embora tenham outro tipo de alimentos cultivados esses são para autoconsumo, isso em quase 80% dos casos.

Além disso, atualmente o café que é cultivado no Valle de Tenza se faz com sombreado de árvores frutíferas, um dos métodos mais recomendados e com melhor desempenho de cultivo, além de ter menos impactos negativos no solo e na água. Porém, foi observado nas visitas realizadas durante a pesquisa que essas árvores geralmente têm sido reduzidas para a função de sombrio, por isso é comum encontrar perda de frutas que não são coletadas quando amadurecem. O que também pode ter consequências na propagação de pragas, como o caso da mosca da fruta (*Anastrepha fraterculus*). Segundo os dados de avaliação por região para determinar a presença dessa praga, o Valle de Tenza apresentou o valor mais alto no monitoramento do ano 2010 (ICA, 2010). Também existem registros de presença da mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) em Boyacá, e o desenvolvimento de projetos para controlar a propagação dela nos cultivos de frutais (ASOHOFrucol, 2012). Isso reforça a percepção dos camponeses e os moradores do Valle de Tenza, uma vez que eles afirmam que a presença da mosca tem sido uma das causas da redução de cultivos de frutas na região, dentre elas a chirimoia, a laranja e a goiaba, que foram constantemente mencionadas durante as entrevistas.

Apesar de estarem numa região onde a atividade agrícola está incluída nos eixos centrais dos planos de desenvolvimento municipal, 85,5% dos entrevistados afirmaram que não recebem assistência técnica da prefeitura do município e manifestaram que é uma necessidade urgente, considerando que a maioria deles não tem um estudo técnico e/ou profissional na área agrícola e desenvolvem os cultivos baseando-se somente nos conhecimentos empíricos. Os entrevistados valorizam o conhecimento recebido por parte das gerações anteriores (transmissão de conhecimento vertical), mas, consideram que as capacitações técnicas são um complemento indispensável para lograr melhores cultivos e mais produtivos. Essa necessidade foi identificada nos Planos de Desenvolvimento de Guateque e Guayatá, porém, os camponeses não consideram que essa estratégia de assistência esteja sendo implementada.

A valorização do conhecimento tradicional por parte dos camponeses entrevistados em Guateque e Guayatá poderia ser considerada uma vantagem, pois mostra um certo interesse na conservação e transmissão de conhecimentos ancestrais. Isso, comparado com outros cenários no mundo, onde existe uma falta de respeito sobre o papel da tradição oral, onde a contribuição do conhecimento tradicional tem um impacto importante diante da escassez de alimentos, porém, sem uma valorização por parte da população externa à atividade agrícola (ACEA, 2014).

Por outro lado, o conhecimento tradicional torna-se um ponto de partida para o desenvolvimento de estudos científicos que envolvem processos de recuperação de áreas naturais, nos quais o conhecimento empírico da comunidade sobre seu território é indispensável. Na Colômbia, por exemplo, a participação da comunidade tem permitido a restauração bem-sucedida de florestas, com base na identificação empírica de espécies nativas pela população (CALLE et al., 2008).

Por sua vez, o conhecimento técnico ou científico tem um aporte importante na agricultura, como já foi dito, e pode ser considerado como um complemento do conhecimento empírico local. Mesmo sem ser essencial, a ausência total dele, pode dificultar as melhoras dos processos na agricultura de pequena escala. De fato, tem sido identificado que a assistência técnica pode contribuir também no adequado desenvolvimento tanto da agricultura rural quanto na agricultura urbana (REYNOLDS, 2011).

Ainda sobre o assunto da importância do conhecimento científico, a assistência técnica que os camponeses reclamam, pode resolver dificuldades do setor produtivo que eles já identificaram. Por exemplo, a necessidade de aprender sobre métodos sustentáveis como à agroecologia, que permitiria melhoras no ambiente e nas características do alimento que

resulta como produto do processo agrícola. Sendo a agroecologia considerada uma forma acertada de produção que está fortemente ligada à soberania alimentar (SOPER, 2019).

Em Guayatá, os membros do Comitê Municipal de Produtores de Café disseram que a assistência para as lavouras de café é obtida apenas através da FNC. Porém, os funcionários entrevistados nas Prefeituras manifestaram que o governo municipal tem oferecido apoio aos projetos de cafeicultura, além de ter também projetos em desenvolvimento nas áreas rurais focados na agricultura familiar. Como já foi dito, a necessidade foi identificada em documentos de gestão das prefeituras, mas a implementação parece não ser eficiente.

Além disso, foi mencionado em uma das entrevistas na Prefeitura de Guateque que os projetos cafeeiros foram apoiados porque existe a intenção de fazer com que em algum momento o café seja posicionado como o principal produto representativo do município. A intenção de incentivar o incremento nos cultivos de café e a sua possível transformação em uma monocultura pode gerar um alerta em relação aos riscos sobre a soberania alimentar, toda vez que a implementação de qualquer monocultura se contrapõe aos princípios de conservação da agrobiodiversidade e, por tanto, a produção de cultivos diversos.

Então, é importante que as entidades governamentais estudem as condições reais do território e a conformação da agricultura e outras atividades econômicas, a partir de diagnósticos confiáveis e trabalhos acadêmicos desenvolvidos na região.

O planejamento e a formulação de políticas públicas devem basear-se nas necessidades e problemáticas identificadas, e no caso da política municipal, provavelmente deveria focar em se conformar dentro da transcendência das políticas governamentais, por causa do prazo de execução. Da mesma forma, é indispensável a participação comunitária durante a construção das políticas públicas e seguir as diretrizes dos documentos oficiais (IICA, 2017). No caso do setor agrícola, na Colômbia existe o documento *Guía para la Generación de Políticas Participativas de Políticas Públicas Diferenciadas para la Agricultura Familiar*, um documento que mostra o processo adequado para formular políticas participativas na agricultura de tipo familiar.

Em relação à participação cidadã dos camponeses nas políticas públicas, durante as entrevistas realizadas, frequentemente estes manifestaram que em todos os períodos de campanha política, os candidatos visitam a área rural para indagar sobre as problemáticas no campo, porém, já no período de governo, as políticas não beneficiam ao campesinato. Isso faz com que o atraso no campo seja como é falado coloquialmente por eles... “un cuento de nunca acabar”.

Sendo evidente nas entrevistas que os camponeses valorizam a produção diversificada de alimentos em função da agricultura de subsistência, se as políticas fossem formuladas seguindo o caminho correto, não existiria a intenção de incentivar a monocultura de um alimento específico só com o objetivo de aumentar a renda local, pois esse fato acaba sendo uma decisão arbitrária em função da industrialização do mercado e não em benefício da população local, sendo assim uma contraposição para a autonomia na produção de alimentos locais, o que no final terá um impacto negativo na soberania alimentar.

Em Guayatá, quinze famílias entrevistadas disseram que atualmente cultivam café, das quais apenas sete cultivam esse alimento há mais de dez anos. As oito famílias restantes cultivam esse alimento há menos de dez anos. Nesses quinze casos de cafeicultores ativos, todos afirmaram que nos últimos anos o número de plantas de café em suas propriedades aumentou.

Por outro lado, em Guateque, dezenove famílias não cultivavam café antes de 2009, doze continuam sem cultivar café, seis famílias cultivam esse alimento há menos de dez anos e apenas uma família entrevistada cultiva café há mais de dez anos. Essas sete famílias cafeicultoras também afirmaram que o número de plantas aumentou nos últimos anos.

Esse aumento das lavouras de café em Guateque e Guayatá baseia-se no atrativo de consolidar esse alimento como um produto de destaque na região, mas, como já tem sido manifestado por agricultores de outras regiões da Colômbia, também é devido às melhores possibilidades de comercialização que tem esse alimento diante de outros (CADENA, 2018).

Geralmente quando se fala em monoculturas, foca-se nos impactos negativos que elas trazem para o meio ambiente relacionando-o com os recursos naturais, mais quase nunca com a população que é afetada. Esse é o caso das populações onde são produzidos agrocombustíveis. As monoculturas de cana de açúcar e palma de dendê afetam a qualidade de vida das pessoas pelo impacto negativo na agricultura tradicional, diminuindo o cultivo de alimentos que fazem parte da alimentação da população local (AVILA; CARVAJAL, 2015).

Essa problemática também é favorecida pelos Acordos de Livre Comércio em países como México, onde o milho, sendo o alimento mais importante da cultura alimentar mexicana, tornou-se dependente das importações, uma vez que o país não pode atender à oferta doméstica com a produção nacional (MORENO et al., 2016), e na Colômbia, onde também tem sido afetada a cultura do milho, devido ao fato de que o volume importado dos Estados Unidos a preços baixos faz com que a produção nacional diminua (TRÓCHEZ et al., 2017).

Com base nos resultados obtidos, pode-se dizer que os agricultores do Valle de Tenza estão atualmente enfrentando mudanças na forma como a agricultura familiar é praticada; com a inclusão de alimentos não tradicionais e o aumento principalmente das lavouras de café. Esse possível fenômeno de transição para a cafeicultura tem levado a atenção dos agricultores para o interesse no aumento da renda financeira, reduzindo assim os hectares disponíveis para as policulturas, o que poderia causar consequências negativas na flora e na fauna da região (GHAZALI et al., 2016).

Também, a diminuição da diversidade de alimentos produzidos representa um risco para a soberania Alimentar da região do Valle de Tenza, pois a população local está aumentando sua dependência das culturas de outras regiões e os alimentos importados para atender às necessidades alimentares.

Por outro lado, falando em sustentabilidade dos sistemas de produção de café, como métodos de irrigação, em Guateque, 50% dos camponeses entrevistados usa irrigação natural (chuva), 45% usa método de aspersão, 5% usa gotejamento. Em Guayatá 55% usa método natural (chuva) e a porcentagem restante usa aspersão. Nesta região da Colômbia, a precipitação é suficiente durante a maior parte do ano. Em tempos de seca, os camponeses fazem uso do método de irrigação quando necessário. Nas duas cidades, os camponeses relacionaram a qualidade da água com a origem; 45% tem nascente como fonte principal de abastecimento de água.

Em relação ao cultivo de café, em todos os casos das entrevistas, ainda é manejado com plantios de sombreado, o que é considerado um método mais sustentável para produção de café por sua contribuição na preservação da agrobiodiversidade (NESTEL, et al., 1993) e o baixo custo hídrico devido ao comportamento da evaporação e a evapotranspiração por causa do sombrio das árvores que acompanham esse método de cultivo (LIN, 2010).

Embora o plantio de café tenha se incrementado progressivamente, três dos entrevistados possuem propriedades com mais de um hectare para produção de café, no entanto, que não estão sendo plantados de forma industrializada. Além disso, o processo do grão é feito de forma artesanal em 85% dos casos, isso incluindo até a secagem. O resto do processo: a torra, moagem e embalagem é feita em 90% dos casos pela empresa CANNOR, localizada em Guayatá.

Isso porque o café produzido na região do Valle de Tenza é de tipo *especial de origem*, e deve cumprir com características diferenciadas: forma, humidade, aparência, além de um processamento cuidadoso do grão durante as etapas de colheita, lavagem e secagem, o que

faz com que seja um café de melhor qualidade e mais apreciado pelos compradores (FARFÁN, 2007).

No entanto, é importante gerar uma alerta frente ao processo de transição dos cultivos diversificados para cultivos mais focados na cafeicultura. Sendo indispensável estimular as boas práticas agrícolas no Valle de Tenza com a implementação de cultivos agroflorestais e cultivos agroecológicos e orgânicos, que preservem a biodiversidade, os recursos hídricos e a qualidade do solo, além de beneficiar a região com a produção de alimentos em quantidade e qualidade adequadas, sempre com o cumprimento dos princípios da soberania alimentar.

4.2. Impactos da transição da agricultura familiar para o modelo de agronegócio, sobre a alimentação de um povo: transformação das tradições alimentares na Região do Valle de Tenza, Colômbia

Na área urbana, embora o chefe da família fosse identificado como o homem e estivesse presente durante a entrevista, a responsabilidade de responder às perguntas foi delegada à mulher da casa, geralmente justificando que, se o estudo estava relacionado à alimentação, era ela quem tinha um conhecimento maior sobre o assunto. Assim, apenas 5% dos entrevistados foram homens em Guateque e 40% em Guayatá (Quadro 3). 77,5% do total de consumidores entrevistados foram mulheres. Sobre isso, se deve refletir sobre a construção social da ideia de que a mulher tem as responsabilidades de cuidado na família em aspectos de saúde e alimentação (MEJÍA; LÓPEZ, 2010). Desta forma a nutrição e a definição dos hábitos alimentares são uma consequência das escolhas de compra e preparo dos alimentos feitos pela mulher (geralmente a mãe), com maior autoridade na família (RESTREPO; MAYA, 2005).

Quase a metade das famílias entrevistadas em Guayatá possui apenas dois moradores na residência e só 5% tem entre 5 e 6 pessoas. Famílias sem filhos correspondem a 20%, 77,5% não tem filhos entre 6 e 18 anos, e 87,5% não tem menores de 5 anos. Por sua vez, em Guateque o panorama foi diferente. As famílias com até 4 pessoas representam uma maior porcentagem (62,5%), e por outro lado, todas as famílias relataram ter pelo menos um filho, sendo que mais da metade (60%) tem dois filhos.

Mais da metade dos entrevistados tem ensino médio completo, o que de certa forma reflete a situação de educação do país, uma vez que na Colômbia, as formações de ensino fundamental e médio são de acesso 100% público, e as Instituições Educativas de nível

superior e de pós-graduação são na sua maior parte do tipo privado, limitando-se assim o acesso de grande parte da população à educação superior.

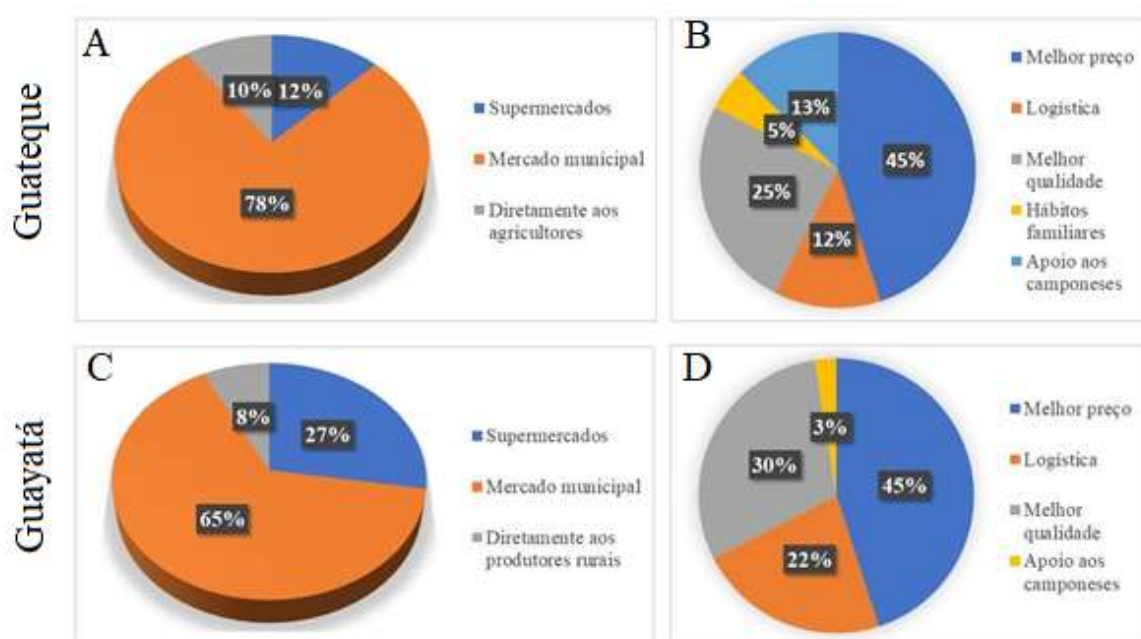
Quadro 3. Dados socioeconômicos dos consumidores de alimentos de Guateque e Guayatá, Boyacá – Colômbia. (N = 80 entrevistados).

	No. de pessoas Guateque	%	No. de pessoas Guayatá	%
Gênero				
Feminino	38	95	24	60
Masculino	2	5	16	40
Grau de escolaridade do entrevistado				
Alfabetização	-	-	2	5
Ensino fundamental	3	7,5	14	35
Ensino meio	23	57,5	14	35
Ensino técnico	10	25	5	12,5
Ensino superior	3	7,5	5	12,5
Pós-graduação	1	2,5	-	-
No. De pessoas que moram na residência				
Até 2 pessoas	5	12,5	17	42,5
Entre 3 e 4 pessoas	25	62,5	21	52,5
Entre 5 e 6 pessoas	10	25	2	5
Mais de 7 pessoas	-	-	-	-
No. de filhos				
Não tem filhos	-	-	8	20
1 filho	6	15	10	25
2 filhos	24	60	9	22,5
3 filhos	7	17,5	3	7,5
4 filhos	2	5	3	7,5
5 filhos	-	-	2	5
6 filhos	-	-	1	2,5
7 filhos	1	2,5	1	2,5
11 filhos	-	-	3	7,5
No. de pessoas entre 6 e 18 anos				

Nenhuma	16	40	31	77,5
1 pessoa	8	20	8	20
2 pessoas	10	25	2	5
3 pessoas	4	10	-	-
4 pessoas	2	5	-	-
No. de pessoas menores de 5 anos-				
Nenhuma	25	62,5	35	87,5
1 pessoa	10	25	4	10
2 pessoas	4	10	-	-
3 pessoas	1	2,5	1	2,5

Em relação ao acesso aos alimentos, nos dois municípios indagou-se sobre o local onde preferem comprar e a motivação para comprar naquele local. Entre outras coisas, observou-se que nos dois municípios, a maioria dos entrevistados preferem comprar alimentos no mercado municipal (Figura 9A e Figura 9C), porque encontram melhores preços (Figura 9B e Figura 9D).

Figura 8. Local de compra dos consumidores de alimentos de Guateque (A e B) e Guayatá (C e D) e motivação principal para essa escolha.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Ainda sobre esse assunto, 88% dos entrevistados em Guateque e 73% dos entrevistados em Guayatá que compram diretamente aos camponeses no mercado municipal e a aqueles que vendem porta a porta. Os consumidores manifestaram que independente do preço, eles têm essa preferência no momento de comprar devido ao impacto social, porque evita os intermediários, além disso, alguns dos compradores disseram ter a possibilidade de comprar alimentos orgânicos. Sobre os tipos de agricultura, 77,5% em Guateque e 82,5% em Guayatá responderam que sabem o que é a agricultura orgânica, o que indica uma consciência sobre a importância deste tipo de agricultura. Isso foi comprovado ao indagar sobre as características desse tipo de agricultura. Assim, 100% dos entrevistados que falaram em agricultura orgânica, citaram como característica principal a ausência de agrotóxicos nesta prática agrícola.

O consumo de alimentos orgânicos pode estar incentivado pela tendência ao consumo de alimentos mais saudáveis. Geralmente este grupo de alimentos, pela qualidade e por encontrar-se livres de resíduos de produtos agroquímicos, resultam mais atrativos para os consumidores (HIGUCHI, 2015). Mesmo tendo um conhecimento sobre a importância da agricultura orgânica, o interesse pela compra deste tipo de alimentos não é representativo na amostra desta pesquisa. Em Guateque e Guayatá, quando perguntado se eles conhecem a origem dos alimentos, em Guateque, apenas 2% respondeu que os alimentos que compra são 100% orgânicos, também 10% disseram que são da agricultura familiar, 15% disse que são do agronegócio e 73% não conhece a origem. Em Guayatá, 8% disse que são orgânicos, 35,5% disse que são da agricultura familiar, 26,5% do agronegócio e 30% não conhece a origem. Essa baixa porcentagem sobre os alimentos orgânicos reflete a baixa intenção de compra desses alimentos pela maior parte da população entrevistada.

A principal motivação daqueles consumidores de alimentos orgânicos foi a preocupação com os impactos sobre a saúde humana. Alguns relataram também aspectos sobre o impacto negativo sobre os recursos naturais com o uso de agrotóxicos. Isso se contrapõe com algumas experiências analisadas em outros lugares. Por exemplo, no México, um estudo sobre consumo de alimentos orgânicos mostrou que a percepção sobre a importância do consumo de alimentos livres de agroquímicos está associada com a forma errada de livre acesso aos fertilizantes, o que também evidencia falta de conhecimento sobre os tipos de agricultura e os processos, determinando que o consumo dos orgânicos seja mais influenciado pela área da saúde do que por assuntos de consciência ambiental. Embora o

custo dos alimentos mais saudáveis seja maior, os consumidores estão dispostos a assumir um custo adicional por causa da higiene e a qualidade, o que poderia gerar uma melhor renda para os agricultores (GUTIÉRREZ, 2012).

Existe também uma corrente ecologista que procura alimentos com um conteúdo ecológico simbólico. Assim, esse tipo de comprador está constantemente preocupado pela forma de produção dos alimentos, sendo a proteção ao meio ambiente o ponto central. No entanto, esses compradores podem ser de diferentes tipos; os mais comprometidos com as causas ecológicas e o consumo mais responsável, aqueles que estão preocupados pela saúde, e aqueles que compram só por se sentir parte de um grupo de pessoas que fazem parte de uma moda (MAGRAMA, 2011).

No entanto, o desconhecimento sobre a importância ambiental e a falta de consciência sobre a necessidade da produção de alimentos mais sustentáveis como documentado em Guateque e Guayatá é também uma problemática em diferentes países da América latina. Por exemplo, VASCO et al. (2017), realizaram uma análise sobre o consumo de alimentos ecológicos em Quito – Equador, onde concluíram que a principal motivação para preferir esse tipo de alimentos é manter um estado de saúde melhor. Porém, a única outra motivação é a tendência da moda sobre o consumo desse tipo de alimentos. Confirmando assim, que o aspecto de impacto ambiental negativo não é importante para alguns compradores e consumidores de alimentos orgânicos.

Em Guateque, o mercado municipal reúne mais produtores e mais intermediários do que outros mercados da região (Figura 10) por ser a capital da Província de Oriente, e isso faz com que seja um ponto comercial onde se reúnem os compradores e vendedores dos municípios que estão localizados em regiões mais próximas. Então, durante as visitas ao mercado de Guateque, foi possível ver consumidores que antes de comprar o produto, perguntavam sobre a origem orgânica ou agroecológica dos alimentos, demonstrando ter consciência da diversidade dos lugares que produzem os alimentos que são comercializados nesse local, onde a presença de intermediários é alta.

Figura 9. Mercado municipal de Guateque, Boyacá - Colômbia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Pelo contrário, no mercado de Guayatá (Figura 11), onde a frequência de compradores parece ser menor, e a diversidade de alimentos comercializados também é menor, a maioria dos agricultores já era identificada facilmente pelos compradores, que não se importavam com a origem dos alimentos. Aparentemente, a compra estava baseada mais em um sentimentalismo e na relação de confiança com o vendedor por ser nativo da cidade. No entanto, em Guayatá, embora seja menor do que em Guateque, também foi possível identificar intermediários que comercializam alimentos.

Figura 10. Mercado municipal de Guayatá, Boyacá - Colômbia



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Diferentes experiências sobre a importância da confiança entre o consumidor e o campesino que produz os alimentos demonstram que estabelecer espaços de comércio que facilitem a relação direta do campesino com quem compra os alimentos, gera um intercâmbio de experiências que ajuda a impulsionar as boas práticas agrícolas e melhoram as condições de comércio justo, uma vez que obrigam a manter a qualidade dos alimentos (MENDIOLA, 2017). A falta de cenários suficientes de troca direta entre camponês e consumidor não permite que as populações urbanas de Guateque e Guayatá estabeleçam uma relação mais direta com os camponeses, causando distanciamento e desconhecimento sobre a situação real no campo, o que é muito falado e conhecido na Colômbia como *“la brecha entre el campo y la ciudad”*.

Na Espanha, por exemplo, estão se incrementando o número de feiras agroecológicas, com a intenção de gerar alternativas para os camponeses através dos canais curtos de comercialização, que por sua vez fomentam as relações de confiança entre o agricultor e o consumidor (DE LA CRUZ; HARO; MOLERO, 2016).

Na Colômbia existem os mercados camponeses, espaços de comercialização de alimentos, venda de pratos típicos, artesanato, e acima de tudo, espaços de troca de saberes (COELHO; URIBE, 2018). Mas, não é comum encontrá-los com frequência e também não

são desenvolvidos em todas as cidades, além de ser em alguns casos planejados e executados em forma errada. Por exemplo, em Guateque, existe o mercado camponês local, uma vez por mês, porém, foi observado que a assistência aos camponeses é mínima, e na realidade, esse espaço torna-se mais em um evento de empreendedorismo onde são comercializados produtos já processados, em alguns casos naturais, mas em poucos casos é possível encontrar alimentos que provem da agricultura. Isso, faz pensar que as diferentes entidades e o governo local parecem formular suas políticas públicas sobre suposições e não sobre realidades, além de interpretar e implementar de forma errada as estratégias como os mercados camponeses, o que complica a situação da produção agrícola, levando em consideração que não há uma relação conjunta entre os diferentes setores que têm uma influência direta no campo e seus habitantes. Esta formulação de políticas que desconsideram questões que dificultam sua aplicabilidade é um cenário muito comum na Colômbia, e de fato em diferentes países da América Latina (NATERAS, 2006).

Essa situação gera um risco sobre a soberania alimentar dos Valletenzanos que é iminente, enquanto a relação camponês-consumidor-governo não for fortalecida, uma vez que a agricultura familiar na região deve basear-se numa dinâmica de trabalho articulado e a boa gestão para beneficiar aos camponeses da região.

Ainda sobre as ações mal planejadas pelo governo local, é importante dizer que, apesar de não ser contra a produção de alimentos para fins de exportação, a soberania alimentar prioriza a segurança alimentar local (VIA CAMPESINA, 2006), que também não está sendo tratada adequadamente pelas diferentes entidades envolvidas com a agricultura na região, pois estão pretendendo concentrar esforços financeiros e de gestão na promoção de uma monocultura de café, o que acabaria limitando a autonomia dos camponeses e gerando impactos sociais, ambientais e culturais no Valle de Tenza.

Produção de alimentos e percepção dos camponeses e dos consumidores em relação aos alimentos que sofreram impacto de redução na quantidade nos últimos dez anos

Com o objetivo de conhecer a situação atual da variedade de alimentos produzidos na região, os camponeses foram questionados sobre as culturas que ainda possuem e as que diminuíram e/ou desapareceram totalmente nos últimos dez anos; época em que a atividade cafeeira na região se intensificou. Como registrado no Quadro 4, em ambas as cidades houve uma produção diversificada de produtos. Considerando tratar-se de uma região com maior tradição na produção de café especial, em Guayatá, o principal alimento cultivado é o café,

seguido por diferentes tipos de banana, cultivos que também podem ser ligados ao café nos casos das propriedades onde é cultivado, devido à sua função de sombrio, método usado em muitos lugares do mundo (LAURENCE et al., 2012). Ainda se destaca o milho, enquanto os vegetais e hortaliças parecem ser os menos representativos.

Em Guateque, apesar de ter menos atividade agrícola do que em Guayatá, a produção de alimentos também é diversa, sendo o milho a produção principal, seguido da banana e da batata. O café ocupa o 6º lugar na produção local segundo o informado pelos camponeses em relação aos principais alimentos que cultivam atualmente.

Quadro 4. Principais alimentos que são cultivados pelos camponeses entrevistados em Guateque e Guayatá, Boyacá - Colômbia.

GUAYATÁ		GUATEQUE	
Café (<i>Coffea</i>)	16	Milho (<i>Zea mays</i>)	13
Banana (<i>Musa paradisiaca</i>)	16	Banana (<i>Musa paradisiaca</i>)	10
Milho (<i>Zea mays</i>)	13	Batata (<i>Solanum tuberosum</i>)	10
Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	7	Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	9
Limão (<i>Citrus latifolia</i> , <i>Citrus limon</i>)	6	Ervilha (<i>Pisum sativum</i>)	8
Tangerina (<i>Citrus reticulata</i>)	5	Café (<i>Coffea</i>)	7
Abacate (<i>Persea americana</i>)	5	Tangerina (<i>Citrus reticulata</i>)	5
Abobora (<i>Cucurbita máxima</i>)	5	Cana de açúcar (<i>Saccharum officinarum</i>)	4
Laranja (<i>Citrus X sinensis</i>)	5	Limão (<i>Citrus latifolia</i> , <i>Citrus limon</i>)	4
Cana de açúcar (<i>Saccharum officinarum</i>)	3	Mandioquinha (<i>Arracacia xanthorrhiza</i>)	4
Manga (<i>Mangifera indica</i>)	3	Abacate (<i>Persea americana</i>)	4
Ervilha (<i>Pisum sativum</i>)	2	Mandiona (<i>Manihot esculenta</i>)	3
Batata (<i>Solanum tuberosum</i>)	2	Habas	2
Alface (<i>Lactuca sativa</i>)	2	Tomate (<i>Solanum lycopersicum</i>)	2
Mandiona (<i>Manihot esculenta</i>)	1	Habichuela (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	1
Mandioquinha (<i>Arracacia xanthorrhiza</i>)	1	Zuchinni (<i>Cucurbita pepo</i>)	1

Zuchinni (<i>Cucurbita pepo</i>)	1	Guatila (<i>Sechium edule</i>)	1
Tomate (<i>Solanum lycopersicum</i>)	1		
Cebola (<i>Alium cepa</i>)	1		
Acelga (<i>Beta vulgaris</i> var. cicla)	1		
Espinafre (<i>Spinacia oleracea</i>)	1		

Em Guayatá, os camponeses indicaram que deixaram de produzir um número maior de alimentos do que em Guateque, no entanto, muitas das espécies se repetem nas duas cidades (Figura 12). Tanto em Guateque como em Guayatá, os entrevistados mencionaram com frequência que os alimentos que mais tem deixado de cultivar são frutas locais/ nativas. Porém, também indicaram que estão sendo introduzidas espécies de frutas como o arándano (*Vaccinium myrtillus*), nativo da Europa (RITCHIE, 1956). Embora tenha se incrementado o consumo desse alimento pelos benefícios (ainda em estudo) que traz para a saúde (KALT et al., 2020), nenhum dos entrevistados cultiva esse alimento ainda.

Figura 11. A) Alimentos que os camponeses entrevistados deixaram de cultivar e B) percepção dos camponeses sobre alimentos com cultivo reduzido e/ou nulo nos últimos dez anos.



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Em relação aos alimentos com cultivo reduzido ou nulo segundo a percepção dos camponeses entrevistados, 47,5% cita a chirimoia (*Annona cherimola*) como a espécie que mais teve seu cultivo reduzido na região do Valle de Tenza (Figura 12B). Além disso, observou-se que em Guateque os alimentos regionais, como milho e banana, ainda permanecem entre os principais produtos cultivados. No entanto, os que mais diminuíram a produção foram árvores frutíferas e alimentos andinos e/ou ancestrais, como cubios (*Tropaeolum tuberosum*), rubas (*Ullucus tuberosus*) e habas (*Vicia faba*), dentre outros.

Em relação às árvores frutíferas, os consumidores afirmaram que muitos desses alimentos não são mais cultivados porque, devido à construção da usina hidrelétrica de Chivor, a variação de umidade e a variação da temperatura provocaram mudanças no clima da região e isso gerou o aparecimento de pragas que afetaram esse tipo de plantas, o que tem sido registrado durante vários anos pela mídia nacional (EL TIEMPO, 2009), além de estar respaldado por estudos acadêmicos que registram os relatos dos moradores sobre a percepção do impacto socioambiental e econômico da construção desse projeto hidrelétrico (CORREA, 2013). O registro de pragas vem sendo feito em estudos que mostram, por exemplo, como a mosca da fruta, que tem sido favorecida com as mudanças no nível de umidade da região (BUENO, 1996).

Durante as últimas décadas, os consumidores de alimentos têm modificado seus hábitos alimentares e, portanto, o tipo de alimentos que compram nos mercados, está influenciado por conceitos que provem dos sistemas alimentares globalizados, que promovem a compra de alimentos com características definidas e padronizadas, e que geralmente são produzidos pelas grandes indústrias (FLORES, 1998).

Nos últimos anos, os hábitos alimentares têm sido modificados também por conta das escolhas que as pessoas fazem devido às informações disponíveis nas redes sociais, e de forma geral nos diferentes sites da internet, que atualmente tem uma influência importante na população que faz parte da geração denominada *millenial* (ROSENBLOOM, 2018)

Como consequência, se apresentam situações como a identificada nesta pesquisa, onde os alimentos regionais e os alimentos ancestrais ou alimentos andinos estão em risco de desaparecer. Diante disso, os camponeses disseram que uma das razões para ter diminuído a produção ou ter abandonado a produção desses alimentos é a falta de compradores, uma vez que a tradição de consumir certo tipo de alimentos está se perdendo nas gerações mais recentes, que preferem alimentos exóticos, preparações típicas de outros países, além de alimentos processados. Esse é o caso de alimentos como as habas (*Vicia fava*), os cubios (*Tropaeolum tuberosum*), as rubas (*Ullucus tuberosus* C.), e outros alimentos típicos da

região, que ainda são cultivados pelo enraizamento cultural, mas não pela rentabilidade do cultivo (AGUIRRE et al., 2011).

“Ya por lo menos la juventud, la niñez que se está criando, vaya a ver deles uno porai un piquete, lo que es con habas cocinadas, guatila, arracachita. Toesas cositas antiguamente... rubas, nabos, todueso, lo que eran cubios, tuesas vainas, eso era una belleza pa’ uno. Le daban su platao y eso uno comía. Hoy en día vaya a ver un niño, la juventud que se está criando... ¡nagh!, eso es sólo arroz, pasta y papa, o sino golosinas del pueblo, ya por eso es que la juventud hoy en día se cría... pues a modo de decir... desnutridos. Porque... ya qué”.¹⁶

Relato de um camponês agricultor familiar de Guateque durante a entrevista para esta pesquisa.

No mercado municipal de Guateque, Garagoa, e Tenza (todos municípios da região do Valle de Tenza), foi observado durante os meses de trabalho de campo, um aumento importante na venda de maracujá roxo (*Passiflora pinnatistipula*), alimento que aparentemente está sendo preferido pelos consumidores, substituindo o maracujá (*Passiflora edulis*), alimento tradicionalmente cultivado no Valle de Tenza.

Para avaliar os hábitos alimentares dos consumidores, estes foram questionados, por exemplo, sobre o tipo de alimento que preferem consumir em relação aos alimentos processados ou da terra. Nesse caso, 97,5% respondeu que a maior parte da sua dieta está baseada nos alimentos da terra (cereais, frutas, hortaliças, vegetais, etc). No entanto, nas famílias com pais mais jovens foram referenciados mais alimentos processados porque a dieta das crianças inclui alimentos processados.

Apesar dos consumidores terem falado sobre sua preocupação com a saúde e a preferência pelo consumo de alimentos da terra, questionamentos mais aprofundados ao longo da entrevista revelaram que a alimentação deles realmente não está baseada nesse tipo de alimentos, uma vez que 70% em Guateque e 57,5% dos entrevistados em Guayatá, afirmaram que consomem também alimentos processados como pães, cereais industrializados, iogurte industrializado, salsicha, presunto, batatas, biscoito recheado, entre outros. Isso concorda com a percepção que os camponeses (70%) e os adultos da área urbana

¹⁶ “Agora pelo menos os jovens, as crianças que estão crescendo, a gente vai dá-lhes um piquete, o que é fava, xuxú, mandioquinha. Todas essas coisas antigamente... rubas, nabos, tudo isso, os cubios, todas essas coisas, isso era uma beleza pra gente. Eles nos davam um prato grande e a gente comia. Hoje a gente vai dar isso para uma criança, os jovens que estão crescendo... não!. Agora é só arroz, massa e batata, ou doces da cidade. Agora, é por isso que os jovens hoje em dia crescem... por falar alguma coisa... desnutridos. Porque... já era”. – A nota original em espanhol contém expressões regionais e linguagem coloquial.

(20%) têm sobre as mudanças nos hábitos alimentares, que referenciam existir um baixo consumo de alimentos da terra porque atualmente há um consumo de alimentos processados que não foi apresentado quando eles eram crianças.

“Yo me acuerdo que mi mamita nos preparaba sopas, hacia envueltos, las arepas... en la casa a mi nieta le compramos yogurt, cereal y los dulces de vez en cuando. Y los muchachos ahora comen hamburguesas y esas comidas rápidas. Nosotros cuando eramos niños no comíamos eso porque no había esas cosas por ahí... no vendían eso”.

Relato de uma mulher da área urbana de Guayatá, durante a entrevista para esta pesquisa.¹⁷

Essa divergência entre as respostas e a realidade da dieta das famílias pode ser explicada pela percepção subjetiva da qualidade dos alimentos e a naturalidade deles, em relação à forma como ele é descrito na sua composição ou pela sua origem. Numa análise realizada a mais de 1000 estudos de investigação sobre consumidores de 32 países, foi encontrado que além da percepção sobre a naturalidade dos alimentos variar de um país para outro e de uma região para outra, as etiquetas dos alimentos chamados “naturais” influenciam aos consumidores no momento da compra, fazendo com que eles se percebam numa dieta saudável (ROMÁN et al., 2017).

Em Guateque e Guayatá, como foi dito, parte da alimentação dos entrevistados está baseada no consumo de alimentos da terra, que só em alguns casos é de tipo orgânico. Além disso, segundo os entrevistados, a influência da mídia e as redes sociais sobre o consumo de alimentos processados faz com que a alimentação das novas gerações seja mais voltada para o consumo de alimentos processados e de tipo *fast food*. Isso, tem sido avaliado cientificamente com a exposição de crianças às redes sociais, demonstrando que existe uma grande influência do conteúdo virtual que direciona as decisões de consumo dos alimentos processados e *fast food*, onde o papel dos pais é importante na orientação dos filhos para melhorar os hábitos alimentares (LWIN et al., 2017).

A *fast food* é uma proposta presente na oferta local de comércio de alimentos preparados nos dos municípios objeto desta pesquisa. O que foi referenciado pelos

¹⁷ Eu lembro que mainha preparava sopas, fazia pamonha, as arepas... Agora em casa compramos yogurt para minha neta, cereal e balas às vezes. E os jovens agora consomem hambúrgueres e essa fast food. A gente quando era criança não comia isso porque não tinha essas coisas por aí... não vendiam”. – A nota original em espanhol contém expressões regionais.

entrevistados da área urbana ao longo das entrevistas, relacionando esse fato com as mudanças nos hábitos alimentares.

“Aquí en el pueblo hay muchos restaurantes de comidas rápidas, en nuestra época eso no se veía. Yo vine a comer hamburguesas ya grande. Y casi no me gustan. Muy de vez en cuando me como una. Eso los muchachos de ahora si comen bastante. En cambio las sopas y esas cosas no les llaman mucho la atención”.¹⁸

Relato de uma mulher da área urbana de Guateque, durante a entrevista para esta pesquisa.

Com relação à disponibilidade de alimentos, os consumidores dos dois municípios relataram que a diminuição da produção e/ou desaparecimento total de alimentos regionais está principalmente concentrada nas frutas (Figura 13), coincidindo com as informações dadas pelos produtores quando perguntado sobre as culturas que eles têm abandonado ou diminuído (Figura 12A, Figura 12B).

Figura 12. Percepção dos consumidores sobre alimentos com cultivo reduzido e/ou nulo em toda a região do Valle de Tenza.



Fonte: Dados da pesquisa. 2019

¹⁸ “Aqui na cidade tem muitos restaurantes de fast food. Eu comi hambúrguer pela primeira vez quando já era adulta. E não gosto muito, só às vezes como um. Os jovens agora comem bastante isso, pelo contrário as sopas e essas coisas não lhes interessam muito”. – A nota original em espanhol contém expressões regionais e linguagem coloquial.

Da mesma forma, os dados relatados pelos consumidores sobre a ausência de alimentos tradicionais, andinos e/ou ancestrais como feijão, cubios, nabos, rubas e habas, dentre outros, refletem o abandono dessas culturas (Figuras 12A e 12B). É importante dizer que, apesar de constar na lista, nos casos em que esses alimentos foram relatados não foram recorrentes, o que também pode ser devido às mudanças nos hábitos alimentares das gerações recentes e a perda na memória da cultura alimentar (SAULO, 2016). É possível que isso faça com que a ausência desses alimentos no mercado não seja reconhecida por parte da população.

Referente a isso, a pesquisa Consumo de Alimentos en América Latina y el Caribe, mostrou que a maioria dos países da região estudada, apresenta uma perda de consumo de alimentos tradicionais; grãos, cereais e hortaliças próprias de cada país foram substituídos por outros alimentos (SHAMAH et al., 2014).

Quando questionado sobre a principal razão da mudança na disponibilidade e quantidade de alimentos na região, em Guateque 55% dos consumidores entrevistados e 35% em Guayatá consideraram que é devido ao uso de agrotóxicos nos alimentos que provoca infertilidade dos solos e diminui a produção, e 17,5% em Guateque e 20% em Guayatá consideraram que é por causa da pouca mão de obra no campo. Em quanto os camponeses manifestaram que as principais razões para ter deixado de cultivar alguns alimentos próprios da região as causas podem ser: não ter compradores suficientes para determinados alimentos; preços injustos estabelecidos por intermediários que comprem os alimentos; falta de assistência técnica; falta de políticas públicas que beneficiem ao camponês, entre outras.

Então, levando em consideração que, quando confrontadas com essa questão, as respostas dos consumidores se contrapõem com as dos camponeses entrevistados, fica claro que a percepção do consumidor está longe da realidade do camponês, que tem e sofre carências que a população urbana não percebe e nem reconhece. Essa falta de conhecimento sobre o campo e a falta de relação direta entre a população urbana e a rural aumentam as desigualdades sociais (PARRA et al., 2013), fazendo, por exemplo, com que o camponês seja visto como uma representação da miséria e não como um elemento fundamental no sistema do qual faz parte como gerador de vida através da produção de alimentos. Paradoxalmente, é desvalorizada sua contribuição com a redução da fome no mundo e, portanto, da mesma pobreza.

Durante a pesquisa, foi possível observar que ainda são conservadas sementes nativas. A maioria dos camponeses as conservam por iniciativa própria, entre elas as sementes de

milho, feijão, banana, batata, mandioca, mandioquinha, e frutas como laranja, limão, goiaba, entre outros. Do total dos 40 produtores entrevistados, apenas 38% disseram que, por meio da associação a qual pertencem, são incentivados a usar sementes nativas, enquanto 100% responderam que são incentivados a migrar para a cafeicultura e que não sabem se há um Banco de Sementes Nativas na região. Nesse sentido, identificou-se que há um aparente vazio entre as Prefeituras Municipais e outras organizações que promovem a preservação e o uso de sementes nativas. Isso porque foram realizadas visitas à Feira Agroecológica da Universidade Nacional da Colômbia, onde foi estabelecido contato com a *Rede de Semillas Libres*, que atualmente está desenvolvendo um processo para a conservação de sementes nativas na região do Valle de Tenza, centralizada no município de Garagoa, que faz limite com Guateque. Além disso, o departamento de Boyacá possui o primeiro banco de sementes nativas silvestres do país, que foi criado em 2018.

Nenhuma dessas questões foi mencionada pelos camponeses que participaram da investigação, nem por funcionários entrevistados na Prefeitura de Guateque, tampouco na Prefeitura de Guayatá.

A falta de conhecimento sobre a importância da conservação das sementes crioulas tem consequências na agricultura, considerando que nos casos em que os extensionistas prestam assistência técnica aos agricultores, eles podem se basear apenas em questões de rendimento da produção para sugerir o uso de sementes geneticamente modificadas e não no valor cultural e histórico das sementes nativas (DURÁN; WAQUIL, 2019).

Por outro lado, a preferência dos consumidores sobre a aparência dos alimentos faz com que a conservação das sementes nativas ou originárias esteja em risco. Como tem sido manifestado por camponeses da Colômbia, as sementes modificadas produzem alimentos com uma melhor estética, obrigando aos camponeses a fazer uso de sementes que não são crioulas para ter melhores oportunidades de comercialização (HERNÁNDEZ; GUTIÉRREZ, 2019).

Percepção dos camponeses e dos consumidores sobre os pratos típicos da região

Com o objetivo de avaliar o cenário gastronômico e culinário da região em relação à disponibilidade de alimentos da agricultura, os entrevistados foram questionados sobre os pratos e/ou comidas típicas da região que conhecem. Tanto as respostas dos camponeses (Figura 14A) quanto as respostas fornecidas pelos consumidores (Figura 14B) permitiram ter

uma aproximação sobre a cultura alimentar, gastronomia e culinária local e regional e os hábitos alimentares tradicionais dos valletenzanos.

Por ter diminuído a disponibilidade de alguns alimentos como os cubios (*Tropaeolum tuberosum*), habas (*Vicia fava*), rubas (*Ullucus tuberosus* C.) e nabos (*Brassica rapa* subsp. *rapa*), pratos típicos como o cozido boyacense ou a adaptação regional “poteco” ou “piquete” feito a base de tubérculos e algumas carnes (boi, porco, frango), são raramente preparados.

Outro aspecto que parece ter influenciado as mudanças nos hábitos alimentares são as recomendações dos profissionais da saúde em relação às dietas, pois as preparações tradicionais mencionadas possuem alto conteúdo de carboidratos, conforme relatado pelos entrevistados. Segundo eles, antigamente as famílias consumiam pratos menos balanceados, com menos vegetais e hortaliças e mais tubérculos e cereais. Atualmente, a dieta das famílias está baseada nas recomendações médicas, que por sua vez estão determinadas por documentos como as guias alimentarias para a população colombiana (MINSALUD, 2015).

Figura 13. Pratos e/ou comidas típicas reconhecidas pelos A) produtores e B) consumidores de alimentos. As palavras localizadas no centro da imagem são aquelas respostas que coincidiram nas duas cidades.



Fonte: Dados da pesquisa. 2019

Nas duas categorias de entrevistados a resposta mais frequente foi “Sancocho” seguido de preparações como a “gallina campesina” e sopas que contém milho. Também foi identificado que, embora a literatura (ORDOÑEZ, 2012) indique alguns pratos ou comidas típicas da região; como no caso do “Gran Libro de la Cocina Colombiana”, do Ministério da Cultura da Colômbia que registra dois comidas na região do Valle de Tenza, o conhecimento popular apresentou uma maior riqueza de informações sobre a gastronomia e culinária regional, refletida na diversidade de comidas e pratos típicos que eles indicaram.

Houve um total de 25 comidas diferentes citadas. Porém, cabe destacar que alguns dos pratos e/ou comidas indicadas pelas pessoas entrevistadas não são próprias dessa região, por exemplo a “carne al caldero” que é um prato típico dos Llanos Orientales da Colômbia.¹⁹

Como resultado importante, se identificou que o “poteco” é uma adaptação especificamente de Guayatá, do cozido boyacense, prato típico reconhecido do departamento de Boyacá.

A batata e o milho são alimentos tradicionais do Valle de Tenza que ainda são cultivados e são facilmente encontrados nos diferentes espaços de comércio de alimentos. No entanto, é muito importante preservar as culturas de alimentos andinos ancestrais que são usados nas preparações típicas Valletenzanas, na medida em que fazem parte da memória cultural, pois são herança dos povos indígenas que habitavam essa região do território colombiano (VEGA; LÓPEZ, 2012).

A falta de transmissão de conhecimento sobre a gastronomia e a culinária local e regional pode causar uma degradação da cultura alimentar da região, que além de representar a comunidade e caracterizá-la com base em seus hábitos alimentares em relação a outras regiões, pode ser a base para o planejamento e formulação adequados de políticas e programas sobre alimentação e nutrição que melhorem a saúde e o estado da segurança alimentar dos valletenzanos, conforme demonstrado em estudos realizados em outras regiões da América Latina (CALDERÓN et al., 2017).

A transformação dos hábitos alimentares da comunidade de Guateque e Guayatá está relacionada a dois fatores principais: a diminuição das culturas alimentares tradicionais e a baixa transferência de conhecimentos culinários e gastronômicos. A última condição foi identificada pelos entrevistados durante a pesquisa.

“Uno preparaba esos cuchucos de maíz, esas sopas. En ese tiempo eso era lo que daba juerza. Uno hacía sopas de maíz, con maíz roito

¹⁹ Uma das seis regiões naturais da Colômbia. Região de planície ou savana que faz limite com Venezuela e a Região da Amazônia, outra região natural da Colômbia.

que llamaban, del blanquito pequeño. Le mandaba unos tres maices, los ponía en el molino de por mitad y le sacaba... y el resto lo echaba uno en la sopa, hacia uno los cuchucos de maíz, lo que era belleza, con hoja de chisacá, todueso”.²⁰

Relato de um camponês durante a entrevista para esta pesquisa.

A falta de preservação do conhecimento sobre os pratos e preparações típicas da região tem gerado um interesse especial na Colômbia e em outros países, como a Argentina, na busca pelo resgate da cultura alimentar e das tradições culinárias para incentivar o turismo (ARZENO; TRONCOSO, 2012).

Esse fenômeno pode ser observado na região estudada, pois existe uma preocupação crescente entre as gerações mais jovens de Guateque, que nos últimos meses tem demonstrado um interesse importante na recuperação das raízes culinárias do Valle de Tenza. Isso se refletiu na organização do *Primer Festival de Saberes y Sabores de Guateque*, que, com base no esforço dos empresários guatecanos, reuniu expositores da culinária local e regional em junho de 2019. É importante também mencionar que em Guayatá existe um evento similar, o *Festival de la mogolla, el café y las arepas guayatunas*, com vários anos de trajetória.

Os organizadores do Primer Festival de Saberes e Sabores em Guateque, são um grupo de empreendedores, a maioria deles donos de restaurantes e pequenas empresas de produtos alimentícios, alguns que pretendem resgatar os pratos típicos e outros que buscam fusionar a culinária tradicional típica com preparações de outras culturas. O interesse deles se fundamenta na conservação das tradições alimentarias da região.

Um deles apesar de não ter se formado numa profissão relacionada com a culinária, tem um interesse fundamentado na necessidade de resgatar os hábitos alimentares que valoriza por causa da sua história familiar. Isso mostra que a preocupação pela preservação da cultura alimentar é um assunto geral.

“Mi madre fue cocinera, tuvo un restaurante durante muchos años en Guateque. Entonces siempre he tenido como... la ilusión de volver

²⁰ “A gente preparava esses *cuchucos de milho*, essas sopas. Nesses tempos isso era o que dava força. A gente fazia sopas com *milho roito*, como a gente chamaba, um branquinho pequeno. Botava três milhos, os colocava no moinho pela metade e sacava... o resto a gente colocava na sopa, fazia uns *cuchucos de milho*, uma beleza, com folhas de *chisacá*, tudo isso”. - A nota original em espanhol contém expressões regionais e linguagem coloquial.

a tener algún negocio o de apoyar algún negocio que tenga que ver con la gastronomía criolla, de origen, de acá del Valle de Tenza.”²¹
 Empresario Guatecano, dentista, vinculado ao Coletivo Guatecanos de Corazón.

Os resultados do Festival mostraram um impacto positivo no interesse dos Guatecanos por este tipo de eventos. Embora no começo a iniciativa não foi bem recebida, ao longo da organização do festival, a participação se incrementou e no final teve mais de 20 participantes.

“Ya faltando poco para el festival, la recepción de la gente fue distinta. El último mes ya no tuvimos que buscar a nadie, nos buscaron para vincularse al festival. Ya vieron que no era algo tan insignificante como ellos lo creían, sino que era algo importante. Entonces, fue una experiencia muy chévere”.²²
 Enpresario guatecano, dono de um restaurante da cidade, vinculado ao Coletivo Guatecanos de Corazón.

Os organizadores, destacaram que além do resgate da culinária tradicional, também foi realizado com o objetivo de ressaltar a importância do trabalho dos camponeses e a necessidade de consumir aquilo que é produzido na região.

“Planeamos varias cosas bonitas... el apoyo al campesino, a la agricultura local, al consumo local e independiente. Mi rol fue ese, contagiar el tema del consumo local. Como... nosotros podemos, nosotros tenemos las herramientas para todo lo que tiene que ver con este tipo de iniciativas que también desarrollan el turismo”.²³
 Empresario guatecano, dono de uma cervejaria artesanal, vinculado ao Coletivo Guatecanos de Corazón.

Do mesmo modo, em Guayatá, os participantes do Festival de la mogolla, el café y las arepas guayatunas, manifestaram que esse é um evento que faz com que eles sintam orgulho das

²¹ “Minha mãe foi cozinheira, teve um restaurante durante muitos anos em Guateque. Então, eu sempre tenho tido como... a ilusão de ter de novo um negócio... ou de apoiar algum negócio que tenha a ver com a gastronomia criolla, de origem, daqui do Valle de Tenza”.

²² “Faltando pouco tempo para o festival, a recepção das pessoas foi diferente. No último mês, não procuramos ninguém, eles foram nos procurar para fazer parte do festival. Eles viram que não era algo tão insignificante quanto eles acreditavam, mas que era algo importante. Então, foi uma experiência muito legal”.

²³ “Planejamos várias coisas bonitas... o apoio ao camponês, à agricultura local, ao consumo local e independente. Meu papel foi esse, espalhar a questão do consumo local. Como... podemos, temos as ferramentas para tudo que tem a ver com esse tipo de iniciativas que também desenvolvem o turismo”.

suas raízes boyacenses, confirmando a importância de preservar a cultura da região. Além disso, evidencia que este tipo de espaços valorizam a transferência de conhecimentos da culinária regional.

“Nosotros participamos hace ya varios años. Yo aprendí a hacer los amasijos: las arepas, los envueltos, y todas esas cositas. Mi mamá fue la que me enseñó y a ella le enseñó mi abuela. Por eso me parece importante. Esas costumbres no se deben perder porque eso es lo que nos hace famosos en otros lugares del país. La mogolla de aquí es de aquí y las arepas también. Usted no consigue eso en otro lugar”.²⁴
Participante do Festival del café la mogolla y las arepas guayatonas 2019.

Perspectiva da população urbana sobre a cafeicultura

Nos dois municípios, mais de 90% dos consumidores entrevistados responderam que acreditam que a produção de café traz benefícios para a região, o percentual restante relacionou a resposta sobre prejuízos com aspectos financeiros, como a queda no preço do café e os danos que a safra pode trazer (Quadro 5). Ou seja, considera-se apenas que isso pode afetar a região na medida em que os cafeicultores possam ter problemas com a renda que obtém da agricultura. Essa visão é um ponto relevante nesta pesquisa, pois, ao nível mundial, o café tem sido visto só sob a perspectiva financeira, esquecendo ao camponês e os prejuízos sociais que traz o preço flutuante do grão, além de serem desconsiderados os direitos do trabalho. Os camponeses também estão envolvidos na luta constante por posicionar o produto dentro do mercado, enquanto enfrentam outras dificuldades relacionadas com esse cultivo (HENDERSON, 2017).

Quadro 5. Percepção da população sobre a cafeicultura na região.

QUESTÃO	GUATEQUE		GUAYATÁ	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Sabe que a região atualmente se destaca pela produção de café?	70%	30%	85%	15%

²⁴ “Participamos há vários anos já. Eu aprendi fazer os *amasijos*: as *arepas*, as *pamonhas*, e todas essas coisinhas. Minha mãe foi a pessoa que me ensinou e ela aprendeu com minha avó. Por isso é que eu acho importante. Esses costumes não devem se perder porque isso é o que nos faz famosos em outros lugares do país. A *mogolla* daqui e as *arepas* também. Você não vai encontrar isso em outro lugar”.

A cafeicultura traz benefícios ou prejuízos?	92,5%	7,5%	90%	10%
Prefere consumir o café da região?	42,5%	57,5%	70%	30%

Fonte: Dados da pesquisa

Por outro lado, pode-se afirmar que no município de Guayatá, por ser de tradição cafeicultora, o hábito de consumir cafés locais é mais acentuado do que em Guateque. No entanto, o percentual de entrevistados em Guateque que respondeu afirmativamente à pergunta sobre sua preferência de consumo de cafés locais, pode ser representativo considerando que é um município em que as marcas locais são poucas e não suficientemente divulgadas.

Sobre a qualidade do café da região, 82,5% dos consumidores entrevistados em Guayatá e 52,5% dos entrevistados de Guateque, consideram que melhorou. Em relação ao reconhecimento das marcas locais, 87,5% em Guayatá e 80% em Guateque consideram que o número de marcas tem se incrementado nos últimos dez anos. No total, em Guayatá foram identificadas sete marcas de café e uma em Guateque.

A preferência pelos cafés locais mostra que existe uma identidade territorial evidente (MUCHNIK, 2006). Segundo estudos antropológicos sobre a cultura alimentar local a partir do enraizamento, esse fenômeno de prioridade de consumo de produtos da própria região é uma consequência da valorização simbólica dos alimentos (TREMOLIERES, 1968), onde os nativos de um determinado local emitem um juízo de qualidade sobre um produto baseando-se em assuntos que transcendem o alimento como tal, por exemplo, sobrepondo o desenvolvimento local que ele representa.

De forma geral, a população mostra conhecimento em relação ao reconhecimento que a região está tendo devido ao crescimento da produção de café especial no Valle de Tenza. Isso, também foi demonstrado pelas famílias entrevistadas quando discutido o assunto das mudanças nas cafeterias no comércio local.

No entanto, ficou evidente que não há consciência dos impactos negativos que as monoculturas trazem em outros aspectos além dos econômicos. Os entrevistados estabelecem uma relação direta com a melhoria do cenário econômico como resultado da fama que o café traria e do aumento do turismo na região, mas não relaciona as culturas de um único tipo de alimento como um sistema agrícola deficiente e com desvantagens, além disso, tampouco identificam os problemas sociais e ambientais que poderiam afetar diretamente aos camponeses.

O reconhecimento dos benefícios financeiros das monoculturas é uma característica comum nas comunidades favorecidas porque valorizam o crescimento econômico, enquanto os impactos sociais e ambientais negativos não são uma prioridade. Geralmente isso acontece porque as informações sobre as consequências negativas não são divulgadas à população, e eles também não buscam os meios para conhecer a realidade da situação (MACIAS, 2008).

As diferentes entidades estatais e que tem relação com o setor agrícola, deveriam procurar estratégias para informar tanto aos camponeses quanto aos consumidores sobre os impactos que esse tipo de culturas pode gerar, pois no caso de Guateque e Guayatá, parecer que se está impulsionando-se o incremento do café como monocultura, além de outros alimentos como o arando ou mirtilo (*Vaccinium myrtillus*) e o maracujá roxo (*Passiflora pinnatistipula*), entre outros que tem entrado recentemente no mercado local.

Com os resultados obtidos nesta investigação, podemos afirmar que a agricultura do Valle de Tenza está passando por uma transformação, com consequências como a diminuição das policulturas de alimentos tradicionais e o aumento de café e culturas exóticas, que apesar de trazer um melhor panorama para a economia regional, impactam o meio ambiente, e geram uma transformação nos hábitos alimentares; que estão relacionados a mudanças na dieta com base em questões relacionadas à saúde, mas principalmente com a baixa disponibilidade de alimentos tradicionais que fazem parte dos pratos típicos da região.

Além disso, a produção de alguns alimentos tradicionais tem sido condicionada pela baixa demanda devido à influência dos modelos de alimentos impostos pela moda e o consumismo. Também, embora exista um interesse importante no consumo de alimentos mais sustentáveis, como orgânicos e agroecológicos, há pouca produção local, os espaços como mercados camponeses ou feiras agroecológicas são escassos.

Do mesmo modo, apesar do crescente interesse diante da necessidade de resgatar hábitos alimentares e incentivar a identidade culinária da região, a falta de disponibilidade de alimentos regionais e ancestrais limita esse exercício.

Portanto, é importante que o governo local se articule com os diferentes setores para formular estratégias que permitam incentivar o cultivo de alimentos que possam melhorar a renda sem a necessidade de instalar monoculturas, permitindo a prática da agricultura familiar baseada em policulturas para preservar os hábitos alimentares, garantindo também a soberania alimentar na região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a situação atual da Soberania Alimentar em duas cidades do Valle de Tenza que estão atravessando por um processo de transição da agricultura familiar de diversas culturas para a cafeicultura, com vistas à produção em massa.

Verificou-se, então, que há um fenômeno de crescimento da cafeicultura e culturas alimentares não tradicionais que aumentaram sua aceitação entre os consumidores, o que está levando ao deslocamento de alimentos regionais e nativos ancestrais.

A produção dos alimentos ancestrais representa um ponto frágil da cultura alimentar da região ao ser parte da herança indígena, por isso é urgente gerar estratégias que permitam a preservação e transmissão do conhecimento tradicional do Valle de Tenza.

Devido à diminuição das culturas regionais, os hábitos alimentares da população do Valle de Tenza estão sofrendo transformações, afetando a identidade e a cultura alimentar da região, onde o conhecimento sobre a culinária típica não está sendo efetivamente transmitido às gerações mais novas.

Por outro lado, a transformação da agricultura familiar de diversas culturas para culturas massificadas de alimentos exóticos ou não tradicionais e do café especial, está contribuindo com a diminuição na disponibilidade de alimentos produzidos localmente, o que está aumentando a dependência de alimentos de outras regiões do país e até de alimentos importados.

O cultivo do café ainda está sendo desenvolvido com sistemas agroflorestais, no entanto, é importante melhorar o serviço de assistência técnica e as capacitações para os camponeses em assuntos como os sistemas produtivos sustentáveis, a produção orgânica e incentivar os processos de certificação que garantam melhores práticas agrícolas e alimentos mais limpos e saudáveis para os consumidores.

É importante gerar ações que permitam a promoção da agricultura familiar sobre o conceito de soberania alimentar, permitindo que os agricultores da região produzam alimentos com autonomia suficiente, que garantam a segurança alimentar, além de permitir-lhes um comércio justo e um contato mais direto com o consumidor, que por sua vez poderia fortalecer as relações do campo e da cidade, aumentando a valorização do trabalho rural pela população urbana.

Também, há a necessidade de formulação de políticas que beneficiem aos camponeses guatecanos, guayatunos e de forma geral a todos os camponeses. Essa é uma questão que deve ser abordada com urgência, porque, como é evidente neste estudo, o papel do camponês fragiliza ou fortalece diferentes aspectos ambientais, sociais e culturais nas

comunidades. É importante, então, concentrar esforços no campo e o diagnóstico e manejo adequados do que diz respeito à atividade camponesa, com o objetivo de melhorar as oportunidades de emprego e as condições de vida daqueles que vivem em áreas rurais, levando em consideração que a melhoria na produção agrícola reside não apenas no cultivo de alimentos, mas no que os alimentos significam culturalmente.

6. REFERENCIAS

ABREU, E; VIANA, I; MORENO, R; TORRES, E. Alimentação mundial: uma reflexão sobre a história. **Saude soc.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 3-14, Dec. 2001.

ABOITES, M; HERNÁNDEZ, O. La pequeña producción y comercialización de café en comunidades campesinas. Oportunidades y obstáculos. **Rev. Mexicana de Ciencias Agrícolas**, vol. 1, p. 9-13.2015.

ACEA, Y. Realidad y derecho sobre los conocimientos tradicionales: especial referencia al sector agrícola en Cuba. **Rev. Nov Pob, La Habana**, v.10, n.19, p.113-121, 2014.

ACOSTA, A. Otra economía para otra civilización. **Rev. Temas**. n. 75, p. 21-27, 2013.

AFP – PERIODICO EL ESPECTADOR. **Algunos caficultores en Santuario venden sus fincas por la crisis del café.** Disponível em: <<https://www.elespectador.com/noticias/economia/algunos-caficultores-en-santuario-venden-sus-fincas-por-la-cri-sis-del-cafe/>>. Acesso em: 18 dez 2019.

AGROSOLIDARIA. Ideário. **Generalidades.** 2015. Disponível em: <<http://www.agrosolidaria.org/index.php/ideario>>. Acesso em: 21 out 2019.

AGUILAR ZAMBRANO, L. I. Crisis del café y el desarrollo regional. **Cuad. Econ.**, v.22, n.38, p.239-272, 2003.

AGUILAR BALAM, Karla Stefanie et al. Desigualdades estructurales en el vínculo entre escuela y comunidad rural: tres casos de abandono escolar. **Perspect. educ.**, Valparaíso, v. 58, n.2, p. 98-120, jun. 2019.

AGUDELO, R. et al. **Condiciones de vida y trabajo de familias campesinas agricultoras de Marinilla, un pueblo agrario del oriente Antioqueño, Colombia.** Universidad de Antioquia. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rfnsp/v31n3/v31n3a03.pdf>. Acesso em: fev 9 de 2020.

AGUIRRE, S; PIRANEQUE, N; PÉREZ, I. Sistema de producción de tubérculos andinos en Boyacá, Colombia. **Cuad. Desarr. Rural**. Pp. 257 – 273. 2011.

ALCALDÍA MUNICIPAL DE SAN LUIS DE GACENO. Plan de Desarrollo Municipal de San Luis de Gaceno 2016 – 2019.

ALSTON, M. 'You don't want to be a check-out chick all your life': The out-migration of young people from Australia's small rural towns. **Australian Journal of Social Issues**. 2016.

ALTIERI, M; FUNES, F; PETERSEN, P. Agroecologically efficient agricultural systems for smallholder farmers: contributions to food sovereignty. **Agron. Sustain. Dev.** v. 32, p. 1—13. 2012.

ALVAREZ, M.C.; MANCILLA, L.P.; CORTES, J. E. Caracterización socioeconómica y seguridad alimentaria de los hogares productores de alimentos para el autoconsumo. **Agroalim**, Mérida, v.12, n.25, p.109-122, dic. 2007.

ARAUJO, A et al. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Revista Pnamericana de Salud Pública**. 2012. v.31, n.6, p.513-517. 2012.

ARIAS, M.; PRECIADO, M. Paro Nacional Agrario: paradojas de la acción política para el cambio social. **Revista de Ciencias Sociales**. Num. 54, Quito. p. 107-123. Jan, 2016.

ARZENO, M; TRONCOSO, C. Alimentos tradicionales andinos, turismo y lugar: definiendo la nueva geografía de la Quebrada de Humahuaca (Argentina). **Rev. geogr. Norte Gd.**, Santiago. V..52, p. 71-90. 2012.

ASOCIACIÓN HORTIFRUTÍCOLA DE COLOMBIA (ASOHOFRUCOL). **Ficha técnica Proyecto para la supresión de la mosca del mediterráneo (Ceratitis Capitata) en los departamentos de Cundinamarca, Boyacá, Norte de Santander, Santander y Bogotá, Fase II.** Disponible

em: <http://www.asohofrucol.com.co/archivos/Banco_de_Proyectos/EJECUCION_2016/Mosca_supresi%C3%B3n_2016.pdf> Acceso em: 18 de abril de 2020.

AVILA, A; CARVAJAL, Y. Agrocombustibles y soberanía alimentaria en Colombia. Cuad. Geogr. **Rev. Colomb. Geogr.** v. 24, n. 1, p. 43-60, Jan. 2015.

AYALA, G. El monocultivo de la caña de azúcar en el valle geográfico del río Cauca (Valle del Cauca, Colombia): un enclave que desnaturaliza la vida ecosistémica. **Rev. Forum**. n.15, p.37-66. 2019.

BEZNER, R; HICKEY C; LUPAFYA, E; DAKISHONI, L. Repairing rifts or reproducing inequalities? Agroecology, food sovereignty, and gender justice in Malawi. **The Journal of Peasant Studies**. v. 46, p. 1499 – 1518. 2019.

BOYACÁ, Secretaría de Fomento Agropecuario. **Productividad Sector Agropecuario**. Tunja, 2018. Disponible em: <<http://www.dapboyaca.gov.co/wp-content/uploads/2018/09/PRODUCTIVIDAD-SECTOR-AGROPECUARIO.pdf>>. Acceso em: 20 out. 2019

_____. Boyacá consolida su producción de café. **Periódico El Tiempo Online**, Bogotá, jun. 2016. Disponible em: < <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-12897164>>. Acceso em: 10 de Sep. 2019.

_____. **Las cifras del Agro en Boyacá**. 2018. Disponible em: <<https://boyaca7dias.com.co/2018/10/13/las-cifras-del-agro-en-boyaca/>>. Acceso em: 21 out. 2019.

_____. **Gobernación de Boyacá**. El café, un cultivo que mueve al Valle de Tenza y Lengupá. 18 nov, 2016. Disponible em: <<https://www.boyaca.gov.co/SecFomento/315-el-caf%C3%A9,-un-cultivo-que-mueve-al-valle-de-tenza-y-lengup%C3%A1>>. Acceso em: 24 nov, 2019.

_____. **Análisis de situación de salud con el modelo de los determinantes sociales de salud, municipio de Guayatá Boyacá.** 2017. Hospital Regional Valle de Tenza. 2017.

_____. Gobernación de Boyacá. El café de Boyacá consolidó su nombre en Corferias. 25 out, 2019. Disponible em: <<https://www.boyaca.gov.co/el-cafe-de-boyaca-consolido-su-nombre-en-corferias/?fbclid=IwAR1hYJCgQK4LuAcKetsVfZyllTQv71DnzjJT4DKtjH3WEEr9XQjiVucjeWI>>. Acceso em: out 26, 2019.

_____. **BOYACÁ. Plan Departamental de Extensión Agropecuaria – PDEA.** Gobernación de Boyacá. Secretaría de Agricultura de Boyacá. Ministerio de Agricultura de Colombia. 2019.

BOYACÁ 7 DÍAS. En Boyacá ahora se está cultivando café tipo exportación. **Periódico El Tiempo**, 2009. Disponible em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5931947>>. Acceso em: 10 de Sep. 2019.

BUENO, L.N. Las moscas de las frutas en Colombia e incidencia en la fruticultura colombiana . Disponible em:<<https://1library.co/document/zlgmjngy-moscas-frutas-colombia-incidencia-fruticultura-colombiana.html>> Acceso em: 03 nov. 2020.

CABALLERO, J. Maya homegardens: Past, present and future. **Etnoecológica** v.1, n.1, p.35-54. 1992.

CALLE, et al. Diálogo de saberes para la restauración ecológica de bosques: el papel de los niños y jóvenes investigadores. **Rev. Estudios Sociales Comparativos**. v. 2, n.1, p. 68 – 85. 2008.

CARACOL RADIO. **Cultivos de Uchuva, cacao y cafés especiales de Boyacá serán comercializados en el exterior.** 2016. Disponible em: <https://caracol.com.co/emisora/2016/09/26/tunja/1474919773_426621.html>. Acceso em: 5 mai. 2019.

_____. **Boyacá, la gran despensa agrícola de Colombia.** 2012. Disponible em: https://caracol.com.co/radio/2012/03/23/regional/1332479640_659032.html>. Acceso em: 22 Ago. 2019

CÁRDENAS, J. **Boyacá, tierra de café.** 2016. Disponible em: <https://www.elespectador.com/noticias/nacional/boyaca/boyaca-tierra-de-cafe-articulo-662763>. Acceso em: 18 abr. 2020

CÁRDENAS, M. **Influencia del conflicto armado en la soberanía y seguridad alimentaria y nutricioal del pueblo Awá del suroccidente colombiano** (Tesis de maestría). Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. 2018.

CENICAFE – Centro Nacional de Investigación de Café. Cenicafé 1. Nueva variedad de porte bajo, altamente productiva, resistente a la roya y al CBD, con mayor calidad física del grano. Avances Técnicos CENICAFE. Manizales, jul, 2016. Disponible em: <<https://www.cenicafe.org/es/publications/AVT0469.pdf>> Acceso em: 12 ago, 2019.

CETRA. **Feiras agroecológicas e solidarias.** 2019. Disponível em: <<http://cetra.org.br/index.php/pt-br/9-noticias/350-feiras-agroecologicas-e-solidarias>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

CHAPARRO, J. Cambios institucionales para preservar la cantidad y calidad del agua en la cuenca de Lago de Tota, Colombia. 2103. Dissertação (mestrado). Pontificia Universidad Javeriana. Facultad de estudios ambientales y rurales.

CHILÓN, E. “Revolución Verde” Agricultura y suelos, aportes y controversias. **Revista de la Carrera de Ingeniería Agronómica – UMSA.** v.3, n.3, p.844-859. 2017.

CLAVIJO, J. **El negocio del café a nivel mundial.** Periódico La República. 2019. Disponível em: <<https://www.larepublica.co/analisis/sergio-clavijo-500041/el-negocio-del-cafe-a-nivel-mundial-2864432>> Acesso em: 21 out 2019.

CLAVIJO, S. Sector agropecuario: **Desempeño reciente y perspectivas.** Periódico la República. 2018. Disponível em: <<https://www.larepublica.co/analisis/sergio-clavijo-500041/sector-agropecuario-desempeno-reciente-y-perspectivas-2772849>> Acesso em: 6 jun, 2019

COELHO I, URIBE D. Os mercados campestinos de Bogotá, patrimônio imaterial e desenvolvimento da economia campestina na Colômbia. **Revista Internacional Interdisciplinar.** v.15, n.1, p.1807-1384. 2018.

COHN A, COOK J, FERNÁNDEZ M, REIDER R, STEWARD C. Agroecología y la lucha para la Soberanía Alimentaria en las Américas. **Yale School of Forestry & Environmental studies,** 2006.

COLOMBIA, CONSEJO NACIONAL DE POLÍTICA ECONÓMICA Y SOCIAL (CONPES). Decreto 2055 de 2009. El presente decreto tiene por objeto crear la Comisión Intersectorial de Seguridad Alimentaria y Nutricional -CISAN- la cual tendrá a su cargo la coordinación y seguimiento de la Política Nacional de Seguridad Alimentaria y Nutricional -PNSAN-, siendo instancia de concertación entre los diferentes sectores involucrados en el desarrollo de la misma. 2009

CONTRERAS H; GRACIA, M. **Alimentación y cultura. Perspectivas antropológicas.** Barcelona: Editorial Ariel, 2005. 459 p.

CORPOICA. LAS GRANDES TRANSFORMACIONES DEL SECTOR AGROPECUARIO COLOMBIANO EN LA ÚLTIMA ÉPOCA: Una visión regional. Bogotá. 1998. p 301

CORREA, M. **La conquista hidrosocial del Valle de Tenza (Boyacá-Colombia): El paisaje hídrico de la región en el marco de la planeación y construcción de la represa del Chivor 1940-2010.** (2013). Tese de doutorado. Universidad Nacional de Colombia. Departamento de Antropología.

CORPOCHIVOR. **El café del Valle de Tenza, ‘Asia’ los mercados del mundo.** 2018. Disponible em: <https://www.corpochivor.gov.co/2018/07/09/el-cafe-del-valle-de-tenza-asia-los-mercados-del-mundo/>> Acceso em: 5 ago. 2019.

DANE. **Censo Nacional 2018.** 2018. Disponible em: https://sitios.dane.gov.co/cnpv/#!/juv_env_dep. Acceso em: 12 de abril de 2020.

_____. Cuentas nacionales y Gran Encuesta Integrada de Hogares. 2007. Disponible em: <http://microdatos.dane.gov.co/index.php/catalog/317>. Acceso em: 5 de abril de 2020

_____. Boletín Técnico – Encuesta Nacional Agropecuaria (ENA). 2019. Disponible em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/agropecuario/encuesta-nacional-agropecuaria-ena>. Acceso em: 10 de dez de 2018

DEVINE, G. et al. Uso de insecticidas: contexto y consecuencias ecológicas. **Revista Perú Med Exp Salud Publica.** 25(1): 74-100. 2008.

DE LA CRUZ, A; HARO, C; MORELO, I. Los mercados hoy, una aproximación desde la agroecología. **Revista Fertilidad de la Tierra.** Pp. 66. 2016.

DURAN, C; WAQUIL, P. Análisis cualitativo sobre las percepciones de extensionistas públicos salvadoreños en relación al maíz criollo. **Interações (Campo Grande).** Campo Grande, v.20, n 3, p.785-798. 2019.

DUTTA, M; THAKER JAGADISH. Communication sovereignty’ as resistance: strategies adopted by women farmers amid the agrarian crisis in India. **Journal of Applied Communication Research.** V. 47. Pag. 24 – 46. 2019.

EATON, D; HILHORST, T. Opportunities for managing solid waste flows in the periurban interface of Bamako and Ouagadougou. **Environment & Urbanization.** V 15. Pp. 53 – 64.

EDELMAN M., SCOTT J., BAVISKAR A., BORRAS S., KANDIYOTI D., HOLT E, WEIS T., WOLFORD W. Critical Perspectives on Food Sovereignty. **The Journal of Peasant Studies.** Volume 41, 2014p. 911 - 931. 2014.

EGUREN, F. El rescate de la Agricultura Familiar y el impacto en la bipolaridad del agro. **Revista Agrar.** 154, 8-9. 2013.

Habitantes de Macanal aseguran que el embalse La Esmeralda trajo más problemas que beneficios. **EL TIEMPO.** 2009. Disponible em:< <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5420687>>. Acceso em: 19 dez 2019.

EMPERAIRE, L. et al. Redes e observatórios da agrobiodiversidade, como e para quem? Uma abordagem exploratória na região de Cruzeiro do Sul, Acre. **Cienc. Hum.,** Belém, v. 11, n. 1, p. 159-192, jan.-abr. 2016

ESPEJO, M. Notas sobre toponimia en algunas coplas colombianas. **Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo.** V 54, N° 3. Pag. 1102-1156. 1999.

FAO. **Waste Management Opportunities for Rural Communities. Composting as an effective waste management strategy for farm households and others.** 2007. Disponível em: < <http://www.fao.org/3/k1455e/k1455e.pdf> > Acesso em: 3 de agosto de 2019.

FAO. **Seguridad Alimentaria y Nutricional. Conceptos básicos.** Programa Especial para la Seguridad Alimentaria (PESA) en Centroamérica. Proyecto Food Facility Honduras. 3ra Edición, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a-at772s.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2019.

FAO; BID. **Políticas para la Agricultura Familiar en América Latina y el Caribe.** 2007 Disponível em: <http://www.rlc.fao.org/es/desarrollo/fao-bid/pdf/politicaf.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

_____. **El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo.** 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/3/y5650s/y5650s00.htm#TopOfPage>. Acesso em jan. 26 de 2020.

FALS, O. **El hombre y la tierra en Boyacá. Bases sociológicas e históricas para una Reforma Agraria.** Bogota, D.C. 1957.

FARFÁN, F. Sistemas de producción de café en Colombia. CENICAFÉ. Bogotá. Pag. 233 – 254.

FÁVERO, S; DIAS, A. Juventude e restaurantes fast food: a dura face do trabalho flexível. **Revista Katal** v. 12 n. 2 p. 142-151 jul./dez. 2009.

FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA. **Comportamiento de la Industria Cafetera.** 2010. Disponível em: <https://www.federaciondecafeteros.org/static/files/2010_Comportamiento.pdf> Acesso em: 23 out. 2019.

FLORIN, M; THAERZADEH, M. Rural Waste Management Issues at Global Level. Solid Waste Management in Rural Areas. **InTech Open.** Croatia. Pp. 1-10. 2017.

FIBL. The World of Organic Agriculture Statistics and Emerging Trends 2019. 2019. Disponível em: https://ciaorganico.net/documypublic/486_2020-organic-world-2019.pdf. Acesso em: 5 de jun de 2019

FNC – FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS. **Nuestro Café.** 2019. Disponível em: <http://www.federaciondecafeteros.org/particulares/es/nuestro_cafe>. Acesso em: 15 out. 2019.

FNC - FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA. **El café de Colombia.** Nuestra Oferta Ambiental. 2019. Disponível em: < federaciondecafeteros.org/particulares/es/nuestro_cafe/el_cafe_de_colombia > Acesso em: 24 out. 2019.

_____. FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS. **Informe de Sostenibilidad.** 2014. Disponível em: <https://www.federaciondecafeteros.org/static/files/FNC_Informe_sostenibilidad_2014_Final.pdf>. Acesso em: 24 out, 2019.

_____.FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA. **Comportamiento de la Industria Cafetera en 2018**. Disponível em: <federaciondecafeteros.org/static/files/Informe_de_la_Industria_Cafetera_20182.pdf>. Acesso em: 24 out, 2019.

_____.FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS DE COLOMBIA. **Perspectivas de la Caficultura Colombiana. III Conferencia Mundial del Café**. 2010. Disponível em: <http://www.ico.org/event_pdfs/wcc2010/presentations/wcc2010-munoz-c.pdf>. Acesso em: 23 out, 2019.

GANRY, J. FEDERACION NACIONAL DE CAFETEROS. Mejoramiento del cultivo del plátano en la zona cafetera de Colombia. Informe final 1989- 1992 – FNC. 1992. 142 p.

GHAZALI, et al. Effects of monoculture and polyculture farming in oil palm smallholdings on terrestrial arthropod diversity. **Journal of Asia-Pacific Entomology**. Vol 19 – 2. Pag 415-421. 2016.

GILLISON, A., LISWANTI, N., BUDIDARSONO, S., VAN NOORDWIJK, M., & TOMICH, T. Impact of Cropping Methods on Biodiversity in Coffee Agroecosystems in Sumatra, Indonesia. **Ecology and Society**. Vol 9-2. Pag. 31. 2004.

GONZÁLEZ, J. **Agrobiodiversidad, “Proyecto Estrategia Regional De Biodiversidad Para Los Países Del Trópico Andino”**, Maracay Venezuela. 2002. 105 p.

GONZALEZ, F. El Trabajo infantil en el cultivo de café en Nayarit. In: V CONGRESO NACIONAL AMET 2006. Trabajo y Reestructuración: Los Retos del Nuevo Siglo. Nayarit, 2006, **Anais:** Nayarit. Disponível em: <http://www2.izt.uam.mx/amet/vcongreso/webamet/indicedemesa/ponencias/MESA5/Gonzalezsm5.pdf.> Acesso em: 24 out. 2019.

GONZALEZ C; MONTENEGRO M; GARCÍA D. “Yo compro campesino”: una aproximación a las representaciones sociales de los consumidores de los mercados campesinos”. **Revista Colombiana de Sociología**. V. 41, n. 2, p. 61-81.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v.46, n.2, p.481-515, 2008.

GUHL, A. Coffee Production Intensification and Landscape Change in Colombia, 1970-2002. **Land-Change Science in the Tropics**. Changing Agriculture Landscapes. 93-115.

GUTIERREZ P, et al. Representaciones sociales de los alimentos orgánicos entre consumidores de Chiapas. **Estud. soc**, México, v.20, n.39, p.99-130, jun. 2012.

HENDERSON, T. Struggles for autonomy from and within the market of southeast Mexico's small coffee producers. **The Journal of Peasant Studies**. Vol 46. Pp. 400 – 423.

HIGUCHI, A. Características de los consumidores de productos orgánicos y expansión de su oferta en Lima. **Apuntes**, Lima, v. 42, n. 77, p. 57-89, jul. 2015.

HERNANDEZ, L. Nuevos recursos para la investigación cualitativa: Software gratuito y herramientas colaborativas. **Opción**, vol. 31, núm. 5, pp. 453-471.2015

HERNÁNDEZ, N; GUTIÉRREZ, L. Epistemic and Political Struggles against the Privatization of Seeds and Collective Knowledges. **Rev. Colombiana de Antropología**. Vol. 55, N. 2.Pp. 39 – 63. 2019.

ICA. Las moscas de las frutas. Produmedios. Bogota. 1997. Disponible em: <http://bibliotecadigital.agronet.gov.co/bitstream/11348/6443/1/Control%20de%20la%20mosca%20de%20la%20fruta%20en%20guayaba.pdf>. Acceso em: 10 fev. 2020.

ICBF. Instituto Colombiano de Bienestar Familiar. Encuesta Nacional de la Situación Nutricional en Colombia 2010 - ENSIN. Bogotá. 2011. Disponible em: <https://www.icbf.gov.co/bienestar/nutricion/encuesta-nacional-situacion-nutricional>. Acceso em: 4 de jul de 2020.

IGAC. **Mapa Oficial Político Administrativo** – 1999. Disponible em: <https://geoportal.igac.gov.co/sites/geoportal.igac.gov.co/files/geoportal/politicoseg.pdf>. Acceso em: 11 fev. 2020.

IICA. **Guía para la Generación Participativa de Políticas Públicas Diferenciadas para la Agricultura Familiar**”. 2017. Disponible em: <https://repositorio.iica.int/bitstream/handle/11324/4111/BVE17089180e.pdf;jsessionid=973DC897583613DD298CC2C871475FB1?sequence=1>. Acceso em: 13 fev. 2020.

ICANH. Elementos para la conceptualización de lo campesino. 2017. Disponible em: https://www.icanh.gov.co/sala_prensa/actualidad_icanh/conceptualizacion_campesinado_20505. Acceso em: 14 de jan de 2020

INSTITUTO ALEXANDER VON HUMBOLT. Biodiversidad 2014. Estado y tendencias de la biodiversidad en Colombia. Bogotá, nov. 2014. Disponible em: <http://www.humboldt.org.co/es/component/k2/item/814-bio14>. Acceso em: 18 de abril de 2018.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Developing a Sustainable Coffee Economy**. Disponible em: <http://www.ico.org/es/sustainable_coffeec.asp> Acceso em: 23 out. 2019.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Informe del Mercado de Café**. 2019. Disponible em: <<http://www.ico.org/documents/cy2018-19/cmr-0819-c.pdf>> Acceso em: 23 out. 2019.

HALKIER, B., JENSEN, I. Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption. **Journal of Consumer Culture**. Vol. 11 issue: 1, page(s): 101-123. 2011.

KALT W; CASSIDY A; HOWARD L; KRIKORIAN R; STULL A; FRANCOIS T; ZAMORA-ROS R. Recent Research on the Health Benefits of Blueberries and Their Anthocyanins. **Advances in Nutrition**. Volume 11, 2. Pag. 224–236. 2020.

KLEIN, M. The Climate Crisis. South African and Global Democratic Eco-Socialist Alternatives. **Uits University Press**. 2018. Pp 293-313.

KRISHNAMURTHY, L.R. et al. Agricultura familiar para el desarrollo rural incluyente. **Terra Latinoam**, Chapingo , v. 35, n. 2, p. 135-147, jun. 2017.

LAURENCE, J; ASTEN, V; J, P; WANYAMA, I. Perceptions and outlook on intercropping coffee with banana as an opportunity for smallholder coffee farmers in Uganda. **International Journal of Agricultural Sustainability**. P 1-15. 2012.

LAVILLE, J. The Solidarity Economy: An International Movement. **RCCS Annual Review**, P. 3-4, 2010.

LIN, B. The role of agroforestry in reducing water loss through soil evaporation and crop transpiration in coffee agroecosystems. **Agricultural and Forest Meteorology**. Vol.150, Issue 4, Pag. 510-518. 2010.

LEYVA, D; PÉREZ, A. Pérdida de las raíces culinarias por la transformación en la cultura alimentaria. **Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas**. V, 6. N, 4 16. p. 867-881. 2015

LOBO, M. Importancia de los recursos genéticos de la agrobiodiversidad en el desarrollo de sistemas de producción sostenibles. **Revista Corpoica – Ciencia y Tecnología Agropecuaria** 9(2):19-30. 2008.

LÓPEZ GARCÍA, D. **Hacia un modelo europeo de Extensión Rural Agroecológica. Praxis participativas para la Transición Agroecológica. Un estudio de caso en Morata de Tajuña**. (2012). Tese de doutorado. Universidad Internacional de Andalucía. Madrid.

LWIN, MAY O; MALIK, SHELLY; RIDWAN, HARDINSYAH; CYNDY SOOK SUM. Media exposure and parental mediation on fast-food consumption among children in metropolitan and suburban Indonesian. **Asia Pacific Journal of Clinical Nutrition**. Vol. 26, No. 5. Pag. 899-905. 2017.

MACHADO, A.; BOTELLO, S. **La Agricultura Familiar en Colombia Informe del Proyecto Análisis de la Pobreza y de la Desigualdad en América Latina Rural**. Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural. 2013.

MACIAS, A. Costos ambientales en zonas de coyuntura agrícola: La horticultura en Sayula (México). **Agroalim, Mérida**, v.13, n.26, p.103-118, jun. 2008.

MAGRAMA. El Ministerio de Agricultura analiza el perfil del consumidor de productos ecológicos. Disponible em: fev 12 de 2019.

MARQUEZ, F. et al. Sustentabilidad ambiental en fincas cafetaleras después de un proceso de certificación orgánica en la convención (Cusco, Perú). **Ecol. apl.**, Lima, v.15, n.2, p. 125-132, jul. 2016.

MARTINEZ, J. **Políticas Públicas para la Economía Solidaria en Colombia. Antecedentes y Perspectivas en el Posconflicto**. Instituto de Economía Social y

Cooperativismo -INDESCO. 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5958663>>. Acesso em: 12 jun, 2019.

MAYAN, M. Essentials of qualitative inquiry. Walnut Creek. Left Coast Press, Inc. New York, 2009. 172 p.

MEDINA, M. La evolución del Ecofeminismo. Un acercamiento al deterioro medioambiental desde la perspectiva de género. **Rev. ForumRecerca**. 2012.

MEJIA, L; LOPEZ, L. La familia y la cultura: una conexión innovadora para el cuidado de la salud. **Index Enferm**, Granada, v. 19, n. 2-3, p. 138-142, 2010.

MENDIOLA, C. Relación de confianza entre consumidores y agricultores. **Rev. de Agroecología Leisa**. Vol. 33 N.4 Pp. 5-7. 2017.

MENEZES R. A formação do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA: por soberania alimentar, contra a mercadorização do campo no Brasil. **Revista Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agraria**. 2016.

MINISTERIO DE AGRICULTURA. COLOMBIA. **Agricultura resalta el potencial de Colombia para convertirse en un gran proveedor de alimentos del mundo**. 16 out, 2019. Disponível em: <<https://www.minagricultura.gov.co/noticias/Paginas/MinAgricultura-resalta-el-potencial-de-Colombia-para-convertirse-en-un-gran-proveedor-de-alimentos-del-mundo.aspx>> Acesso em: 20 out. 2019.

_____. **Plan Frutícola Nacional. Desarrollo de la Fruticultura en Boyacá**. Tunja, 2006. Disponível em: <http://www.asohofrucol.com.co/archivos/biblioteca/biblioteca_100_BOYACA.pdf>. Acesso em: Ago. 12, 2019.

_____. **Resolución 464 de 2017**. 2017. Disponível em: <<https://www.minagricultura.gov.co/Normatividad/Resoluciones/Resoluci%C3%B3n%20No%20000464%20de%202017.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

_____. **Otorgan crédito de \$8.100 millones para apoyar a pequeños productores de Norte de Santander para salir de la ilegalidad y sembrar palma**. 2018. Disponível em: <[https://www.minagricultura.gov.co/noticias/Paginas/Otorgan-cr%C3%A9dito-de-\\$8-100-millones.aspx](https://www.minagricultura.gov.co/noticias/Paginas/Otorgan-cr%C3%A9dito-de-$8-100-millones.aspx)>. Acesso em: 18 set, 2019.

MINISTERIO DE AMBIENTE Y DESARROLLO SOSTENIBLE DE COLOMBIA. **Política Nacional para la Gestión Integral de la Biodiversidad y sus Servicios Ecosistémicos**. P. 31. 2013.

MINISTERIO DE SALUD. **Plato saludable de la Familia Colombiana. Guías alimentarias basadas en alimentos para la población colombiana mayor de 2 años**. 2015. Disponível em: <<https://www.minsalud.gov.co/sites/rid/Lists/BibliotecaDigital/RIDE/VS/PP/SNA/guias-alimentarias-basadas-en-alimentos.pdf>>. Acesso em: abr. 28, 2020.

MINISTERIO DE SALUD. Política Nacional de Seguridad Alimentaria y Nutricional. Bogotá, D.C., Colombia. 2008. Disponível em: <<https://plataformacelac.org/politica/99>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MINISTERIO DE TRABAJO Plan Nacional de Fomento a la Economía Solidaria y Cooperativa Rural. Organizaciones Solidarias. 2018. Disponível em: <https://www.mintrabajo.gov.co/documents/20147/59676/PROYECTO+DE+LEY+ECOSO+L.pdf> Acesso em: 10 dez. 2019.

MOLANO, A. **Dignidad Campesina. Entre la realidad y la esperanza**. Bogotá: Codice Producciones Limitada, 2013. 112 p.

MORENO, L; GONZÁLEZ, S; MATUS J. Dependencia de México a las importaciones del maíz em la era del TLCAN. **Rev. Mexicana de Ciencias Agrícolas**. Pp. 115 -126. 2016.

MUCHNIK, J. Identidad territorial y calidad de los alimentos: Procesos de calificación y competencias de los consumidores. **Agroalimentaria, Mérida**, v.11, n.22, p.89-98, jun. 2006.

NARVÁEZ, M. FERNÁNDEZ, G. SENIOR, A. El desarrollo local sobre la base de la asociatividad empresarial: Una propuesta estratégica. **Opcion**. v.27 n.57. Maracaibo. 2008.

NATERAS, M. Las políticas públicas:¿ discurso o realidad?. **Espacios Públicos**. v. 9, n. 17. p 252-274. 2006.

NAVARRETE, L. **Los pueblos indígenas de México. Pueblos indígenas del México Contemporáneo**. CDI, México D.F. 2008. 141 p. Disponível em: <http://www.cdi.gob.mx/dmdocuments/monografia_nacional_pueblos_indigenas_mexico.pdf>. Acesso em: out 25, 2019.

NESTEL, D., DICKSCHEN, F. & ALTIERI, M. Diversity patterns of soil macro-Coleoptera in Mexican shaded and unshaded coffee agroecosystems: an indication of habitat perturbation. **Biodiversity & Conservation** 2, pag. 70–78. 1993.

OLIOSI, G. et al. **Fertilidade do solo em área de cafeeiro Conilon conduzido em sistema agroflorestal com seringueira e em monocultivo, em Jaguaré-es**. Biblioteca do café. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Centro Universitário Norte do Espírito Santo - CEUNES. Disponível em: <http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/9963> Acesso em: 19 de ago. de 2020.

ORDÓÑEZ, C. Gran Libro de la Cocina Colombiana. Biblioteca básica de Cocinas tradicionales de Colombia. Tomo 9. Ministerio de Cultura de Colombia. Bogotá, jun, 2012. 352 p.

ORTIZ, C. Agricultura, cultivos ilícitos y medio ambiente en Colombia. **Rev. Guerra, Sociedad y Medio Ambiente**. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/kolumbien/01993/08.pdf>>. Acesso em: 24 de nov, 2019.

OXFAM. Mugged: **Poverty in your coffee cup**. 2002. Disponível em: <<https://www.oxfamamerica.org/static/oa3/files/mugged-full-report.pdf>>. Acesso em: 22 Out. 2019.

PARRA, C.M. **Tratados de Libre Comercio y Monocultivos: el sueño de los Estados Centroamericanos del desarrollo insostenible**. 2018. Disponível em: <http://sv.boell.org/sites/default/files/tratados_de_libre_comercio_y_monocultivos_el_sueno_de_los_estados_centroamericanos_del_desarrollo_insostenible.pdf>. Acesso em: 25 nov, 2019.

PARRA, R; ORDÓÑEZ; ACOSTA, C. Pobreza, brechas y ruralidad en Colombia. **Coyuntura Económica**. Bogotá, v. 43, n. 1, p. 15-36, 2013.

PATTON M. **Qualitative research and evaluation methods**. Sage Publications, 2014.832 p.

PESQUERA, A; RODRÍGUEZ, A. OXFAM. Impactos del actual TLC entre Estados Unidos y Colombia para los pequeños productores rurales. **Deslinde**. 2009. V 44. Disponível em: <<https://deslinde.co/impactos-del-actual-tlc-entre-estados-unidos-y-colombia-para-los-pequenos-productores-rurales-perdida-de-alternativas-economicas-y-de-seguridad-alimentaria-nacional/>> Acesso em: 2 out. 2019.

PEREZ, F; FIGUEROA, E; GODÍNEZ, L. Importancia de la comercialización del café en México. **Ciencias Sociales: Economía y Humanidades**. Universidad Autónoma de Chapingo. Oct, 2015. Disponível em: <http://ri.uaemex.mx/bitstream/handle/20.500.11799/41277/Cap_Imp%20comerciali%20caf%c3%a9.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 nov, 2019.

PUERTO BOYACÁ, Alcaldía Municipal de Puerto Boyacá. **Información del Municipio**. 2019. Disponível em: <<http://www.puertoboyaca-boyaca.gov.co/MiMunicipio/Paginas/Informacion-del-Municipio.aspx>>. Acesso em: 29 set. 2019.

RADO, M. Campesinos contra el monocultivo. En la región de los Montes de María, en Colombia, los agricultores levantan la voz ante la masiva presencia de la palma aceitera. **Periódico El País**. 17 fev. 2017. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2017/02/09/album/1486651024_265440.html#foto_gal_1>. Acesso em: 12 out. 2019.

RAMÍREZ, V. **Manual del Caficultor Colombiano**. V. 2. Pag. 29-43. 2019.

RAMIREZ-JUAREZ, J. El papel de la agricultura familiar en regiones agrarias frágiles y en el desarrollo rural: La cordillera del Tentzo, Puebla, México. **Agric. soc. desarro, Texcoco**, v. 10, n. 4, p. 459-477, dic. 2013.

REBORATTI, C. Un mar de soja: la nueva agricultura en Argentina y sus consecuencias. **Rev. geogr. Norte Gd.**, Santiago. 2010. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022010000100005. Acesso em: 25 nov. 2019.

RDS- RED DE DESARROLLO SOSTENIBLE. **Monocultivos y Conflictos Socio – Ambientales**. 2016. Disponível em: <https://www.rds.org.co/es/novedades/monocultivos-y-conflictos-socio-ambientales>>. Acesso em: 23 out. 2019

RENAF- RED NACIONAL DE AGRICULTURA FAMILIAR. **Con la Agricultura Familiar y sus Mercados llevo el Campo Colombiano**. 2017. Disponível em: <<http://agriculturafamiliar.co/con-la-agricultura-familiar-y-sus-mercados-llevo-el-campo-colombiano/>>. Acesso em 20 out 2019.

RENAF. RED NACIONAL DE AGRICULTURA FAMILIAR. **Del CIN. AF a la RENAF**. 2014. Disponível em <<http://agriculturafamiliar.co/del-cin-af-a-la-renaf/>>. Acesso em: 5 set. 2019.

RENDON, A. J. Diferenciación oligopólica del café verde colombiano en el mercado estadounidense. **Ecos de Economía**, Medellín. v. 17, n. 36, p 125. 2003.

RESTREPO, S; MAYA, S. La familia y su papel en la formación de los hábitos alimentarios en el escolar. Un acercamiento a la cotidianidad. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, vol. 19, núm. 36, pp. 127-148. Universidad de Antioquia Medellín, Colombia. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/557/55703606.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

REYNOLDS, K. Expanding Technical Assistance for Urban Agriculture: Best Practices for Extension Services in California and Beyond. **Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development**, v. 1, n 3, p197-216. 2011.

RICHARDSON, J; MADRIÑÁN, S; GÓMEZ M; VALDERRAMA. Using dated molecular phylogenies to help reconstruct geological, climatic, and biological history: Examples from Colombia. **Geological Journal**. 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1002/gj.3133>>. Acesso em 24 nov, 2019.

RITCHIE, 1956). **Journal of Ecology**. v. 44, n 1, p. 291-299.1956.

ROMÁN, S; SÁNCHEZ, L; SIEGRIST M. The importance of food naturalness for consumers: Results of a systematic review. **Trends in Food Science & Technology**. v. 67. p. 44-57. 2017.

RODRÍGUEZ, H.; RAMÍREZ, C. Análisis de la sostenibilidad de los procesos de fortalecimiento de la asociatividad rural: El caso de Asomora. **Rev. Cienc. Agr.** 33(1): 9 - 21. 2016.

SAATH, Kleverton Clovis de Oliveira; FACHINELLO, Arlei Luiz. Crescimento da demanda mundial de alimentos e restrições do fator terra no Brasil. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v.56, n.2, p.195-212, 2018.

SÁNCHEZ, V; GAMBOA, J. Escuelas de campo de agricultores de Theobroma cacao L. en el Bajo Caguán (Experiencia, Resultados y Lecciones Aprendidas). **Rev. Luna Azul** v. n.38, 2014.

SALAZAR, S; LAZCANO I. Diagnóstico nutrimental del aguacate hass bajo condiciones de temporal. **Revista Chapingo, serie horticultura**. v.5, p. 73-184, 1999.

SALLES, V. TUIRAN, R. ¿Cargan las mujeres con el peso de la pobreza?. Puntos de vista de un debate. **Cuadernos de Desarrollo Humano**. Guatemala: Sistema de Naciones Unidas, 2002. Disponible em: <https://pt.scribd.com/document/57946659/Cargan-Las-Mujeres-Con-El-Peso-de-La-Pobreza-Puntos-de-Vista-de-Un-Debate-2002>. Acceso em: 03 fev 2020.

SANTACOLOMA, L. Importancia de la economía campesina en los contextos contemporáneos: una mirada al caso colombiano. **Entramado**, v. 11, n. 2, p. 38-50, 2015.

SANTANDER, G. **Algunos rasgos de la agricultura de los Muiscas**. 2006. Disponible em: http://vip.ucaldas.edu.co/lunazul/downloads/Lunazul4_9.pdf.> Acceso em: 21 nov. 2019.

SARRIA, A. Acción colectiva, espacio público y economía solidaria en el sur de Brasil. **Rev. Pueblos y Fronteras**. v. 4, n. 7. 2009.

SAULO, A. Millenials and Food. **Food Safety and Technology**. College of Tropical Agriculture and Human Resources University of Hawai'i at Manca. 2016.

SHAMAH LEVY, T et al. Consumo de alimentos en América Latina y el Caribe. An Venez Nutr, **Caracas**, v. 27, n. 1, p. 40-46, jun. 2014.

SOPER, R. From protecting peasant livelihoods to essentializing peasant agriculture: problematic trends in food sovereignty discourse. **The Journal of Peasant Studies**. Vol 47. Pp. 265 – 285.

TOLEDO, V. et Al. Economía social y solidaria en movimiento. Ed 1. **Los Polvorines**. Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016. 232 p.

TRÓCHEZ, J; VALENCIA, M; SALAZAR, J. Los efectos de Tratado de Libre Comercio con Estados Unidos y los precios del maíz colombiano. **Rev. Apuntes. CENES** V. 37, N. 65. Pp. 151 – 172. 2017.

ALCALDÍA MAYOR DE TUNJA. **Datos básicos**. 2018. Disponible em: <http://www.tunja-boyaca.gov.co/municipio/geografia>.> Acceso em: 12 out. 2019.

UNIANDES. **Campo justo, innovación para la reducción de desigualdades en el campo colombiano**. 2019. Disponible em: <https://uniandes.edu.co/es/noticias/premios-y-reconocimientos/campo-justo-innovacion-para-la-reduccion-de-desigualdades-en-el-campo-colombiano>>. Acceso em: 23 nov, 2019.

VAN DER PLOEG, J. Peasant-driven agricultural growth and food sovereignty. **Journal of Peasant Studies**. 41:6, 999-1030. 2014

VARELA, N. Feminismo para principiantes. Madrid, 2019. 148 p.

VASCO, et. Al. Motivaciones para el consumo de productos agroecológicos en Quito. **Rev. Siembra**. p. 31 – 38. 2017.

VÁZQUEZ, V. Género, sustentabilidad y cambio social en el México rural, México, Colegio de Postgraduados en Ciencias Agrícolas, Especialidad en Estudios de Desarrollo Rural. p. 65-92. 1999.

VEGA, O; LOPEZ, F. Alimentos típicos de Boyacá, Colombia. **Revista Perspectivas em Nutrición Humana**, Medellín, v.14, n.2, p.21-30, Dec. 2012.

_____. Rastreando alimentos típicos de Boyacá, Colombia. Universidad de Antioquia. **Revista Perspectivas em Nutrición Humana**. Medellín. 2012.

VIA CAMPESINA. **Movimiento Campesino Internacional. La Vía Campesina Members.** Disponible em: <<https://viacampesina.org/es/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/List-of-members.pdf>>. Acesso em: 12 sep. 2019.

VIA CAMPESINA. **Que Es La Soberanía Alimentaria.** 2003. Disponible em: <<https://viacampesina.org/es/que-es-la-soberania-alimentaria/>>. Acesso em: 12 sep. 2019.

VÍA CAMPESINA. **Propuestas para una Agricultura Campesina Sostenible.** 2002. Disponible em: <<https://viacampesina.org/es/propuestas-para-una-agricultura-campesina-sostenible/>>. Acesso em: 1 de set, 2019.

VIVAS, E. **Soberanía alimentaria: la agricultura y la alimentación en nuestras manos.** Manu Robles Arangiz Institua. 2013. Disponible em: <https://www.mrafundazioa.eus/es/centro-de-documentacion/medioambiente/soberania-alimentaria-la-agricultura-y-la-alimentacion-en-nuestras-manos>. Acesso em: 2 de ago. de 2020.

WCM. **Exploring the Cooperative Economy** – Report 2018. Disponible em: <<https://www.ica.coop/sites/default/files/publication-files/wcm2018-web-1542524747.pdf>>. Acesso em: 25 Nov, 2019.

**7. APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO PARA PRODUTORES DE ALIMENTOS
(CAMPONESES) E QUESTIONARIO PARA CONSUMIDORES DE
ALIMENTOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE - PRODEMA
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COMUNIDADE – PRODUTORES
AGRICULTORES**

Entrevistador: _____

Data de entrevista: ____/____/____

Município: _____

Nome do entrevistado: _____

BLOCO 1 - ASPECTOS SOCIO ECONÔMICOS

1. Idade: ____

2. Gênero: _____

3. Grau de escolaridade do entrevistado

Alfabetização () Ensino fundamental () Ensino meio () Ensino superior ()

Pós – graduação ()

4. No. De Filhos ()

5. Idade dos filhos (Indique em relação a faixa de embaixo)

0 – 5 anos ()

6 – 10 anos ()

11 – 15 anos ()

16 – 20 anos ()

21 – 25 anos ()

Mais de 25 anos ()

Não tem filhos ()

6. Grau de escolaridade dos filhos: (Indique quantos dos seus filhos encontram-se em cada categoria).

Alfabetização ()

Ensino fundamental ()

Ensino meio ()

Ensino superior ()

Pós-graduação ()

N/A (Crianças menos de 5 anos e/ou não tem filhos) ()

7. Qual é o tipo de escola/instituto/universidade onde estudam seus filhos?

Privada () Pública ()

Localização: _____

8. Quantas pessoas moram em sua residência?

Até duas pessoas () Entre 3 e 4 pessoas () Entre 5 e 6 pessoas ()

7 ou mais pessoas ()

9. Quantas pessoas entre 6 e 18 anos moram em sua residência?

Nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais ()

10. Quantas pessoas menores de 5 anos moram em sua residência?

Nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais ()

BLOCO 2 - ASPECTO DE ASSOCIATIVISMO/COOPERATIVISMO

11. Qual é a sua atividade económica PRINCIPAL:

Agricultura () Pecuária ()

Outros ____ Quais? _____.

12. Outras atividades econômicas COMPLEMENTARIAS:

BLOCO 3 - ASPECTOS DE ASSOCIATIVISMO RURAL

13. Faz parte de uma associação?

Sim () Não ()

14. Qual é o tipo dessa associação?

Agricultores () Pecuáristas () Cafeeiros () Cacaueiros ()

Outra ____ Qual? _____.

N/A ()

15. Qual é o seu cargo?

Associado () Membro diretor () Presidente () Financeiro ()

Outro: _____

N/A ()

16. Há quanto tempo faz parte da associação?

Menos de 1 ano () 1 – 3 anos () 3 – 10 anos () Mais de 10 anos () N/A ()

17. Outros membros da sua família fazem parte de um grupo comunitário ou associação?

Sim () Não ()

18. A associação /cooperativa da qual você faz parte incentiva os agricultores em relação ao uso de sementes nativas?

Sim () Não () Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

19. A associação /cooperativa da qual você faz parte incentiva os agricultores a migrarem para agricultura do café?

Sim () Não () Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

20. A associação /cooperativa da qual você faz parte incentiva debates sobre questões ambientais na região?

Sim () Não () Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

21. Qual é a principal ação da associação/cooperativa de destaque para você?

Desenvolvimento de atividades de sensibilização ()

Capacitação em assuntos meio ambientais ()

Capacitação em assuntos de produção ()

Gestão de créditos ()

Outro () Qual?

Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

22. A associação atende suas necessidades enquanto produtor rural?

Sim () Não () Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

23. Qual principal aspecto a associação de produtores poderia melhorar?

Política de preço dos alimentos () Política de escoamento de produtos ()

Maior capacitação para os associados () Discussão de temas de interesse na área ()

Outro. Qual? _____

Não faz parte de nenhuma associação/cooperativa ()

24. Recebe assistência técnica por parte da Prefeitura Municipal para controle de pragas e processos de fertilização de cultivos?

Sim () Não ()

BLOCO 4 - ASPECTOS DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

25. A terra em que pratica a agricultura é:

Própria () Cedida () Alugada ()

Outra (). Qual?: _____

26. Quantos empregados permanentes tem na sua propriedade?

Menos de 3 () 3 – 5 () 6 – 10 () Mais de 10 () Nenhum ()

27. Quantos empregados temporários tem na sua propriedade?]

Menos de 3 () 3 – 5 () 6 – 10 () Mais de 10 () Nenhum ()

28. Quantos membros da sua família (com idade acima dos 18 anos) trabalham com atividades agrícolas na fazenda?

Todos trabalham () Mais da metade () Menos da metade ()

29. Os membros de sua família entre 18 e 35 anos tem interesse em continuar com as atividades agrícolas no meio rural?

Sim () Não ()

30. Algum membro de sua família entre 18 e 35 anos já deixou/abandonou o campo e se mudou para a cidade?

Sim () Não ()

31. Quais foram as razões para eles não permanecerem desenvolvendo as atividades da fazenda?

Melhores oportunidades de estudo () Melhores oportunidades de trabalho e renda ()

Motivações pessoais /de família ()

Outro. Qual? _____.

32. Dos membros que não permaneceram na fazenda, eles pretendem retornar para o campo no futuro?

Sim () Não ()

33. Qual é a área **aproximada** da sua propriedade? (Indique segundo a categoria)

Menos de 1Ha () 1Ha – 5Ha () 6Ha – 10Ha () 11Ha – 15Ha ()

16Ha – 20Ha () Mais de 20Ha ()

34. Qual é a área aproximada da sua propriedade que usa para produção agrícola?

Aproximadamente 100% () Aproximadamente 75% ()

Aproximadamente 50% () Aproximadamente 25% ()

35. Você faz uso de agrotóxicos em sua propriedade?

Sim () Não ()

Quais? (citar os três principais) _____

36. Você faz uso de fertilizantes químicos em sua propriedade?

Sim () Não ()

Quais? (citar os três principais) _____

37. Você faz uso de sementes geneticamente modificadas?

Sim () Não ()

Quais? (citar as três principais) _____

38. Você considera que a produção de alimentos na sua fazenda é orgânica?

Sim () Não ()

*Caso você acredite que sua propriedade seja de produção orgânica, responda as próximas duas perguntas:

39. Sua propriedade possui certificação para produção orgânica?

Sim () Não ()

40. Você já foi incentivado por algum órgão específico do governo a cadastrar sua propriedade como orgânica?

Sim () Não ()

41. Na associação/cooperativa existe este tipo de incentivo/debate com os produtores associados?

Sim () Não ()

42. Você compra sementes?

Sim () Não ()

43. Em caso positivo, quais aos três maiores tipos de sementes que vc adquire?

Grãos e cereais: milho, sorgo, arroz, feijão, trigo () Café () Frutas () Verduras

()

Legumes ()

44. Usa sementes nativas?

Sim () Não ()

Quais?

45. Sabe se na região do Valle de Tenza existe um banco de sementes nativas?

Sim () Não ()

Fica em qual cidade? _____

46. Em caso positivo, você já teve acesso a essas sementes para sua lavoura?

Sim () Não ()

47. Quais são 5 principais alimentos que mais cultiva em sua propriedade? Em ordem decrescente:

1º _____

2º _____

3º _____

4º _____

5º _____

48. Nos últimos 10 anos você deixou de cultivar algum alimento?

Sim () Não ()

Em caso positivo, quais foram os três alimentos que mais deixou de cultivar, em ordem decrescente) _____.

49. Qual é sua renda aproximada pela venda dos produtos que cultiva?

Menos de \$100.000 () Entre \$101.000 – \$500.000 () Entre \$501.000 – \$1.000.000 ()

Entre \$1.000.100 – \$2.000.000 () Entre \$2.000.000 e \$5.000.000 ()

Mais de \$5.000.000

50. Você acha que a relação custo/ benefício da sua produção de alimentos é positiva?

Sim () Não ()

51. Você percebe que nos últimos 10 anos a variedade de alimentos cultivados é a mesma?

Sim () Não ()

52. Quais alimentos que antes eram produzidos na região do Valle de Tenza não são mais cultivados atualmente e/ou quais tem diminuído em quantidade de produção? Cite 3 em ordem decrescente)

1º: _____

2º: _____

3º: _____

BLOCO 5 – ASPECTOS DO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

53. Qual é a destinação dos alimentos produzidos em sua propriedade?

Apenas autoconsumo () Apenas venda () Autoconsumo e venda ()

54. Em caso onde seja feita a venda, como é feito o escoamento desses alimentos?

Venda direta aos consumidores na minha propriedade ()

Venda em feiras livres ou mercados públicos ()

Venda para hotéis ()

Venda para restaurantes ()

Venda para supermercados ()

Venda no mercado municipal ()

Outro () Qual? _____.

55. Comercializa os produtos através de um intermediário?

Sim () Não ()

56. Caso positivo, cite o principal fator que lhe motiva a isso:

Ausência de transporte próprio ()

Ausência de meio de transporte coletivo ()

Gasto com combustível ()

Distância longa entre a propriedade e os principais centros de venda ()

Comodidade familiar ()

Outro. Qual? _____

57. Vende seus produtos fora do município e/ou da região?

Sim () Não ()

58. Comercializa seus produtos através de uma associação?

Sim () Não ()

59. Qual é o nome da associação?

_____.

60. O preço é estabelecido pela associação?

Sim () Não ()

61. Você acha justo o preço estabelecido pela associação?

Sim () Não ()

BLOCO 6 - ASPECTOS AMBIENTAIS

62. Qual é o método de irrigação que utiliza?

Aspersão () Gotejamento ()

Outro ____ Qual? _____.

63. Qual é a fonte de água para irrigação?

Nascente () Captação de água de chuva () Reservatório ()

Outro ____ Qual? _____.

64. Na temporada de chuva quais são as precauções para manter a produção de alimentos?

1º: _____

2º: _____

3º: _____

65. Na temporada seca quais são as medidas para manter a produção?

1º: _____

2º: _____

3º: _____

66. Faz compostagem?

Sim () Não ()

67. Faz coleta seletiva?

Sim () Não ()

68. A prefeitura faz a coleta dos resíduos sólidos na sua propriedade?

Sim () Não ()

69. Usa equipamento de proteção para a aplicação dos produtos para fertilização e/ou controle de pragas?

Sim () Não () N/A (Não ussa esses produtos) ()

Em caso positivo, quais? _____

70. Tem uma área exclusiva para armazenamento desse tipo de produto?

Sim () Não () N/A (Não ussa esses produtos) ()

71. Como faz a disposição dos resíduos de embalagem dos produtos químicos que utiliza?

Queima () Devolve ao fornecedor () Reaproveita () Despeja no lixo comum ()

Outros () Quais? _____

N/A (Não ussa esses produtos) ()

72. Em relação às condições dos seguintes aspectos como você qualifica o estado atual deles?

(Marcar valores entre 1 – 5) 1 = Ruim 5 = Ótima

Qualidade dos solos (Nível produtivo) ____

Água para irrigação ____

Água para consumo ____

Biodiversidade fauna ____

Biodiversidade flora ____

73. Como você acha que a sua atividade produtiva influencia nas condições ambientais?

Degradação dos solos ____

Degradação do recurso hídrico ____

Perca de biodiversidade ____

Desmatamento ____

Emissões de CO₂ ____

74. Nos últimos 10 anos, tem identificado variabilidade nas condições ambientais que tem afetado a produção na sua fazenda?

Sim () Não ()

75. Você acha que a QUALIDADE dos alimentos tem diminuído nos últimos 5 anos?

Sim () Não ()

76. Em caso positivo, você atribui isso a que? Marque os três principais fatores (em ordem decrescente)

Uso abusivo de agrotóxicos () Uso abusivo de fertilizantes ()

Substituição de sementes nativas por sementes modificadas ()

Substituição de culturas tradicionais pelo café ()

Substituição de culturas tradicionais por culturas exóticas ()

Falta de água na região () Pouca mão-de-obra dedicada ao campo ()

Falta de políticas públicas destinadas à agricultura familiar ()

Outro () Qual? _____

77. Você acha que a QUANTIDADE dos alimentos tem diminuído nos últimos 5 anos?

Sim () Não ()

78. Em caso positivo, você atribui isso a que? Marque os três principais fatores (em ordem decrescente)

Uso abusivo de agrotóxicos () Uso abusivo de fertilizantes ()

Substituição de sementes nativas por sementes modificadas ()

Substituição de culturas tradicionais pelo café ()

Substituição de culturas tradicionais por culturas exóticas ()

Falta de água na região () Pouca mão-de-obra dedicada ao campo ()

Falta de políticas públicas destinadas à agricultura familiar ()

Outro () Qual? _____

BLOCO 7 - ASPECTOS DA ALIMENTAÇÃO

79. Qual é o valor aproximado destinado para compra de alimentos por mês?

_____.

80. Nos últimos 10 anos, os alimentos das suas refeições têm mudado?

Sim () Não ()

81. Quais pratos típicos da região conhece? Cite os 5 principais, em ordem decrescente.

1º _____

2º _____

3º _____

4º _____

5º _____

82. Quais dos pratos típicos ainda são preparados na sua família? Cite os 5 principais, em ordem decrescente.

1º _____

2º _____

3º _____

4º _____

5º _____

83. Você acha que a qualidade da alimentação da sua família é:

Boa () Regular () Ruim ()

BLOCO 8 - ASPECTOS DE SAÚDE

84. Quais são as doenças mais comuns na sua família?

DOENÇA	MULHERES (Adultos)	HOMENS (adultos)	CRIANÇAS E ADOLESCENTES
Problemas gástricos			
Problemas respiratórios			
Problemas cutâneos			
Dor de cabeça			
Anemia			
Infecciones urinarias			
Problemas cardíacos e vasculares			
Outra: _____			

85. Como trata as doenças na sua família?

Tratamento com medicamentos farmacêuticos () Remédios caseiros ()

Outros () Quais? _____.

86. Qual é a principal fonte de água que tem na sua propriedade da sua residência?

Nascente () Cisterna () Poço profundo () Captação de água de chuva ()

Sistema de abastecimento público ()

Outro () Qual? _____.

87. Qual é a destinação dos efluentes líquidos que saem da sua casa?

Despejados diretamente nos rios da região () Tratamento público ()

Irrigação da agricultura da comunidade ()

Outro (). Qual? _____

BLOCO 9 - ASPECTOS DE ENTRAVE À PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

88. Quais são as dificuldades identificadas nos processos de produção de alimentos na sua propriedade?

89. Quais são as dificuldades identificadas para a comercialização dos produtos?

90. Você tem pensado mudar sua forma de produção e o tipo de alimentos que cultiva?

Sim () Não ()

Explique

BLOCO 10 - AGRICULTURA DO CAFÉ

91. Há 10 anos atrás você plantava café?

Sim () Não ()

92. Há quanto tempo cultiva esse tipo de grão?

Menos de 5 anos () Entre 5 e 10 anos () 11 anos ou mais ()

93. Atualmente você planta café?

Sim () Não ()

94. Nos últimos anos você aumentou o número de plantas de café na sua propriedade?

Sim () Não ()

95. Quantas variedades de café você planta?

Apenas 1 () Entre 2 e 4 () Mais de cinco ()

Quais?

96. As variedades de café da sua propriedade são variedades do Valle de Tenza ou são exóticas?

Origem no Valle do Tenza () Origem externa ao Valle de Tenza ()

97. Se você não planta café atualmente, como você vê a possibilidade de cultivar este alimento num futuro próximo?

Pretende plantar () Não pretende plantar ()

98. Se você **não deseja** plantar, especifique a principal motivação

Questões ambientais () Questões sociais () Questões econômicas ()

Outro () Qual _____

99. Se você **deseja** plantar, especifique a principal motivação para isso:

Melhor recompensa financeira () Maior status ()

Possibilidade de deixar terra/bem para herdeiros ()

Estabilidade econômica devido aos maiores ganhos ()

Outro (). Qual: _____

100. O café que produz na sua fazenda é destinado para:

Autoconsumo () Venda () Autoconsumo e venda ()

*Caso sua produção seja destinada à venda, responda as seguintes perguntas:

101. Você vende o café:

Diretamente ao consumidor () Para um intermediário ()

Direto para o ponto de venda (mercado/supermercado) ()

Para cooperativa/associação de cafeicultores? ()

Outro (). Qual? _____.

102. Quais das partes do processo do café faz você mesmo?

Plantio () Colheita () Fermentação () Secagem () Torra ()

Moagem () Embalagem () Comercialização ()

103. Você acha que a produção de café tem se acrescentado nos últimos dez anos?

Sim () Não ()

104. Você exporta o seu café?

Sim () Não ()

105. Caso negativo, tem interesse na exportação do grão?

Sim () Não ()

BLOCO 11 - ASPECTOS DE GÊNERO

106. Quantas mulheres adultas residem na residência?

Apenas 1 () Entre 2 e 4 () 5 ou mais ()

107. As mulheres adultas que residem na casa tem um trabalho próprio, fora de casa?

Sim () Não ()

108. As mulheres adultas que residem na casa atuam na agricultura?

Sim () Não () Nem todas ()

Em caso positivo, responda:

109. Quantas horas as mulheres adultas que residem na sua casa se dedicam às atividades do campo?

Menos de uma hora/dia () Entre 2 e 4 horas/dia () Entre 5 e 8 horas/dia ()

9 horas/dia ou mais ()

110. A mulher desempenha as mesmas tarefas que os homens no campo?

Sim () Não ()

111. Como é feita a divisão da renda obtida com as atividades agrícolas entre homens e mulheres que moram na sua casa?

Existe divisão de renda entre homens e mulheres adultos ()

Não existe divisão de renda entre homens e mulheres adultos ()

112. Quem é o responsável pela gestão dos recursos financeiros da família?

Homem () Mulher () Os dois ()

113. Quem é o responsável pelos cuidados e organização da casa?

Homem () Mulher () Os dois ()

114. Quem o responsável pelos cuidados com a alimentação?

Homem () Mulher () Os dois ()

115. Quem é o responsável pelos cuidados com os filhos?

Homem () Mulher () Os dois ()

116. As mulheres adultas que residem na mesma casa participam das assembleias ou reuniões na associação/cooperativa agrícola?

Sim () Não ()

117. As mulheres adultas que residem na mesma casa participam de grupos de apoio ou organizações especiais direcionadas ao público feminino?

Sim () Não ()

118. As mulheres adultas que residem na sua casa tem o mesmo poder de decisão na rotina da casa que os homens?

Sim () Não ()



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE - PRODEMA

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COMUNIDADE – CONSUMIDORES DE ALIMENTOS

Entrevistador: _____

Data de entrevista: / /

Município:

Nome _____ **do** _____ **entrevistado:** _____

Bloco 1 - ASPECTOS SOCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Idade: _____

2. Gênero: _____

3. Grau de escolaridade do entrevistado

Alfabetização () Ensino fundamental () Ensino meio () Ensino técnico ()

Ensino superior () Pós-graduação ()

4. Qual é o seu estado civil?

Casada(o) () Solteira(o) () Divorciada(o) () Viúva(o) () Outros - UL ()

5. No. De Filhos _____

6. Idade dos filhos (Indique em relação a faixa de embaixo)

0 – 5 anos ()

6 – 11 anos ()

12 – 17 anos ()

Entre 18 e 30 anos ()

Acima de 31 anos ()

7. Grau de escolaridade dos filhos: (Indique quantos dos seus filhos encontram-se em cada categoria).

Alfabetização ()

Ensino fundamental ()

Ensino meio ()

Ensino superior ()

Pós-graduação ()

N/A (Crianças que ainda não estão em idade escolar) ()

8. Qual é o tipo de escola/instituto/universidade onde estudam seus filhos?

Privada () Pública ()

Localização: _____

9. Quantas pessoas moram em sua residência?

Até duas pessoas () Entre 3 e 4 pessoas () Entre 5 e 6 pessoas ()

7 ou mais pessoas ()

10. Quantas pessoas menores de 5 anos moram em sua residência?

Nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais ()

11. Quantas pessoas entre 6 e 18 anos moram em sua residência?

Nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais ()

12. Você é o (a) provedor (a) da casa?

Sim () Não ()

13. Atividade económica PRINCIPAL:

Pecuária () Agricultura () Comercio () Repartição Pública ()

Outros () Quais? _____.

14. Quantos dos membros da sua família trabalham?

Todos trabalham () Mais da metade () Menos da metade ()

15. Quantos membros da sua família estão desempregados?

Apenas 1 () Entre 2 e 3 () Entre 3 e 5 () Mais que 5 ()

16. Qual é a renda aproximada na sua família?

Até 1 salário mínimo () Entre 1 y 2 salários mínimos () Entre 3 y 5 salários mínimos ()

Entre 6 e 10 salários mínimos () Acima de 10 salários mínimos

17. Qual a condição dos jovens de sua família, com idade entre 18 e 35 anos em relação ao estudo e trabalho?

Estudam () Trabalham () Trabalham e estudam ()

Nem trabalham nem estudam ()

BLOCO 3 - AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS NO VALLE DE TENZA

18. Nos últimos 10 anos, você percebeu que houve diferença na oferta de alimentos?

Sim () Não ()

19. Quais alimentos que antes eram produzidos na região do Valle de Tenza não são mais encontrados atualmente e/ou quais tem diminuído a sua oferta?

Frutas: _____, _____, _____.

Legumes: _____, _____, _____.

Verduras: _____, _____, _____.

Tubérculos: _____, _____, _____.

Cereais: _____, _____, _____.

20. Na temporada de chuva o preço dos alimentos aumenta?

Sim () Não ()

21. Na temporada seca o preço dos alimentos aumenta?

Sim () Não ()

22. Nos últimos 10 anos você observou um aumento no número de marcas de café nos mercados?

Sim () Não () Não percebi ()

23. Nos últimos 10 anos você percebeu uma melhora na qualidade do café da região?

Sim () Não () Não percebi ()

24. Qual é a sua maior motivação para aquisição de alimentos frescos?

Preço () Qualidade () Hábitos familiares ()

25. Você compra alimento de acordo com a safra?

Sim () Não ()

26. Você dá preferência às marcas de café da região em detrimento aos cafés da região?

Sim () Não ()

27. Se sim, marque a reposta que melhor representa esta motivação:

Café de melhor qualidade () Valorização da agricultura local ()

Valorização da agricultura () Familiar () Geração de emprego e renda para a região ()

Outro _____

28. Se não, marque a resposta que melhor representa a motivação em:

Preços elevados das marcas locais ()

Qualidade do café é igual ou inferior aos outros

tipos de café comercializados em outras regiões ()

Desconhecimento de marcas locais ()

Falta de propaganda e divulgação dos cafés locais ()

29. Você compra alimentos como frutas, legumes e cereais em:

Supermercados () Mercado municipal () Diretamente aos produtores rurais ()

Outro _____

30. Onde você compra os alimentos para sua família?

No município/região () Fora do município/região ()

31. Quais são as motivações para você comprar alimentos neste local?

Melhor preço () Logística () Melhor qualidade ()

Outro _____

32. Quanto da renda familiar é destinada para a aquisição de alimentos?

Menos de \$100.000 () \$101.000 – \$500.000 () 501.000 – \$1.000.000 ()

Acima de \$1.000.000 ()

33. Qual é a origem dos alimentos que você compra?

De cultivos orgânicos () De agricultura familiar ()

De produção agrícola-convencional () Não sei responder ()

ASPECTOS SOBRE HÁBITOS ALIMENTARES

34. Você acha que a QUANTIDADE dos alimentos frescos (frutas, vegetais, verduras e tubérculos) na sua região mudaram nos últimos 10 anos?

Sim () Não ()

35. Você acha que a QUALIDADE dos alimentos frescos (frutas, vegetais, verduras e tubérculos) na sua região mudaram nos últimos 10 anos?

Sim () Não ()

36. Em caso positivo, marque o quadro abaixo:

Atributo	Melhorou	Piorou
Aparência		
Tamanho		
Cor		
Sabor		

37. Ainda sobre este tema, qual seria a principal razão dessa mudança?

Mudança no modo de praticar a agricultura ()

Mudanças no perfil dos agricultores ()

Pouco cuidado com meio ambiente ()

Uso abusivo de agrotóxicos ()

Substituição de culturas nativas ()

38. Cite 3 pratos típicos da região que você conhece? (em ordem decrescente de importância)

1º: _____

2º: _____

3º: _____

39. Estes pratos citados por você são preparados pela sua família?

Sim () Não ()

40. Qual é a sua percepção sobre a qualidade da alimentação da sua família?

Boa () Regular () Ruim ()

41. Você acredita que os alimentos encontrados no mercado hoje representam a cultura da região?

Sim () Não () Não sei ()

42. Você sente falta de algum alimento específico que era consumido em épocas passadas e já não é encontrado ou consumido mais nos dias atuais:

Sim () Não () Não me lembro ()

43. Em caso positivo, enumere em ordem decrescente os alimentos que você mais sente falta que já não são encontrados com facilidade hoje:

1º: _____

2º: _____

3º: _____

44. Você acredita que gerações futuras terão acesso aos alimentos que você e sua família consomem hoje?

Sim () Não ()

45. Você acredita que os hábitos alimentares que são mantidos hoje pela sua família são hábitos parecidos aos que gerações passadas da sua família mantinham?

Sim () Não ()

46. Seus filhos tem a mesma alimentação que os adultos em ambiente doméstico?

Sim () Não () NA ()

47. A alimentação na sua residência é mais baseada em:

Alimentos frescos, da terra () Alimentos processados ()

ASPECTOS DE SAÚDE

48. Quais são as doenças mais comuns na sua família?

DOENÇA	MULHERES (Adultos)	HOMENS (adultos)	CRIANÇAS E ADOLESCENTES
Problemas gástricos			
Problemas respiratórios			
Problemas cutâneos			

Dor de cabeça			
Anemia			
Infecciones urinarias			
Problemas cardíacos e vasculares			
Outra: _____			

49. Como trata as doenças na sua família?

Tratamento com medicamentos farmacêuticos () Remédios caseiros ()

Outros () Quais _____

50. Você acredita que as doenças da sua família podem estar relacionadas com o tipo de alimentação que é mantido em sua residência?

Sim () Não ()

51. O número de doenças de sua família aumentou nos últimos 10 anos?

Sim () Não ()

ASPECTOS SANITÁRIOS E AMBIENTAIS

52. Você sabe o que são os agrotóxicos?

Sim () Não ()

53. Conhece os riscos relacionados com o uso de agrotóxicos?

Sim () Não ()

54. Já ouviu falar em agricultura orgânica?

Sim () Não ()

55. Em caso positivo, qual sua opinião dela em relação à agricultura tradicional?

Igual () Melhor () Pior () Não sei responder ()

56. Já ouviu falar em agricultura familiar?

Sim () Não ()

57. Em caso positivo, qual sua opinião dela em relação à agricultura familiar?

Igual () Melhor () Pior () Não sei responder ()

58. Como é a presença de água na comunidade:

Regular (a água está presente durante todo o ano) ()

Irregular (a água só está limitada apenas à algumas épocas do ano) ()

59. Qual é a principal fonte de água da sua residência?

Nascente () Cisterna () Poço profundo () Captação de água de chuva ()

Sistema de abastecimento público ()

Outro () Qual? _____.

60. Qual é a destinação dos efluentes líquidos que saem da sua casa?

Despejados diretamente nos rios da região ()

Tratamento público ()

Irrigação da agricultura da comunidade ()

Outro _____

61. Você percebe alguma modificação no meio ambiente (paisagens, pessoas, animais, rios, alimentos) na região do Valle do Tenza nos últimos 10 anos?

Sim () Não ()

62. Você acredita que a agricultura sofreu alguma alteração nesses últimos 10 anos?

Sim () Não ()

63. Você sabia que a região do Valle de Tenza atualmente se destaca como uma região importante na produção de café na Colômbia?

Sim () Não ()

64. Na sua percepção, a agricultura cafeicultora na região traz benefícios ou prejuízos à população local?

Benefícios () Prejuízos ()

65. No seu ambiente de convívio social, questões ambientais são discutidas?

Sim () Não ()

66. Se sim, com qual frequência?

Muito raramente (entre uma e cinco vezes por ano) () Até seis vezes por ano ()

Entre 6 e 12 vezes ao ano () Sempre (mais de 12 vezes ao ano) ()

8. APÊNDICE 2. LISTA DE ALIMENTOS MENCIONADOS PELOS PRODUTORES E CONSUMIDORES DE GUATEQUE E GUAYATÁ. NOME COMUM EM COLÔMBIA E BRASIL, E NOME CIENTÍFICO

NOME COMUM COLÔMBIA	NOME COMUM BRASIL	NOME CIENTÍFICO
Ajo	Alho	<i>Allium sativum</i>
Aguacate	Abacate	<i>Persea americana</i>
Ahuyama	Abobora	<i>Cucurbita máxima</i>
Arracacha	Mandioquinha	<i>Arracacia xanthorrhiza</i>
Arándano	Mirtilo	<i>Vaccinium myrtillus</i>
Arroz	Arroz	<i>Oryza sativa</i>
Arveja	Ervilha	<i>Pisum sativum</i>
Banano o plátano	Banana	<i>Musa paradisiaca</i>
Baluy	-	<i>erythrina edulis</i>
Breva	Figo	<i>Ficus carica</i>
Caña de azúcar	Cana de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>
Cebada	Cevada	<i>Hordeum vulgare</i>
Cebolla	Cebola	<i>Allium cepa</i>
Chamba	Guabiroba	<i>Campomanesia lineatifolia</i>
Chirimoya	Chirimoia	<i>Annona cherimola</i>
Cilantro	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>
Cubios	Cubios	<i>Tropaeolum tuberosum</i>
Curuba	Maracujá banana	<i>Passiflora ligularis</i>
Durazno	Pêssego	<i>Prunus persica</i>
Espinaca	Espinafre	<i>Spinacia oleracea</i>
Feijoa	Feijoa	<i>Acca sellowiana</i>
Frijol	Feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i>
Garbanzo	Grão de bico	<i>Cicer aietinum</i>
Granadilla	Granadilha	<i>Passiflora ligularis</i>
Ciruela	Ameixa	<i>Prunus domestica</i>
Guama	Ingá de metro	<i>Inga edulis</i>
Guatila	Chuchu	<i>Sechium edule</i>
Guayaba	Goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Gulupa	Maracujá roxo	<i>Passiflora pinnatistipula</i>
Habas	Feijão fava	<i>Vicia fava</i>
Habichuela	Feijão verde	<i>Phaseolus vulgaris</i>
Lechuga	Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Lenteja	Lentilha	<i>Lens culinaris</i>
Limón	Limão	<i>Citrus limon</i>
Lulo	Lulo	<i>Solanum quitoense</i>
Mamoncillo	Pitomba das guianas	<i>Melicoccus bijugatus</i>
Mandarina	Tangerina	<i>Citrus reticulata</i>
Manzana	Maçã	<i>Malus domestica</i>
Manzana de agua	Macieira brava	<i>Malus silvestris</i>
Maracuyá	Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>
Mararai	-	<i>Aiphanes horrida</i>

Maíz	Milho	<i>Zea mays</i>
Mora andina	Amora andina	<i>Rubus galucus</i> Benth
Nabo	Nabo	<i>Brassica rapa</i> subsp. <i>rapa</i>
Naranja	Laranja	<i>Citrus X sinensis</i>
Níspero	Nêspêra – Ameixa amarela	<i>Eriobotrya japonica</i>
Papa	Batata	<i>Solanum tuberosum</i>
Papaya	Mamão	<i>Carica papaya</i>
Pepino	Pepino	<i>Cucumis sativus</i>
Pimentón	Pimentão	<i>Capsicum annuum</i>
Pomarrosa	Jambo	<i>Syzygium jambos</i>
Remolacha	Beterraba	<i>Beta vulgaris</i>
Repollo	Repolho	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i>
Ruba	Papalisa	<i>Ullucus tuberosus</i> C.
Sagu	Araruta	<i>Maranta arundinacea</i>
Tomate	Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>
Tomate de árbol	Tomate de árvore - Tamarillo	<i>Solanum betaceum</i>
Trigo	Trigo	<i>Triticum</i>
Uva	Uva	<i>Vitis ninfêra</i> L.
Uchuva	Physalis	<i>Physalis peruviana</i>
Yuca	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>
Zanahoria	Cenoura	<i>Daucus carota</i> subsp. <i>sativus</i>
Zapote	Mamey	<i>Pouteria sapota</i>

9. APÊNDICE 3. DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DO COMITÉ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOBERANIA ALIMENTAR NA REGIÃO DO VALLE DE TENZA, BOYACÁ, COLÔMBIA: TRANSIÇÃO DE AGRICULTURA FAMILIAR PARA A MONOCULTURA

Pesquisador: Jennifer Lorena Avendaño Zambrano

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03833218.8.0000.5188

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.062.631

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa egresso do PROGRAMA REGIONAL DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE - Nível Mestrado, do CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, da aluna JENNIFER LORENA AVENDAÑO ZAMBRANO, sob orientação : Profa. Dra. Flávia de Oliveira Paulino.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a transição da agricultura familiar para a agricultura comercial na região do Valle de Tenza, Boyacá, Colômbia e seus impactos na população local.

Objetivos Secundários:

- Delimitar a região onde ocorre o processo de transição agrícola da agricultura familiar para a monocultura do café através de mapeamento geográfico;
- Investigar aspectos sociais e econômicos dos agricultores familiares envolvidos no processo de transição agrícola de policultura de alimentos regionais para monocultura de café;
- Pesquisar sobre a produção e acesso aos alimentos dos agricultores familiares da região;

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.062.631

- Identificar a disponibilidade e variedade de alimentos no comércio local;
- Investigar práticas de alimentação na região e compará-las com dados da literatura.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O presente estudo não oferecido riscos previsíveis para a saúde dos participantes, no entanto poderá ocorrer situação de constrangimento, desconforto emocional, para que isso não venha a acontecer, será escolhido um local sem a interferência de pessoas alheias ao estudo.

Benefícios:

Os resultados da pesquisa serão úteis como ferramenta para a formulação de políticas públicas na região do Valle de Tenza.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto apresenta coerência científica, mostrando relevância para a academia, haja vista a ampliação do conhecimento, onde se busca, principalmente, investigar a transição da agricultura familiar para a agricultura comercial na região do Valle de Tenza, Boyacá, Colômbia e seus impactos na população local.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos de Apresentação Obrigatória, foram anexados tempestivamente.

Recomendações:

RECOMENDAMOS QUE AO TÉRMINO DA PESQUISA A PESQUISADORA RESPONSÁVEL ENCAMINHE AO COMITÊ DE ÉTICA PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, RELATÓRIO FINAL E DOCUMENTO DEVOLUTIVO COMPROVANDO QUE OS DADOS FORAM DIVULGADOS JUNTO À INSTITUIÇÃO ONDE OS MESMOS FORAM COLETADOS, AMBOS EM PDF, VIA PLATAFORMA BRASIL, ATRAVÉS DE NOTIFICAÇÃO, PARA OBTENÇÃO DA CERTIDÃO DEFINITIVA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista o cumprimento das formalidades éticas e legais, somos de parecer favorável a execução do presente projeto, da forma como se apresenta, salvo melhor juízo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.002.631

Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1286329.pdf	30/11/2018 11:52:06		Aceito
Cronograma	LORENA_CRONOGRAMA.pdf	30/11/2018 11:51:14	Jennifer Lorena Avendaño Zambrano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	LORENA_TCLE.pdf	30/11/2018 11:50:39	Jennifer Lorena Avendaño Zambrano	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	30/11/2018 11:50:22	Jennifer Lorena Avendaño Zambrano	Aceito
Outros	LORENA_CERTIDAO.pdf	30/11/2018 11:49:53	Jennifer Lorena Avendaño Zambrano	Aceito
Folha de Rosto	LORENA_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	30/11/2018 11:49:27	Jennifer Lorena Avendaño Zambrano	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 06 de Dezembro de 2018

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br